

MELINA DE LA BARRERA AYRES
VALENTINA DA SILVA NUNES
Organizadoras

ESTRELAS DO AQUÁRIO

VOLUME 2

HISTÓRIAS DE QUEM FAZ PARTE DOS 40 ANOS
DO JORNALISMO UFSC



MELINA DE LA BARRERA AYRES
VALENTINA DA SILVA NUNES
(Organizadoras)

ESTRELAS DO AQUÁRIO

HISTÓRIAS DE QUEM FAZ PARTE DOS 40 ANOS DO JORNALISMO UFSC

VOLUME 2
1ª edição

FLORIANÓPOLIS
2021



Edição de texto

Melina de la Barrera Ayres
Valentina da Silva Nunes

Projeto Gráfico

Ildo Francisco Golfetto
Sofia Dietmann

Capa

Daniela Müller
Sofia Dietmann

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da Universidade Federal de Santa Catarina

E82 Estrelas do aquário [recurso eletrônico] : histórias de quem faz parte dos 40 anos do Jornalismo UFSC : volume 2 / Melina de la Barrera Ayres, Valentina da Silva Nunes (organizadoras). – Florianópolis : UFSC, 2020. 147 p. : il.

E-book (PDF)

ISBN 978-65-87206-41-7

1. Jornalismo – História – Santa Catarina. 2. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Curso de graduação em Jornalismo – História. I. Ayres, Melina de la Barrera. II. Nunes, Valentina da Silva.

CDU: 07.01(816.4)

Elaborada pelo bibliotecário Fabrício Silva Assumpção – CRB-14/1673



SUMÁRIO

PREFÁCIO	6
APRESENTAÇÃO	9
CAMILA BRANDALISE – ESCOLHAS DE UMA ALUNA INTENSA	13
CRISTIANE FONTINHA – PELAS LENTES DE CRIS	20
DAIANE BERTASSO – CONCRETIZANDO SONHOS	29
EMERSON GASPERIN – SERIEDADE DESCOMPROMISSADA	35
FELIPE SALES – UM APAIXONADO PELA TV... DESDE SEMPRE!	42
FLÁVIA GUIDOTTI – SOFIA, JORNALISMO E FEMINISMO: OS TRÊS PILARES DE FLÁVIA GUIDOTTI	51
FRANCISCO KARAM – O MESTRE	56
LAINÉ VALGAS – LUZ, CÂMERA E EMOÇÃO	62
LÚCIA HELENA VIEIRA – NADA MELHOR QUE O TEMPO	69
MAYARA VIEIRA – SEMPRE FOI O SEU LUGAR	76


MOACIR PEREIRA - O PRECURSOR	87
PETER LOBO - "ESSE JORNALISMO NÃO ME LARGA!"	94
ROGÉRIO CHRISTOFOLETTI - A GENTE EVOLUI AGORA	100
STEFANIE CARLAN DA SILVEIRA - MUNDO O MUNDO EM PEQUENAS PARCELAS	107
UPIARA BOSCHI - NÃO DEVO NADA A NINGUÉM	114
AS ORGANIZADORAS	122
OS REPÓRTERES	124

PREFÁCIO

Ângela Bastos*

Quase fim de agosto e chega o convite para escrever estas linhas. Encontrava-me sozinha, única cabeça atrás do computador, imersa num ambiente silenciosamente avesso ao burburinho típico de uma redação. Tinha motivos para o friozinho na barriga. Não só por ser a primeira vez que assinaria um prefácio, mas pela ideia partir do curso de graduação em Jornalismo da renomada Universidade Federal de Santa Catarina. Uma honraria dar continuidade ao e-book *Estrelas do Aquário: histórias de quem fez e faz parte dos 40 anos de Jornalismo da UFSC*, uma coletânea de perfis de jornalistas, professores, servidores e terceirizados que fazem parte dessa trajetória. Havia outros motivos, como saber que a escolha do meu nome se dava por duas condições que me são caras: ser mulher e ser mulher jornalista. Não bastasse isso, fui informada de que o primeiro volume tinha a assinatura de José Hamilton Ribeiro, o “Repórter do Século”. Dar sequência ao elegante texto do respeitado jornalista, correspondente da guerra no Vietnã (1959-1975) e que aos 85 anos de idade ainda nos brinda com saborosas reportagens especiais sobre a vida no campo, colocava-se como um belo desafio.

Em meio a tudo isso, cabia achar um fio que conduzisse a uma narrativa amarrada ao cotidiano dos protagonistas desta obra. Pensei não haver outro assunto se não aquele que marca nossas existências no ano de 2020, a pandemia do novo coronavírus. O tema, o qual caberia a um prefácio da Medicina, da Enfermagem ou de outra área da saúde, se encaixa também aqui por um inegável motivo: ao forçar o distanciamento social o



coronavírus flechou o coração da atividade jornalística na sua veia mais sensível, o contato com as pessoas. O vírus identificado no final de 2019, em Wuhan, na China, rapidamente se alastrou pelo planeta, e impôs ao Jornalismo uma outra performance, uma outra forma de produzir, investigar, divulgar. Tudo isso sem que pudesse abrir mão da sua missão essencial, a de informar. Realidade que se tornou mais exigente diante de um governo negacionista, para quem apesar do potencial infeccioso e mortal, a doença não passava de uma 'gripezinha'. Para enfrentar deboches como este e desautorizações do próprio Ministério da Saúde foi preciso se desdobrar. Os maiores jornais e portais de notícias do país (*O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo, G1 e UOL*) formaram um consórcio inédito para apurar e divulgar, de forma coletiva, informações sobre a evolução da pandemia. A iniciativa foi uma resposta à decisão da presidência de restringir o acesso a dados sobre a pandemia.

Enquanto isso, nossas rotinas de trabalho foram totalmente alteradas. Aulas presenciais suspensas, nas ruas incorporamos o uso de máscaras e de luvas, fomos condicionados a fazer perguntas à distância nas coletivas, entrevistamos por áudios, vídeos, e-mail. O olho no olho com médicos, especialistas, lideranças políticas, empresarias e comunitárias foi substituído por informações via aplicativos. Nossas casas transformaram-se em estúdios, comentaristas entrando no ar a partir de ligações pela internet. Podemos usar gravatas e chinelos, sem que o telespectador perceba. Nossos ao vivo proporcionaram contato mais íntimo com quem estava do outro lado da tela, ao ponto que latidos de cachorro, miados de gatos e criança pedindo colo fizeram parte do novo normal.

Como repórter que sou, não poderia abrir mão da minha experiência e olhar pessoal sobre o impacto da pandemia no jornalismo destes tempos. Mas também me debrucei atentamente sobre as entrevistas feitas pelos alunos de Jornalismo para produção do e-book. São sobre sentimentos que falam os textos. Da difícil volta à rotina de trabalho após licença maternidade, o valor da profissão quando se consegue fazer parte da vida das pessoas, passando pela ruptura do mito da imparcialidade diante do sofrimento de alguém a quem queremos bem, como prisão e morte. Assim como as coisas que permeiam nossa realidade: dificuldades técnicas para uma entrevista, quebra de monotonia com a chegada de uma notícia de última hora, necessidade de reinvenção de conteúdos em multiplataformas. Incluindo-se os compromissos com a democracia, com a política de cotas para pessoas negras, indígenas, cadeirantes, trans e o gosto por contar histórias.

Oxalá não tenha o mundo que conviver com mais pandemias. Mas, assim como o presente nos fez recorrer aos jornais de um século atrás para ver como a imprensa tratou a Gripe Espanhola (1918-1919), quem dera este e-book sirva como futura fonte de pesquisa sobre o papel relevante de uma instituição que se preocupa com a matéria-prima do jornalismo, a vida das pessoas. Afinal, como nos deixou de legado outro grande repórter, Geneton Moraes Neto, (1956-2016), “fazer Jornalismo é escrever memórias”. E isso o Jornalismo da UFSC sabe fazer muito bem.



***Ângela Bastos:** Com a trajetória pautada pela produção de matérias voltadas para os direitos humanos, a jornalista tem o título de “Jornalista Amiga da Criança” (UNICEF) e conquistou prêmios importantes na carreira, como Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, Tim Lopes, Guga Kuerten, Santos Dumont, CNBB, Ministério Público do Trabalho, Organização Internacional de Migração (ONU), Cidadania Mundial.

APRESENTAÇÃO

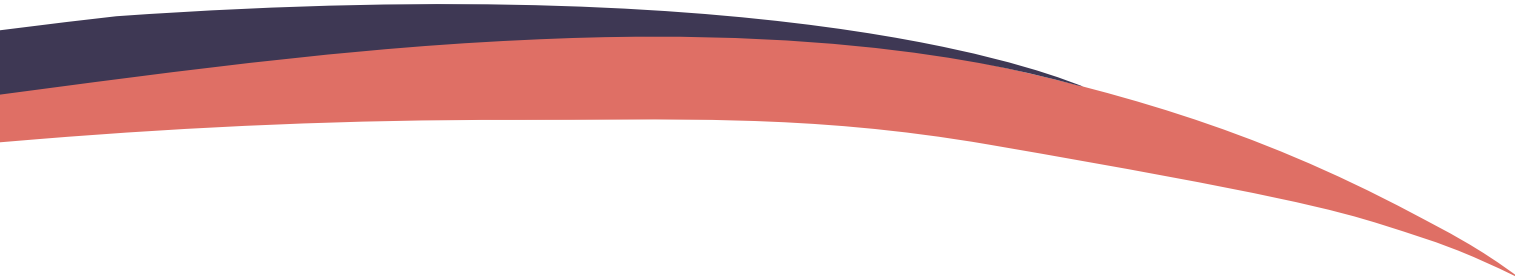
Melina de la Barrera Ayres & Valentina da Silva Nunes

As “estrelas” do Aquário estão de volta. Neste segundo volume do e-book que encerra o período de comemorações dos 40 anos do Curso de Jornalismo da UFSC, vamos conhecer 15 de seus profissionais. Todos são aqui apresentados em perfis jornalísticos escritos por 14 estudantes da 3ª. fase, durante o segundo semestre de 2019, na disciplina Redação, Apuração e Edição III e a partir de convite da professora Melina de la Barrera Ayres.

Os perfilados desta edição foram escolhidos pelos autores. Entre eles há ex-alunos e hoje jornalistas, professores e servidores técnicos que, de diferentes maneiras e em diferentes momentos, a partir de suas experiências pessoais ajudaram a escrever a história coletiva que pulsa por trás das portas de vidro do Anexo A, no Centro de Comunicação e Expressão (CCE), no campus de Florianópolis – o famoso Aquário.

Referência no ensino de Jornalismo no Brasil há quatro décadas, o Curso tem uma sólida trajetória de comprometimento com a ciência, a universidade pública e gratuita, a democracia e as melhores práticas jornalísticas. Tem sido, igualmente, vetor de grandes experiências do Jornalismo, de seu ensino e pesquisa. Basta imaginar o produtivo vaivém de vivências e trocas entre mais de 100 professores (de substitutos a efetivos), 36 gerações de alunos e dezenas de servidores e terceirizados. Por isso é muito fácil afirmar que a história do Curso de Jornalismo da UFSC é também a história de muitas vozes e rostos.

Moacir Pereira, Laine Valgas, Upiara Boschi, Mayara Vieira, Felipe Sales são jornalistas que diariamente estão na ponta do noticiário produzido



hoje em Santa Catarina. Nas páginas deste e-book, eles dão nome a parte dessas vozes e rostos que fazem a história do Curso. A eles se juntam jornalistas como Lucia Helena Vieira, hoje no comando da assessoria da Alesc; Camila Brandalise, no portal UOL; Emerson Gasperin, em assessoria política; o servidor técnico Peter Lobo e oito professores – Francisco Karam, Rogério Christofolletti, Daiane Bertasso, Stefanie Carlan, Flávia Guidotti e Cristiane Fontinha, as duas últimas egressas do Curso.

Criado em 1979, em um tempo em que o governo militar se opunha à existência de novas escolas de Jornalismo no país, é através do perfil do jornalista Moacir Pereira que ficamos sabendo do papel fundamental que ele desempenhou para a fundação do Curso, ao lado dos ex-professores César Valente e Paulo Brito. Já das páginas dedicadas ao professor titular aposentado Francisco Karam vem a informação dos anos que se seguiram à criação, quando o quadro de professores se completou com a chegada de jornalistas vindos diretamente das redações do Rio Grande do Sul para as salas de aula. Ali está a explicação para o ponto alto do Curso: ter a prática jornalística entrelaçada à teoria.

Passados 40 anos, o Curso mantém sua principal característica e grande diferencial na formação de jornalistas que hoje se espalham pelo Brasil e pelo mundo, registrando o presente, fazendo história, arrebatando prêmios. O que realmente mudou de lá para cá são as próprias estrelas do Aquário. De diferentes gerações e origens, a pluralidade atual do Curso é visível entre os 15 perfilados deste volume comemorativo, os 14 autores dos perfis, incluindo sua equipe de produção, a professora Valentina da Silva Nunes e a aluna Sofia Dietmann.

Pluralidade e diversidade são, na verdade, conquistas da universidade

pública e suas políticas de inclusão, e que para o Aquário trouxeram pessoas de diferentes estados, condições físicas, classes sociais, gêneros, etnias e até nacionalidades.

Muito mais histórias do Curso haverão ainda de ser apuradas, contadas e compartilhadas. E enquanto elas vão sendo elaboradas, importante é nunca perder de vista o ditado que diz que quem conta um conto também acrescenta um ponto.

Neste momento, em que o segundo volume de *Estrelas do Aquário* é finalizado, em nome do compromisso com o Jornalismo, não poderíamos deixar de registrar como foi difícil seguir em frente em meio ao caos que se instalou. E mesmo que o modo remoto tenha assumido parte da nossa maneira de trabalhar e de nos relacionar, a pandemia nos obrigou a viver isolados, distanciados, amedrontados, indignados.

Os desmandos e as irresponsabilidades foram e ainda são muitas. Pior é saber que atos irresponsáveis contribuíram para a morte de mais de 550 mil brasileiros pela Covid-19. A essas pessoas e seus amores, aos profissionais de saúde que lutaram por eles, e aos jornalistas que estiveram na frente de batalha da informação, o nosso respeito.

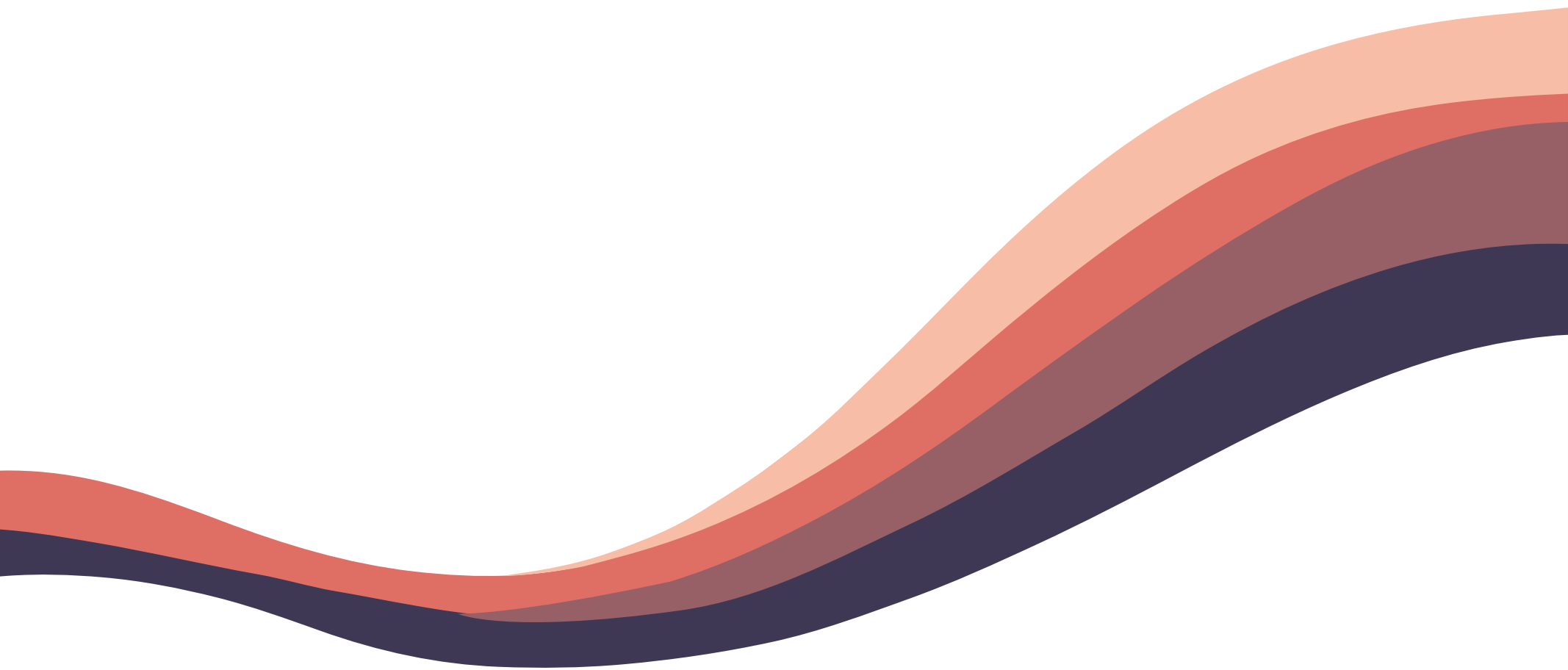
Quando a pandemia passar e se tornar histórias nas páginas dos jornais, será tempo de novas estrelas brilharem dentro e fora do Aquário. Aguardemos.



Caro leitor,

Este livro possui conteúdo multimídia. Para acessar todos os materiais disponíveis é necessário baixar o *Adobe Flash Player*.

Acesse: <https://get.adobe.com/br/flashplayer/>





**CAMILA
BRANDALISE**

ESCOLHAS DE UMA ALUNA INTENSA

Vitória de Moraes Horn

Tei me comunicar com Raquel Camila Brandalise, muitas, muitas vezes. Em algumas não obtive resposta, em outras, ao me atender, se desculpava, dizendo estar muito ocupada. A todo momento se mostrou interessada em colaborar com meu trabalho, mas a vida corrida não lhe abria brechas para nossa conversa. A ex-aluna do Curso de Jornalismo da UFSC tem 34 anos e hoje é uma das grandes vozes do *UOL*. O ritmo intenso de trabalho na redação foi a razão dos nossos desencontros. Finalmente, em janeiro de 2020, em meio às minhas férias, conseguimos nos falar pelo telefone com algumas dificuldades técnicas, o sinal estava fraco e a comunicação falhava uma vez ou outra.



Raquel Camila Brandalise, aluna do Curso de 2005-2009. | Foto: Acervo pessoal

Paranaense, Camila se mudou para Ribeirão Preto – São Paulo, na adolescência. Queria estudar em um cursinho pré-vestibular, pois almejava entrar no Curso de Jornalismo na tão sonhada Universidade de São Paulo (USP). Porém, não imaginava que sua vida tomaria outros caminhos, antes de poder se instalar definitivamente no estado paulista.

O Jornalismo está presente na vida de Camila desde muito cedo. Aos cinco anos de idade, ganhou de sua mãe, Maria de Lourdes, um rádio gravador com microfone que levava para brincar na rua com as pessoas que lá passavam. “Posso te entrevistar?” era a famosa pergunta que a criança realizava. Mal sabia ela que essa seria a pergunta mais utilizada em sua vida. Ela não sabe se na infância já se imaginava jornalista, acredita que sua curiosidade pode ter dado um empurrãozinho. Foi sua mãe quem sugeriu que seguisse a carreira profissional. Assim, o gravador de brinquedo estimulou uma das características de sua personalidade, Camila se tornou a jornalista conversadeira.

Rádio gravador que a jornalista utilizava para fazer entrevistas na sua infância. Para sua mãe, o brinquedo acendeu o amor pelo Jornalismo. | Foto: Acervo pessoal

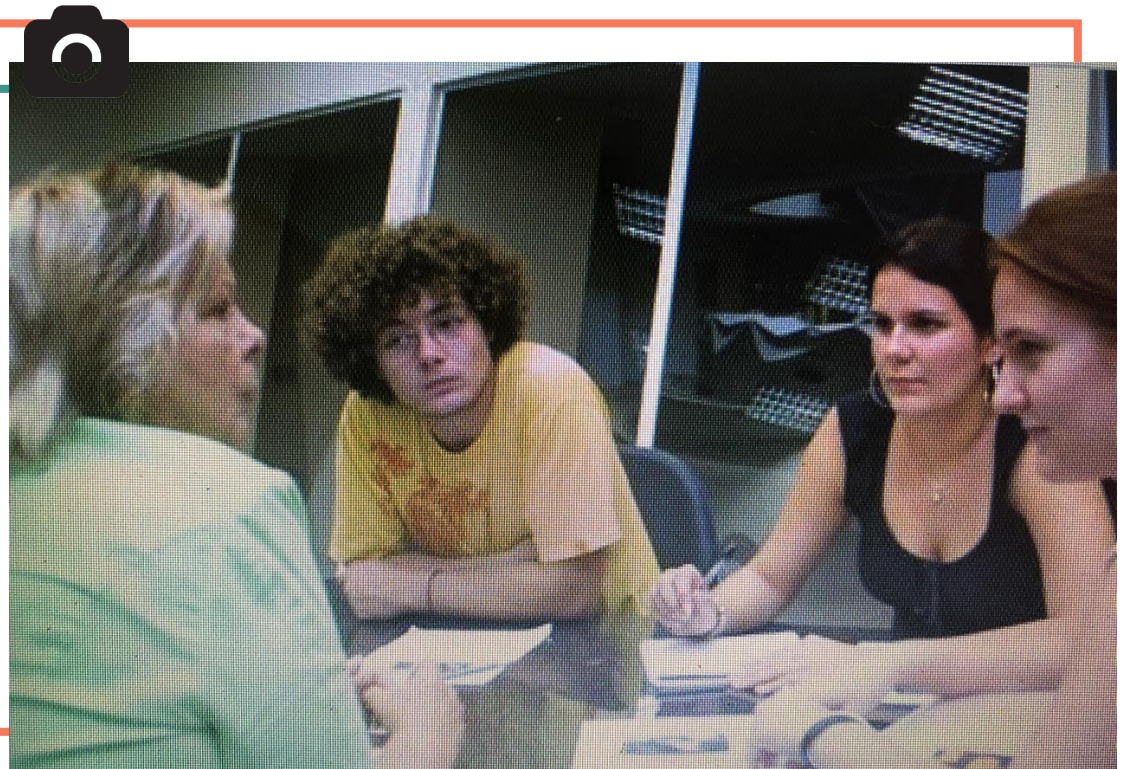


Camila é uma pessoa intensa, centrada e focada naquilo que deseja. Em 2003 vivenciou seus primeiros passos independentes. Em Ribeirão Preto, passou a morar com os irmãos e a enfrentar novos desafios. Em meio aos chiados da ligação, ela confessou que,

naquela época, não sentia saudade de casa. A jovem queria viver a vida, conhecer pessoas novas. Tudo era novidade em um mundo que antes era de superproteção. Em 2004, prestou vestibular em diversas universidades públicas e privadas nas cidades de São Paulo e Florianópolis. Ela passou na Cásper Líbero - uma universidade privada de São Paulo - e na UFSC. Optou por estudar na capital de Santa Catarina, já que era um curso gratuito.

Em 2005, foi o ano marcado pelos 980 quilômetros de mudança. Florianópolis parecia ser longe de São Paulo, mas o que estava distante era o início das aulas. Camila passou para o segundo semestre de Jornalismo na UFSC e, através do *Orkut* e *MSN* - redes sociais da época-, entrava em contato com os demais calouros. Sua primeira amiga no Curso foi Juliana Gomes Pereira. Elas acabaram se conhecendo em uma ida de Camila para Floripa em busca de apartamento. Durante a ligação, eu sentia a felicidade dela ao falar das amizades. "A gente já era uma turma megaunida sabe? Porque todo mundo já se falava por *MSN*, por *Orkut* e já tinha um grupo. Foi muito legal! Isso é engraçado, os meus grandes amigos da vida hoje são meus amigos da UFSC".

Primeira entrevista de Camila (de camiseta preta) com uma funcionária da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, em 2005. À direita, sua amiga Juliana. | Foto: Acervo pessoal



De seu jeito intenso, a jornalista se envolveu com o Curso como se fosse seu filho e ainda enfatizou que, minha procura por ela, para produzir a reportagem, foi algo surpreendente, pois ela tem muito carinho pelos anos que passou na universidade. Confesso que, durante a conversa, a vontade dela de querer viver o Jornalismo enquanto aluna criou em mim coragem e esperança para alcançar meus sonhos.

Camila e mais um grupo de alunos montaram a primeira agência de fotografia da UFSC, a Ensaio de Fotojornalismo. Eles produziam e ofereciam para os sites da universidade, entre eles, o projeto de extensão UnaAberta, um site de notícias feito pelos alunos do Curso. A ideia da agência deu certo por um tempo, durou dois semestres e acabou não se firmando.



Alunos do Curso em uma exposição do Ensaio de Fotojornalismo, a primeira agência de fotografia da universidade. | Foto: Acervo pessoal

“Você conhece o Dalton?”, ela me surpreendeu com a pergunta, porque de fato o Dalton é o braço direito do departamento até hoje. Sua mesa de trabalho fica na secretaria do Curso e sempre está disposto a resolver as situações que aparecem. Camila foi secretária dele após se dedicar à Agência. Esse trabalho significou experimentar novas amizades e estar informada sobre tudo o que acontecia no departamento.

Para além do estágio na secretaria, a rotina dela durante a graduação era intensa: festas universitárias, aulas e apartamento compartilhado. E ela queria se envolver ainda mais.

A chapa única do Centro Acadêmico Livre de Jornalismo, o CALJ, em 2007, era: João Gustavo Munhoz, presidente, e Camila, vice-presidente. Logo que assumiram o cargo, foram informados de que o caixa do CALJ estava no vermelho e era preciso pagar as contas. Unindo o necessário ao agradável, a dupla decidiu organizar festas para cobrir o prejuízo. Bruna Wagner, amiga de Camila e participante da comissão de festas do CA, conta que as pessoas pagavam dez reais e aproveitavam muitas horas de festa.

Tratar de assuntos ligados ao Curso foi o grande desafio de sua gestão. As pautas das reuniões do CALJ, que eram realizadas uma vez na semana, estavam ligadas às atividades de professores e alunos. O grupo queria garantir seus direitos, principalmente, as cotas.

Estar à frente do CALJ requer dedicação e vontade. Isso não faltou à Camila, principalmente para organizar a VI Semana do Jornalismo, sem dinheiro. Para a empreitada contou com o apoio do CA e de três pessoas que estavam no último semestre do Curso para dar o norte na organização. Suas amigas, Bruna e Juliana, ajudaram com a assessoria de comunicação e a organização financeira. A jornalista ficou responsável pela programação, escolha de tema, sala e horários dos minicursos. Cada integrante da equipe devia contactar pelo menos um palestrante e recepcioná-lo no departamento.

Equipe da V Semana do Jornalismo da UFSC. Camila se encontra na última fileira, no meio da foto. | Foto: Acervo pessoal



Com a ajuda da universidade, a divulgação do evento foi realizada com banner e folder. Na época, o *Diário Catarinense* publicou uma nota. A professora Maria José Baldessar, mais conhecida como Zeca, ajudou o grupo, solicitando patrocínio da Caixa Econômica. Com o dinheiro de festas, da universidade e dos patrocínios, a Semana do Jornalismo se tornou uma realidade. “Nós ficamos um pouco no vermelho, tivemos que fazer uma festa depois para conseguir equilibrar tudo. Foi uma grande conquista porque a gente tava oferecendo muita coisa”. No final de 2007, o seu mandato no CALJ chegou ao fim.

Em 2009, Camila apresentou seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma grande reportagem contando a história da República do Paraguai. Para isso, viajou sozinha ao país e entrevistou mais de 40 pessoas. “Esse é o meu grande trabalho como jornalista, apesar de não ter sido publicado e divulgado em lugar nenhum”. Seu orientador, Mauro César Silveira, contou que a garra e a coragem que a jovem tinha resultou em um trabalho elogiado e com grande vocação para o Jornalismo. A escrita se tornou sua paixão. Paixão que a levou de volta à São Paulo. Na cidade que nunca dorme, Camila se realiza como jornalista.



**CRISTIANE
FONTINHA**

PELAS LENTES DE CRIS

Luana Pillmann

Dentro da latinha de metal que seguro, pintada de preto por dentro e por fora, está uma tira de papel fotográfico prestes a ser testado. É uma manhã nublada de setembro de 2018 e a tarefa da aula de Fotografia e Fotojornalismo I é fazer um registro com uma câmera pinhole. Para isso, mais do que observar a luz do dia, é preciso experimentá-la. Então, ao buscar a cena, posiciono a lata em cima de um apoio qualquer e direciono o furinho (o pinhole, que é como se fosse a lente da câmera) para um pilar perto do Restaurante Universitário (RU), onde lê-se “DITADURA NUNCA MAIS”. Deixando a luz entrar, retiro a fita isolante que veda a abertura de menos de 1mm de diâmetro. Cronometro trinta segundos, um minuto, um minuto e meio. Tapo o furinho de volta e retorno ao Aquário, me certificando de que a lata permaneça vedada no trajeto. No Laboratório de Fotografia (LabFoto), quem aguarda os alunos é Cristiane Miranda Fontinha, a Cris, que, naquele semestre, ingressava como professora substituta no Curso pelo qual se formou há mais de 20 anos.

Neste dia, ela nos proporcionava a primeira experiência prática da disciplina. Após o teste de exposição, o resultado indicava que um minuto era suficiente para a iluminação do local. Volto ao RU, dessa vez com um papel fotográfico inteiro dentro da latinha, e aguardo os 60 segundos ideais. Depois, volto ao departamento mais uma vez.

Sob a luz vermelha do LabFoto, a turma se reúne para acompanhar as cinco etapas necessárias para se ter em mãos as esperadas fotografias: revelação, interrupção, fixação, lavagem e secagem, que Cris cuidadosamente executa, explicando passo a passo. Esse procedimento, que ela consegue fazer até de olhos fechados, fez parte de sua rotina quando atuava como monitora no Laboratório durante a graduação.

À esquerda, a positiva e invertida, através de processos digitais. À direita, a foto feita com a câmera pinhole, revelada e ainda negativa. | Foto: Luana Pillmann



Cris ingressou no Curso em 1991, dez anos após a inauguração do LabFoto. Naquele tempo, a demanda por Fotojornalismo era ainda mais intensa que atualmente, visto que não era comum que os alunos tivessem seus próprios equipamentos fotográficos. Por isso, sempre tinha gente fotografando ou fazendo revelações ali. Foi nessa atmosfera que ela entrou e acabou se dedicando cada vez mais à fotografia.

O servidor técnico responsável pelo Laboratório na época, Pedro Mello, guarda na memória um carinho especial pela ex-aluna: “lembro dela como se fosse hoje. Muito querida, muito doce”. Para ele, que a acompanhou durante todas as disciplinas relacionadas à fotografia, inclusive as optativas, que nem sempre eram ofertadas, o olhar da agora professora já era diferenciado e munido de uma criatividade sem igual. “Não era puramente técnico – transcendia a normalidade. Suas fotos fugiam do trivial”, conta ele, enquanto sorri.



Parte da turma de 1991. Da esquerda para a direita, Cris é a terceira. | Foto: Acervo pessoal.

Não só Pedro, mas todas as pessoas que abordei no processo de construção deste perfil, abriram largos sorrisos ao falar de Cris. Amigos pessoais, alunos, família e colegas de trabalho cultivam carinho e, sobretudo, admiração — principalmente por sua ética profissional. Enquanto jornalista, ela sempre tratou todo mundo da mesma forma, seja alguém mais humilde ou que admira muito. “Acho que não existe essa coisa de um ser humano ser mais especial que o outro”, afirma, “você pode admirar, eu acho, mas isso não quer dizer que ele seja superior”.

Rogério Christofolletti, também atual professor do Departamento de Jornalismo, trabalhou com Cris no jornal *A Notícia*. Eram de editorias diferentes, entretanto, ele percebia sua dedicação e esforço em busca do melhor resultado. “Sempre achei ela muito séria, sem ser rígida. Nunca vi traço de arrogância nela”, ele conta, e lembra de uma cobertura que Cris fez na Assembleia Legislativa em que as fontes oficiais a respeitavam muito. “Ela consegue ser *low profile*, e não é todo mundo que faz isso”.

A grande amiga e colega de curso de Cris, Adriane Canan, a Adri, percebe a trajetória da amiga na profissão como “bem bonita e muito ética”. Com 25 anos de história juntas, as duas colecionam momentos vividos dentro e fora do Aquário. Elas foram inseparáveis desde o primeiro até o último dia de aula.

Adriane não hesita em dizer que a amizade de Cris foi crucial para a sua permanência no Curso — como vinha do interior, muitas questões a

afetavam, como a saudade da família e a sensação de não pertencimento à cidade grande. Por sua vez, Cris era mais “urbana”, como diz a amiga, e sempre que podia a motivava. “Eu queria voltar para minha cidade. E ela dizia: ‘não vou te deixar voltar! Olha onde tu tá, tu tá numa Federal!’. Mais que uma amiga, ela me ajudou a entender a conquista que eu tinha alcançado”, conta Adriane.

À esquerda, as amigas Cris e Adri no dia da formatura, em 1994. À direita, as duas no campus atualmente. | Foto: Acervo pessoal.



Como faziam praticamente todos os trabalhos em conjunto — geralmente, Cris na foto e Adri no texto —, a decisão de fazer o TCC juntas foi quase óbvia. Na prática, no entanto, a produção envolveu mais gente. O periódico de cultura para Florianópolis, chamado *Cartaz*, tornou-se uma espécie de jornal-laboratório. Além delas, os amigos e colegas do Curso escreviam e tiravam as fotos das matérias. Voltado ao jornalismo cultural, tinha como pautas os acontecimentos artísticos da capital que envolviam principalmente música, teatro, literatura, artes visuais e dança.

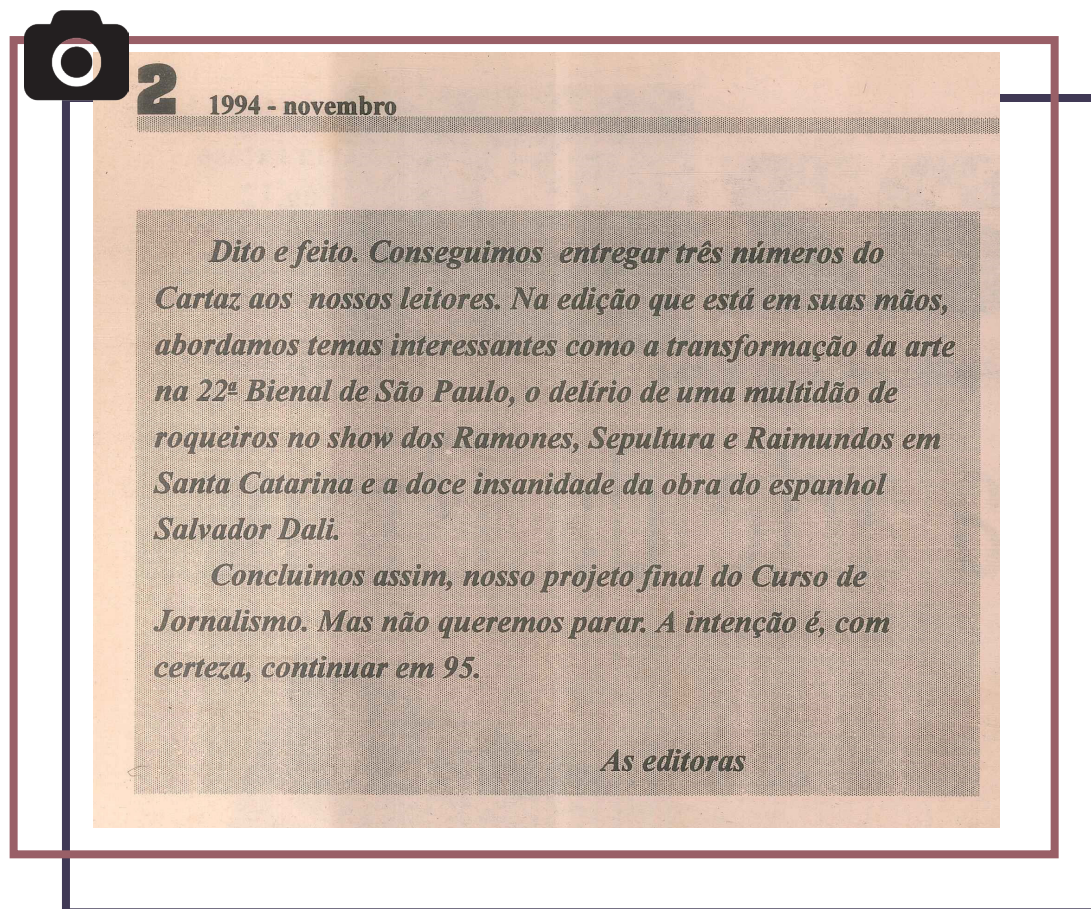
Além de escreverem, a responsabilidade das duas, enquanto idealizadoras, era pensar editorialmente, desenvolver e executar o projeto gráfico. “O jornal tinha mil tipografias, era horrível, e a gente achava lindo”, lembra Cris, em meio a risadas.

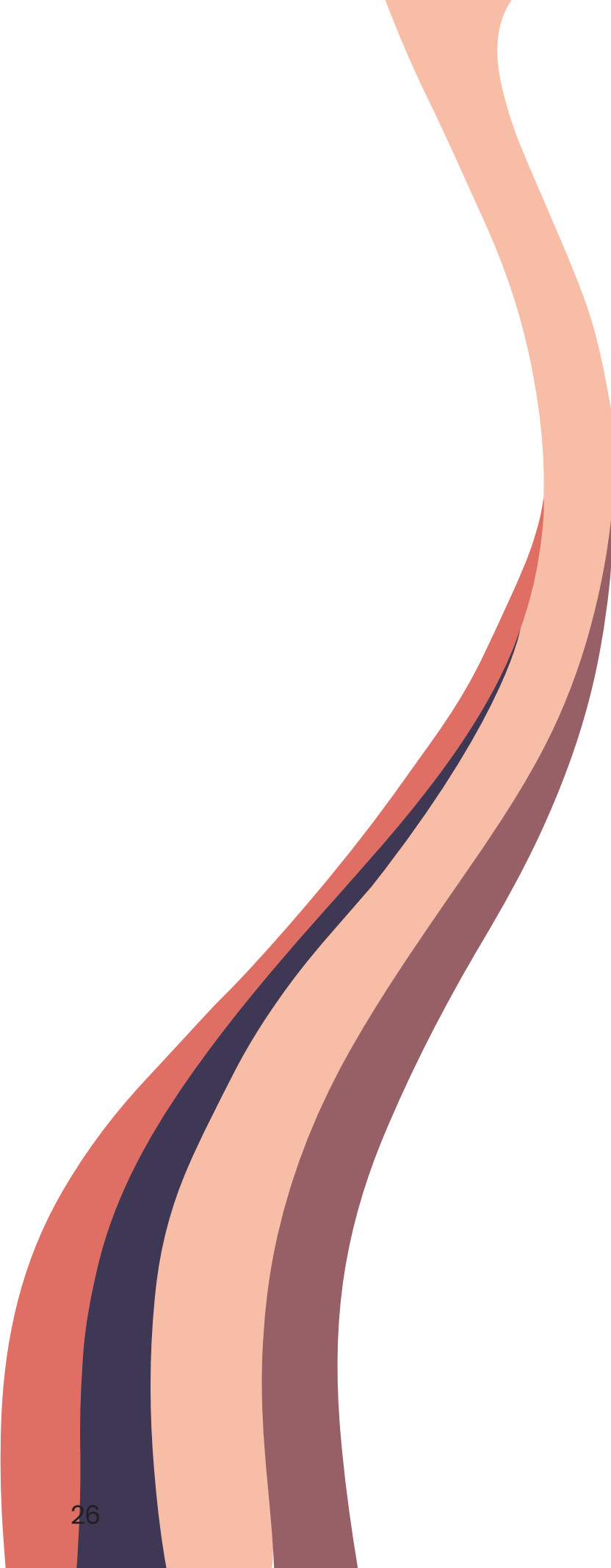
Da esquerda para a direita:
capas dos três números
do *Cartaz*, lançados
em setembro, outubro
e novembro de 1994,
respectivamente. | Fotos:
Acervo pessoal.



Apesar de ser um trabalho para o Curso, as edições do *Cartaz* foram elaboradas para irem além: a dupla produziu uma tiragem de 3.000 exemplares para serem distribuídos pela cidade. Ambas relatam que a maior dificuldade foi conseguir o financiamento, conquistado com pequenos patrocinadores, de pouco a pouco. “Nós batíamos nas lojinhas, nas óticas, nos cursinhos de idiomas para tentar alguma coisa. De 50 em 50 ‘pila’ a gente foi capaz de fazer esse jornal”, recorda Adri.

Editorial do terceiro e
último número do *Cartaz*,
publicado em novembro de
1994. | Fotos: Acervo pessoal.





Desde o primeiro momento em que pensaram o *Cartaz*, ficaram tão animadas que juravam que viveriam dele. “Fomos muito apaixonadas fazendo. Falávamos ‘isso aí vai ser o nosso projeto! Nós vamos viver disso! É um lance profissional, nós vamos tocar!’”, e ouviam do professor orientador, Ricardo Barreto, de *Artes Gráficas*, atual *Produção Gráfica*, que “não ia passar do terceiro”, justamente porque foram três números: setembro, outubro e novembro de 1994. “Quando você acredita num projeto, você sempre acha que vai ser para sempre”, afirma Cris.

UMA VIDA EM VÁRIAS FOTOS

Cris iniciou sua trajetória na fotografia quando seu pai, Lindomir Besem Miranda, militar da Marinha, lhe trouxe uma Olympus de presente, de uma viagem de navio aos Estados Unidos. Contudo, foi só a partir da graduação - e principalmente depois - que ela pôde expandir seus conhecimentos na área.

Passados quase dez anos da formatura, se especializou pela Faculdade Senac em São Paulo em 2003 - até então a única especialização em fotografia no Brasil. O caminho até conseguir a formação não foi fácil: com o filho, Lauro, ainda pequeno, ela precisava de uma escala de trabalho definida, fora dos moldes das redações onde tem-se horário para entrar e não para sair. Então, atuou na área de assessoria de imprensa que, mesmo não gostando tanto, lhe permitia conciliar os estudos e a criação do primeiro filho, sem deixar de trabalhar.

Ao todo, foram quatro anos em solo paulista até retornar à capital catarinense. Embora tenha conhecido e morado em vários outros cantos do mundo - fez intercâmbio no Canadá, doutorado nos Estados Unidos e conheceu a Europa -, é em Floripa que encontra seu lugar: “sinto que tenho que ficar aqui”.

Em terras manezinhas, Cris trabalhou na grande imprensa. Inclusive, foi enquanto estava n’A *Notícia* que recebeu o convite do Coordenador do Curso de Jornalismo e Publicidade da Faculdade Estácio de Sá para ser professora. Permaneceu na instituição por quatro anos e, sem qualquer formação ou experiência na docência, admite que hesitou até aceitar. Lá, foi se adaptando e aprendeu a dar aula conforme o tempo

foi passando. Hoje em dia, acredita que estar em sala é se reinventar: “todo dia eu aprendo”.

Agora, mais de 20 anos após sair do Aquário, a volta de Cris ao JORUFSC é como um retorno às suas origens em vários sentidos, pois regressa aos corredores familiares para ensinar o que tanto gostou de aprender. Mesmo ministrando outras disciplinas, a professora admite que é ensinando foto que se sente mais segura. “Acho que já domino e tenho mais fluência”, afirma. A atividade com a pinhole, por exemplo, foi apenas uma das inovações que trouxe para as aulas de Fotografia e Fotojornalismo I.

Consciente de que as experiências práticas são imprescindíveis para complementar a teoria, Cris não abriu mão de proporcionar saídas fotográficas aos alunos, mesmo que não fosse um costume da primeira fase. Além disso, sempre defendeu a importância de aprender a segurar uma câmera corretamente, a entender o processo de fotometria e, sobretudo, a capturar um “elemento humano” nos enquadramentos, expressão que inclusive foi transformada num bordão pelos alunos, de tanto que insiste no conceito.

Neste universo da docência, o que Cris considera a maior recompensa é poder tocar a vida das pessoas. “Claro que tu não toca todo mundo”, diz, entretanto, quando os alunos voltam e falam “Professora, você não sabe o quanto foi importante aquilo que você me disse”, ou “Acabei indo nessa direção na minha vida em função das suas aulas”, considera gratificante.

Seu contrato como professora substituta teve vigência de dois anos, terminando no primeiro semestre de 2020. Sem nenhum plano específico para o período posterior, ela diz que não voltaria para o Fotojornalismo, pois acredita que, para a função, é necessária uma capacidade física que ela não tem mais. No entanto, não descarta um trabalho como consultora, editora ou até mesmo um retorno às redações. Sua vontade mesmo é seguir dando aula: “não me vejo em outro lugar, nem fazendo outra coisa”. Por isso, até pensa em tentar o concurso para Professor de Telejornalismo, que abrirá em breve no Curso: “vai saber... Quem sabe eu mude para o vídeo!”.

De qualquer forma, Cris permanecerá no Aquário por muito tempo ainda, porque ver o mundo através das suas lentes é inspirador, sejam elas objetivas ou pinhole.

Trabalho fotográfico de
Cris publicado no jornal
A Notícia, sobre um
assassinato na favela Frei
Damião, em Florianópolis.
Na foto, a família da vítima. |
Foto: Acervo pessoal.



The image features a series of curved, overlapping bands in shades of red, orange, and dark blue, creating a dynamic, abstract background. The bands curve from the top left towards the bottom right. The text 'DAIANE BERTASSO' is positioned in the upper right quadrant, rendered in a bold, red, sans-serif font.

DAIANE BERTASSO

CONCRETIZANDO SONHOS

Isabela Freire Braga

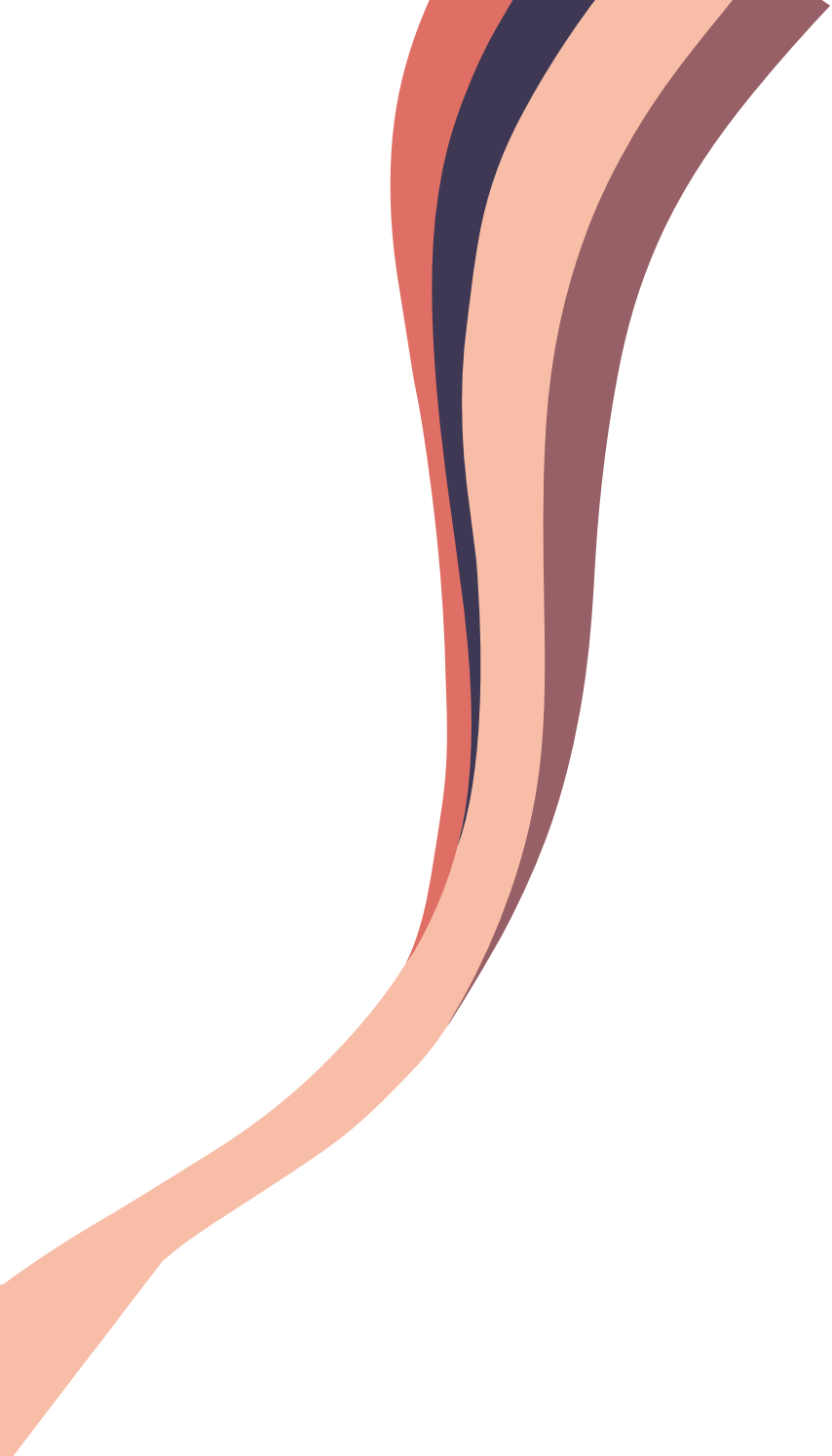
Em meio à uma quarta-feira corrida, não muito diferente dos outros dias da semana, a professora Daiane Bertasso me recebeu em sua sala. Iria conceder uma entrevista para a Associação de Professores da UFSC (APUFSC), sindicato ao qual é filiada. Quando questionada sobre a possibilidade de ser filmada se demonstrou tímida, porém, tive a sensação de que esqueceu a existência da câmera quando começou a contar sua história de vida.

“Por favor, não escolha ser professora”, vivia lhe dizendo Elisabete Bertasso, sua mãe. A menina acompanhava a rotina da mãe, que lecionava em uma escola municipal, na qual estudou até a oitava série, localizada na zona rural de Bossoroca, no Rio Grande do Sul, onde nasceu.

No ensino médio Daiane frequentou uma escola em um município próximo ao seu, São Luiz Gonzaga. No vestibular, aplicou para o curso de Jornalismo. Seu irmão, Danilo Bertasso, recorda que ela gostava muito de ler livros, revistas, jornais e acompanhar os noticiários. A opção pelo Jornalismo deve-se a sua procura por uma profissão em que pudesse aprender sobre diversas áreas da sociedade.

Daiane realizou a sua graduação na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), graças a uma bolsa de estudo. Contudo, a ideia de ser professora sempre esteve presente em sua índole, ainda no início de sua graduação. Na faculdade percebeu que pensava a profissão de jornalista em aspectos mais subjetivos, além de refletir sobre a prática. “Eu meio que tentei desviar, fui para o Jornalismo, mas a docência acabou tomando conta do meu desejo, do meu devir de me tornar professora. Acabou vindo, só que um pouquinho mais tarde”, reflete ela. Antes mesmo de sua formatura já atuava no mercado, na redação de um jornal regional em Santa Rosa. Após a graduação retornou a Ijuí, onde fez sua especialização na área de gestão de comunicação, que era mais voltada para a assessoria. Seu desejo de continuar estudando fez com que atuasse no mercado por apenas quatro anos.

Em 2008, se mudou para Santa Maria, também no interior do estado, onde começou o seu mestrado em Comunicação Midiática. Na sequência



iniciou em 2010, seu doutorado em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

No último ano de seu doutorado, em 2014, Daiane participou da seleção para se tornar professora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). “Seria um sonho passar nesse concurso”, pensava na época. A federal catarinense era uma faculdade que admirava desde a graduação, por possuir professores que são referências na área do Jornalismo, e que ela lia e via em eventos acadêmicos, como o professor Eduardo Medistch, e a professora Gislene Silva.

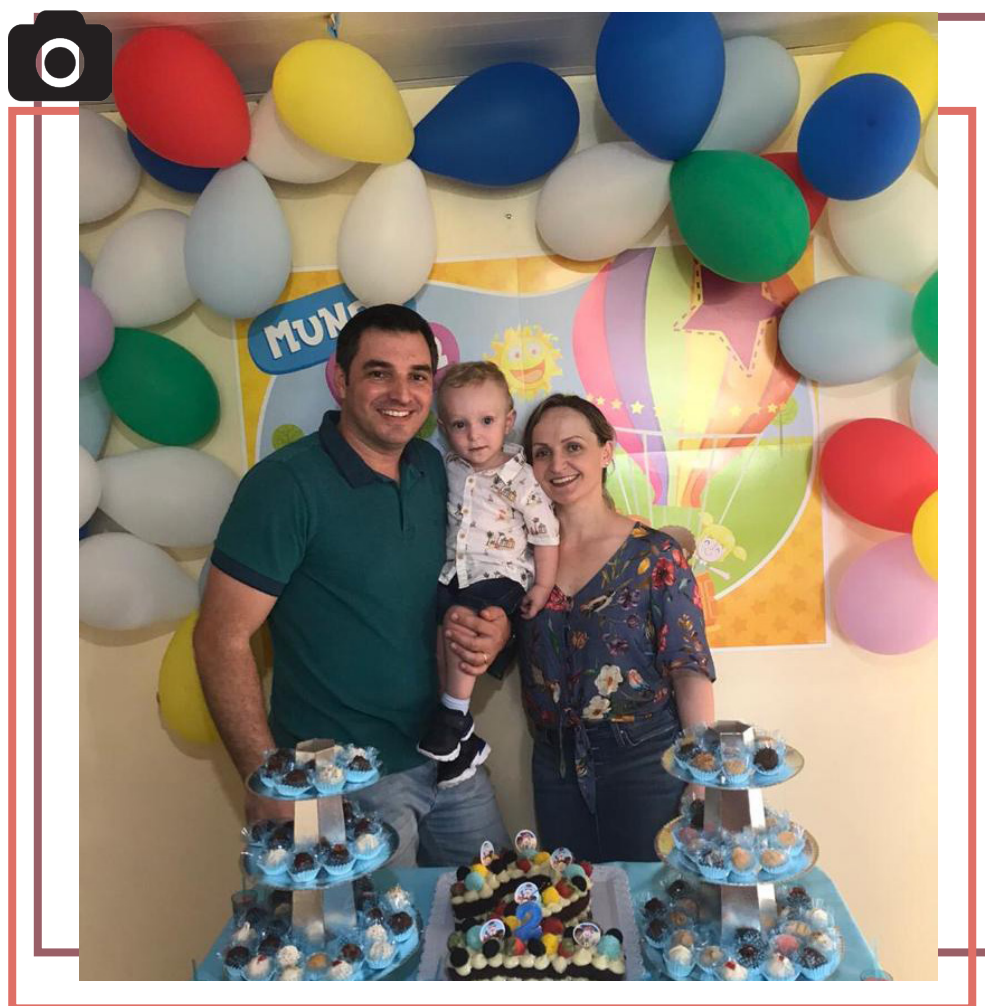
Alguns meses antes de fazer a seleção na UFSC, havia prestado concurso em uma universidade em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, porém, não obteve sucesso. Para o concurso da UFSC se sentia mais preparada, tanto em termos de conteúdo quanto psicológicos. “Era a área de Jornalismo especializado focado mais na área de assessoria, que eu já tinha mais experiência prática e também o outro concurso não deu certo”.

Após ter dado o melhor de si, foi aprovada no dia 31 de março de 2014, momento do qual lembra com alegria. “Demorava a cair a ficha”, afirma, enquanto mexe os olhos como se estivesse resgatando o momento vivido no seu baú de memórias, e conclui: “você traça um plano de vida e quando você vê que aquilo que você planejou está dando certo, você fica pensando ‘valeu a pena tudo que eu passei’”.

Assumiu o cargo de professora efetiva no dia 8 de agosto de 2014. “Quando a gente chega aqui na docência para trabalhar, chega com todo esse gás ‘Nossa, tudo que eu sempre quis!’”. Porém, o começo foi muito difícil para ela, foram meses de “correria”. Como diz o ditado que ela não gosta, “vassoura nova é que varre bem”, Daiane e a professora Flávia Guidotti, que ingressou ao departamento junto com ela, tiveram suas cargas horárias totalmente preenchidas. Daiane assumiu as disciplinas mais voltadas para assessoria. No início, além de fazer cursos de formação, ministrava aulas em quatro disciplinas na graduação, uma na biblioteconomia e assumiu a função de coordenadora de estágios até tirar a sua licença maternidade, em janeiro de 2018.

Daiane é mãe de Heitor, de apenas três anos. Ao ser indagada de como é ser mãe diante de todas as suas obrigações profissionais, afirma que é uma tarefa desafiadora. A maternidade foi planejada junto com seu marido Hugo Martins, e era algo que ela sempre desejou. Esperou para engr-

vidar após o período do estágio probatório e conta que até mesmo nos meses finais da gestação ainda desempenhava muitas funções.



Daiane e seu marido
Hugo na festa de
aniversário de dois
anos de Heitor | Foto:
Luana Bertasso.

Voltar à rotina de trabalho após a licença maternidade foi muito difícil. Além de ter que se adaptar a estar longe do bebê, passou a seguir o ritmo do filho e, na maioria das noites, dormia duas horas no máximo. Ela revela uma certa insatisfação pessoal sobre esse período, por não ter tido tempo de se dedicar como queria ao trabalho, o que é compreensível, pois se mostra uma pessoa muito responsável e organizada.

Apesar de afirmar que seus colegas foram solícitos e sua carga de trabalho foi reduzida, as demandas profissionais eram muitas. Daiane tenta não se vitimizar pelas responsabilidades maternas, por se tratar de uma escolha. “Eu tento dar conta de tudo sem trazer essa justificativa da maternidade”. No entanto, reconhece que “em todas as profissões falta um olhar para essas situações”. Ela diz que embora muitos digam entender as necessidades de uma profissional que é mãe, nos bastidores, muitas vezes não há a compreensão de que a prioridade é o filho e o seu bem-estar. “A

mãe sempre se sente culpada, porque ela gostaria de estar integralmente dedicada àquele filho, mas não é possível porque você também não seria feliz quando você tem uma profissão e outros desejos”.

Com o passar do tempo, Daiane conseguiu se adaptar e hoje concilia em sua rotina as demandas do trabalho e a criação de Heitor. Ela divide as tarefas com seu marido e conta com ele para levar Heitor à escola e também cuidá-lo quando está trabalhando. Apesar das dificuldades, para Daiane a satisfação de ser mãe é muito grande. Sua amiga, Janaine Kronbauer, conta que ela tem perfil materno e que toda vez que a encontra pelos corredores da UFSC consegue ver seu brilho nos olhos ao falar do filho.

Mesmo diminuindo suas atividades devido à maternidade, Daiane ministra três disciplinas todo semestre, alternadas entre graduação e pós, orienta TCCs, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Além de realizar pesquisas e ações de extensão, ela é uma das editoras da revista do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, a *Estudos de Jornalismo e Mídia*. “Por mais que a gente esteja sobrecarregado, a gente faz aquilo com gosto, porque a gente gosta do que faz”.

Daiane fazendo anotações na aula de uma de suas turmas de assessoria, a mais prática, embora ela diga que prefira dar disciplinas mais teóricas.
| Foto: Victor Lacombe



Ela costuma dizer que com cada turma que trabalha vive uma experiência diferente e que busca sempre uma relação de diálogo com os seus alunos. “Foi a professora que mais me passou uma sensação de

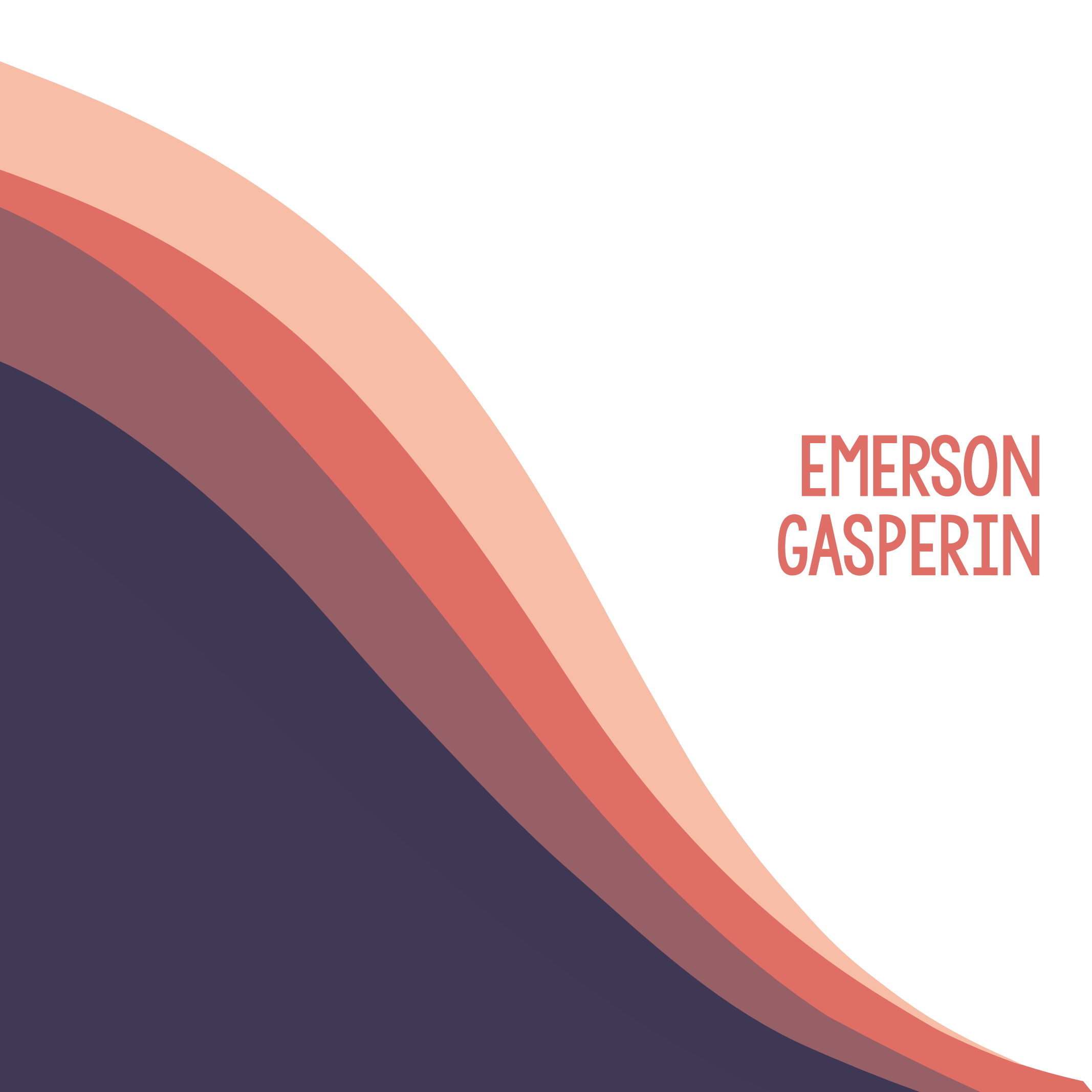
acolhimento”, diz Luana Santos, aluna da sua disciplina de assessoria na terceira fase do curso.



Daiane com seus alunos de assessoria. A professora preza pelo diálogo com os estudantes.
| Foto: Víctor Lacombe

Olhando em perspectiva, Daiane vê muitas transformações no Curso Jornalismo da UFSC desde sua entrada. Devido a uma renovação muito grande no quadro de professores, acredita que houve uma modificação no perfil do Curso, se tornando mais voltado para a prática. Outro aspecto que viu mudar bastante está relacionado às questões de gênero, que se tornaram cada vez mais discutidas entre alunos e docentes.

Hoje, entre suas metas estão voltar a participar de eventos científicos e se dedicar mais à pesquisa, se aprofundando nos estudos na área de Jornalismo e Gênero. Em mais um dia que não tem hora para dormir, com o semblante calmo, como é o comum de Daiane, afirma que se orgulha de sua trajetória e de ter alcançado seus objetivos. Ela se sente realizada com o que faz, pois a docência permite que esteja em um processo constante de aprendizado, tanto sobre a profissão, quanto sobre a vida. “Eu acho que eu nunca vou cansar de dar aula”.



**EMERSON
GASPERIN**

SERIEDADE DESCOMPROMISSADA

Luana Santos

O ano era 1993. Os alunos do Curso de Jornalismo da UFSC estavam em polvorosa. Outra edição do *Fútio Indispensável* seria lançada e, com ela, mais uma das famosas festas organizadas pelos amigos Emerson Oreano Gasperin, conhecido como Tomate, e Frank Maia. Eles estavam felizes. Seu projeto havia dado certo, afinal. Emerson ficou durante muito tempo com o pé atrás, apesar da certeza do sucesso que tinha Frank. Naquela edição, o jornal (e não fanzine, como todos rotulavam-no) trazia na capa o grupo Dazaranha, ainda desconhecido na cena musical da cidade, mas que tinha acabado de ganhar um concurso de garagem. A banda tinha tudo a ver com o projeto: underground e jovem. A cara do *Fútio*.



Assista ao vídeo produzido pelo Professor César Valente, onde registra Emerson, Frank e outros colegas trabalhando em uma edição do *Fútio Indispensável*, em sua casa. | Vídeo: César Valente.

Por trás de todo esse descompromisso e de certo sarcasmo com a formalidade jornalística, o *Fútio* era um trabalho sério. “Tinha diagramação profissional, tinha texto revisado, texto jornalístico com estrutura formal do jornalismo. As pautas podiam ser absurdas, mas o tratamento dessas pautas, o enfoque, a edição era como qualquer outro periódico”, defende

Emerson. Todo esse cuidado, aliado a entregas via agências postais, levou a publicação a um reconhecimento nacional. Emerson, que nunca havia viajado para além de Pomerode, no Vale do Itajaí, foi até a capital mineira, Belo Horizonte, representar o “fanzine” no festival *BH Rock Independent Fest* (BHRIF). Ficou hospedado no mesmo hotel que as atrações e a assessoria de imprensa e conheceu muita gente. Ali fez uma amizade que se consolidou para o resto da vida.

Carlos Eduardo Miranda, produtor musical e influente nome do cenário musical da época, surpreendeu o jovem ao elogiá-lo. No fim do festival, Emerson foi para São Paulo como convidado do produtor e passou alguns dias em sua casa, além de fazer um tour pelas redações da capital paulista. “Eu tava muito apavorado, não tava nem deslumbrado. Olha que eu não sou nem um pouco modesto, mas não esperava nem um pouco isso aí. Voltei pra cá completamente siderado com a ideia de ‘vou ter que ir pra São Paulo’”. Naquela época, Emerson ainda tinha que terminar o Curso de Jornalismo e voltou para Florianópolis. Sete meses depois, estava novamente na capital paulista, entretanto, a receptividade da cidade já não era mais a mesma. As redações que havia visitado anteriormente não o conheciam. Emerson, então, começou a trabalhar como diagramador em uma revista de cavalos. Não era o que esperava, porém, foi o começo de uma carreira que sempre se mostrou promissora.



Emerson na redação do *Fútio*, improvisada na casa do Professor César Valente.
| Foto: César Valente.

Ainda na adolescência, quando morava com a família em Laguna, litoral sul de Santa Catarina, ele já se destacava. Não pelo comportamento, que não era dos melhores, mas pelas notas. Foi nos corredores do colégio que percebeu sua paixão pela redação. “Era um recreio a ideia de poder organizar os pensamentos para escrever”. Entretanto, o Jornalismo não era uma das possibilidades que imaginava na época. Queria fazer publicidade. O curso mais próximo ficava em Porto Alegre, capital gaúcha, e seus pais, preocupados com a distância e o tamanho da cidade, lhe pediram que escolhesse um curso na Universidade Federal do estado. Escolheu o que considerou mais próximo do que queria. “Bastou três dias no Jornalismo para eu saber que estava no lugar certo”. Foi assim que projetou seu futuro.



(Da esquerda para a direita)
Mayara Vieira, a professora
Cárlida Emerim e Emerson em
palestra na XVII Semana do
Jornalismo da UFSC, em 2018. |
Foto: Henrique Almeida

Em março de 1988, um ano após o ingresso, seu nome já estava marcado no Curso. Na edição daquele mês, o *Zero* contou com a colaboração do calouro. Um texto simples sobre música, uma área que sempre gostou. Como nunca aprendeu a tocar um instrumento, sabia que para fazer algo envolvendo música deveria escrever. “Minha banda é o Jornalismo” é uma frase que repete com frequência em palestras e que o define muito bem. Tal descoberta foi muito importante naquele período. “Cheguei aqui com 17 anos, vindo de Laguna. Florianópolis era Nova York para mim”, diz

lembrando das vezes que pegava o ônibus Circular Santa Mônica somente para contemplar a paisagem. O deslumbramento do jovem durou pouco tempo. Alguns meses depois de chegar à cidade, seu pai, Valter, ligou dizendo que a situação econômica da família estava difícil e que naquele momento havia duas opções: ou o estudante começava a trabalhar para se manter na cidade, ou teria que retornar à Laguna. “Jamais que eu ia voltar”. Na segunda fase, começou a trabalhar e, no meio do caminho, entre faculdade, trabalho e *Fútio*, atrasou o curso. Assim, o que não se faz em quatro anos, se faz em cinco e meio. E ele fez.

Enquanto trabalhava e cursava Jornalismo muita coisa aconteceu. Emerson não foi “cara-pintada” (como era conhecido o movimento estudantil que tinha como principal objetivo o impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello), mas esteve presente em diversos comícios. Em 1992, quando aconteceu o impeachment de Collor, houve na UFSC o primeiro Concurso Literário. Emerson, interessado pelo prêmio de Cr\$1.000,00, resolveu participar usando o pseudônimo de Pedro Semeonatto. Escreveu, em quinze minutos, um texto em formato de autoficção sobre um comício na Praça XV no dia em que Collor deixou o poder. Ficou em terceiro lugar. Até hoje se orgulha desse texto. Aliás, de todos os textos que já escreveu. “Claro que hoje eu sou um cara com repertório estilístico muito maior. Quem quiser achar os seus textos horríveis que lide com isso, que faça análise. Eu leio os meus textos antigos do *Fútio* e são tão *fresh*, tão ‘*smells like teen spirit*’”.

A confiança de Emerson se apresenta também ao falar sobre a não-obrigatoriedade do diploma na profissão, tema polêmico dentro do Jornalismo. “Quando acabou a obrigatoriedade, a classe ficou indignada. Eu não, eu bati palma. Sabe por quê? Eu nunca vou perder para um cara que não tem diploma. O meu sonho é concorrer para um cargo de 50 ‘paus’, eu e mais quatro caras que não têm diploma. Para eu atropelar os caras. Não tem diploma? Vem, cai dentro ‘mano’. Para ver a ‘coça’ que você vai levar de mim”.

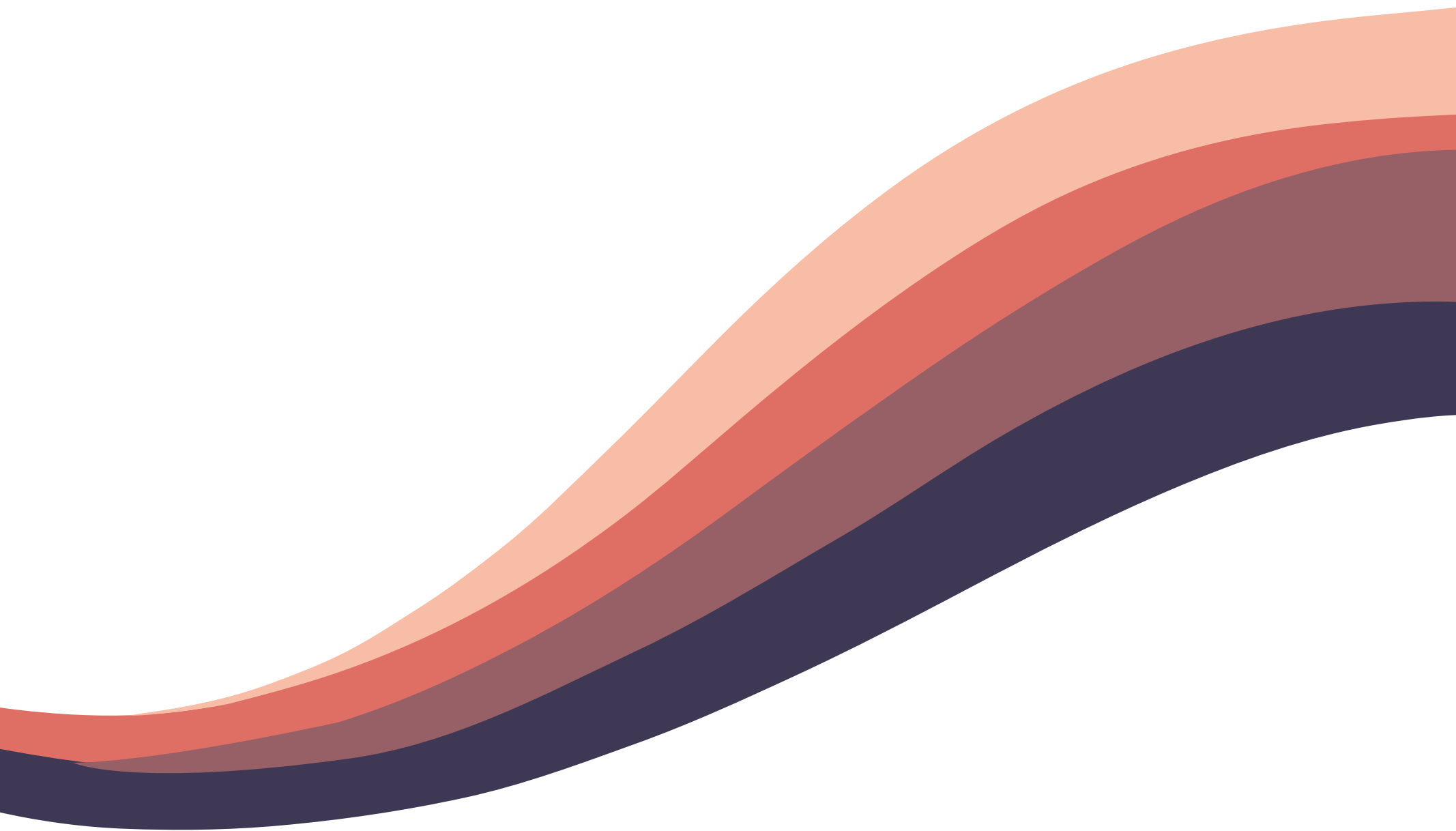
Emerson posa para fotografia enquanto trabalhava para a NSC Comunicações. | Foto: Ricardo Wolffenbüttel



O texto do concurso literário foi o primeiro dos muitos escritos por Emerson a ser reconhecido. Em 2006, por exemplo, recebeu o prêmio Abril de Jornalismo na categoria Perfil, por “**Maria Rita Nua**”. Para a produção do texto, ficou dez dias em São Paulo tentando marcar uma entrevista com a cantora de Samba, filha de Elis Regina. Quando finalmente a encontrou ficou três horas conversando com ela. “Eu já sabia coisas dela que nem ela se lembrava mais, por causa das pessoas que tinha conversado”, lembra. Naquela época, Emerson era *freelancer* da revista *Bizz*, publicação na qual já havia trabalhado como editor-chefe entre 1999 e 2001. Alguns anos depois, em 2010, em parceria com Zé Dassilva, antigo colega de faculdade e amigo de longa data, publicou o livro *Almanaque do Futebol Catarinense*. Ainda na temática literária, participou como diagramador do livro de comemoração pelos 90 anos do Avaí Futebol Clube, intitulado *O Time da Raça*, publicado em 2014. No fim desse mesmo ano, foi contratado como repórter fixo do *Diário Catarinense*, jornal (ex)impresso, onde atuou como repórter e crítico musical, escrevendo para o caderno *NÓS* e para a revista *Versar*.

Apesar dos 27 anos de carreira, Emerson procurou não cair na mesmice. Em 2016, fez o imprevisível. Em “Resíduos do Progresso”, feito para o caderno *NÓS*, sobre a Indústria Carboquímica Catarinense (ICC), o jornalista parafraseou o primeiro parágrafo inteiro de *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, de Douglas Adams. Emerson diz o contrário. “Eu leio meus textos

de dois, três anos atrás do Nós e acho sensacional, mas é o que eu espero de mim. Não tem esse *fresh*. É o mínimo que eu espero”. Mesmo com toda essa trajetória e reconhecimentos, em fevereiro de 2019, após quatro anos, Emerson foi desligado da NSC em uma demissão em massa. Atualmente, trabalha na assessoria de comunicação do partido MDB-SC. Emerson destaca a sua sinceridade e comprometimento com a profissão como fatores decisivos para seu desligamento da empresa. Para explicar o caso, Emerson cita uma famosa frase do filme *Quase Famosos*: “seja honesto e impiedoso”.





FELIPE SALES

UM APAIXONADO PELA TV... DESDE SEMPRE!

Caroline Amarante Maié

Felipe Sales cresceu em meio às emissoras de televisão de Florianópolis. Sua mãe, Paula Sales, trabalha há 22 anos como assistente de operações comerciais na *RIC TV*. Seu padrasto, Rinaldo Cabral, é executivo comercial na *TV Bandeirantes*. Acompanhando a mãe, Felipe foi se encantando pela TV. “Pelo fato de trabalhar há muitos anos na área, fiquei preocupada, e disse ‘olha se tu quer Jornalismo, vai ter que estudar muito porque é uma profissão com muita concorrência’”, lembra Paula, quem sabia que para ter uma boa colocação na profissão é preciso se esforçar e persistir. Contudo, não se surpreendeu com a escolha do filho.

Quando Felipe tinha 10 anos, frequentava os estúdios da *Band* para acompanhar a sua mãe que, na época, trabalhava como locutora. O menino ficava brincando nos estúdios, buscava o barulho das teclas das máquinas de escrever, os telefones despertavam sua curiosidade. Desde sua infância, seu comportamento dava indícios de que iria seguir o caminho da comunicação. Sempre gostou de interagir com as pessoas, com seu bom humor alegrava as festas de família brincando de apresentador, mas só mais tarde percebeu seu dom.

Assista ao vídeo de Felipe com 13 anos, brincando de repórter em uma festa da família. | Vídeo: Acervo pessoal



Quando estava no terceiro ano do ensino médio, seu professor de geografia perguntou para a turma:

- Para qual curso vocês irão prestar vestibular?

Ao chegar sua vez de responder, Felipe ficou calado. Não tinha nenhuma decisão tomada. Meses depois se inscreveu no vestibular de Teatro, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Sua namorada da época se inscreveu no Curso de Jornalismo da UFSC. Naquele momento uma luz se acendeu! Plim! Lembrou-se do tempo que brincou nas redações de telejornais locais e, também decidiu prestar vestibular para o Curso de Jornalismo, da UFSC.

Quando o resultado das provas foi divulgado, descobriu que havia passado no Curso de Teatro e não no de Jornalismo. Apesar de não ter certeza do que queria, se frustrou. A frustração virou dedicação. Passou o primeiro semestre de 2014 trabalhando em um *fast food* na Beira-Mar Norte, fazendo saladas e sucos para pagar o cursinho pré-vestibular. No segundo semestre, deixou o emprego e começou a fazer o cursinho das 13h30 às 18h30. Quando chegava em casa, jantava e se trancava no quarto para continuar estudando. Fazia resumos, lia listas de exercícios até a madrugada. No final do ano prestou novamente o vestibular para Jornalismo na UFSC. Quando recebeu o e-mail informando que tinha passado em terceiro lugar, se surpreendeu com o desempenho.

Em 2015 entrou no Curso e, para se dedicar exclusivamente aos estudos, decidiu se mudar. Sua família reside em Barreiros, na vizinha cidade de São José, a 14 km do Campus, então ele foi morar com a avó materna, Bernadete, no bairro Trindade, perto da UFSC.

Iniciou a graduação com a mente aberta para as possibilidades que lhe seriam oferecidas. A sua única certeza era que não gostava de editar reportagens para TV. Sua paixão pelo telejornalismo estava clara desde o primeiro semestre, quando foi bolsista de monitoria na disciplina de Telejornalismo 1, ministrada pelo professor Antônio Brasil.

Logo foi bolsista de iniciação científica da professora Cárilda Emerim. De acordo com a professora, Felipe “sempre foi um aluno muito comprometido, um aluno que se destacava pelo respeito entre os colegas, com os professores, ele sempre era proativo. A gente sempre conversava, fazia uma proposta e ele sempre topava”. Para Felipe, trabalhar com a professora Cárilda foi um grande privilégio. Do trabalho na UFSC nasceu uma amizade que se estende para fora da universidade. “Eu acho que é uma tendência minha, quando tenho superiores mulheres, chefes mulheres, sempre acabam sendo grandes amigas minhas, e foi assim com a professora Cárilda por ela ser a minha orientadora do TCC”. Por causa dos compromissos da professora, não se encontram com frequência, mas sempre estão em contato. “Minha mãe inclusive disse que ela tem um abraço que cura. Acho que ela é essa pessoa, dá energia boa que eu quero ter ao meu lado sempre”.



Felipe e a Professora Cárilda no jantar pós-colação | Foto: Acervo professora Cárilda Emerim.

No segundo semestre do Curso, Felipe começou a participar do programa de extensão *TJ UFSC*, o telejornal universitário coordenado pela professora Cárilda e pelo professor Antônio. “Precisa ver uma pessoa que sai de manhã com um sorriso na orelha e volta à noite com um sorriso na orelha, era o Felipe naquela época”, relembra sua mãe.

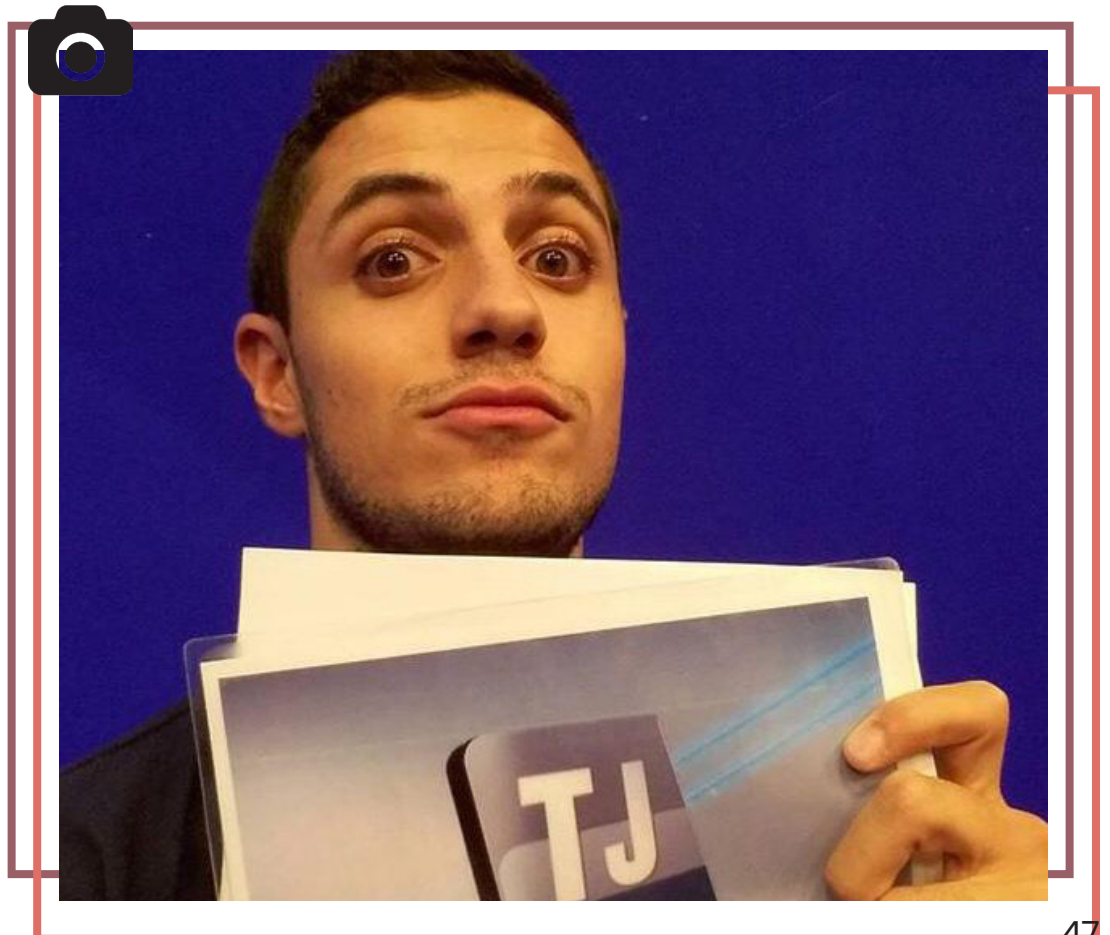
No projeto fazia reportagens e edições, até que um dia a âncora escalada não teve condições de apresentar o telejornal, estava completamente sem voz. As editoras chefes da época, Ana Cristina Machado e Fernanda Muller, ficaram reunidas por horas, para decidir quem a substituiria. Ao sair da sala perguntaram à Felipe se estava preparado para apresentar o programa, pois fazia apenas dois meses que integrava a equipe. Entusiasmado, aceitou o desafio, mas havia um pequeno empecilho, não estava vestido adequadamente. A solução encontrada foi pedir emprestada uma camisa ao colega Bruno Rosa, que morava na Trindade. O único detalhe era que Bruno é muito mais alto que Felipe e “a camisa parecia mais um vestido, chegava até sua canela”. Nada que com um bom enquadramento não resolvesse, e assim o *TJ* foi todo apresentado com plano médio e a enorme camisa não chamou tanto a atenção.



Assista ao vídeo de Felipe apresentado no *TJ UFSC* pela primeira vez. | Vídeo: Youtube TJ UFSC

A equipe do *TJ UFSC* é formada por estudantes. Todo ano é selecionada uma dupla para cumprir o papel de chefe da edição. No final de 2016, Felipe e Luiza Morfim receberam o convite dos professores para o cargo. Ambos defenderiam seus TCCs no ano seguinte. Apesar de ter ficado com receio de assumir as duas responsabilidades, aceitou o desafio. “Foi uma das melhores decisões que eu tomei, descobri uma excelente amiga que é a Luiza”.

Nesse período, Felipe e sua parceira viveram momentos únicos, “vivi coisas excelentes naquele projeto. A responsabilidade enorme da cobertura da morte do reitor Cancellier foi um dos maiores desafios. Foi uma coisa muito bizarra porque começou primeiramente com o dia da prisão dele em 14 de setembro, lembro até da data”, diz enquanto mostra seu braço arrepiado, e continua, “no dia que ele foi preso era o dia que eu ia para o *Rock in Rio*, então eu estava com o ingresso e as passagens compradas há muito tempo, e eu ia embarcar naquele dia às 15h. Quando eu vi que ele foi preso, eu fiquei tipo ‘meu Deus, como que eu vou embora, o *TJ* só tem dois editores, como que um dos dois editores chefes vai embora no dia em que o reitor foi preso’”. No entanto, Luiza o apoiou e lhe disse que fosse tranquilo.



Felipe antes de entrar
ao vivo no *TJ UFSC* | Foto:
Rede social pessoal

Em 2017, o projeto ganhou o Prêmio Expocom (Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação), vinculado à INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) como melhor reportagem em produção de videojornalismo e telejornalismo pela segunda vez consecutiva.

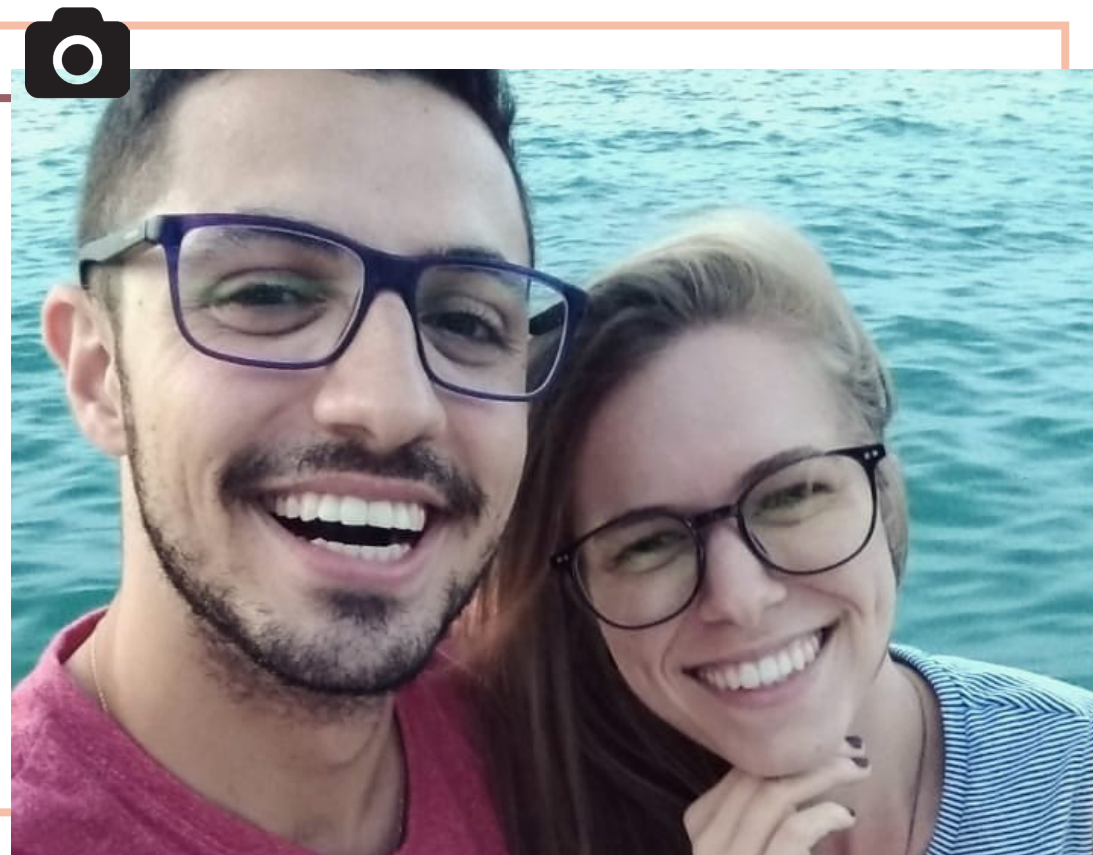
Além da dedicação aos estudos, o bom humor e alto astral de Felipe são outras de suas qualidades citadas por professores e colegas. Felipe é uma pessoa super alto astral, seu bom humor exala quando fala, gesticulando com as mãos. No *TJ* criou muitos vínculos de amizade que permanecem após a formatura. Ana Cristina, sua melhor amiga, lembra como o conheceu trabalhando no *TJ*, em 2015. “Já conhecia ele só de corredor. A amizade foi acontecendo espontaneamente, ele é uma pessoa que está sempre disposta a ajudar independente de quem for”.

Um dos momentos que mais a marcou com Felipe foi um dia que saíram da UFSC e foram para a Beira-Mar Norte, ele não se sentia muito bem. Enquanto falavam, perceberam que na água, bem na sua frente, havia um barco parado.

- Vamos andar de barco?, disse Ana Cristina.

- Vamos, respondeu Felipe.

Esse “foi o rolê mais aleatório, mas que me marcou muito”, lembra ela.



Felipe e Ana Cristina conversando em um barco na Beira-Mar Norte. | Foto: Acervo pessoal.

Mas não só o *TJ* resume a passagem de Felipe pela graduação. Durante a sexta fase realizou seu estágio obrigatório no Ministério Público de Santa Catarina, sua primeira experiência no mercado. O trabalho foi desenvolvido graças à sua experiência com texto adquirida nas disciplinas. Procurou um estágio em assessoria buscando desafiar-se em outras áreas e treinar a escrita, pois tinha bastante experiência em edição de vídeo. Ao chegar ao Ministério Público teve uma grata surpresa. “Os editores [de vídeo] já me conheciam do *TJ*, me convidaram para trabalhar com eles e eu falei não”.

No Ministério Público, Felipe saiu de sua zona de conforto. Recebia de bom grado as críticas e sugestões sobre os seus textos. Ali teve a oportunidade de conhecer outras formas de fazer jornalismo e de conhecer internamente os trâmites judiciais e políticos. O estágio foi sua estréia no mercado de trabalho, meses antes da colação de grau.

A formatura foi inesquecível, a ponto dele brincar: “se eu pudesse eu moraria na noite desse baile”. Parte de sua família que mora em Blumenau, no interior de Santa Catarina, e que não conhecia seus amigos da faculdade, veio para Florianópolis para comemorar a conquista. Esse dia está definitivamente marcado em sua memória.



Felipe recebendo o canudo na Colação de Grau | Foto: Acervo pessoal.

Felipe, rodeado por Rinaldo Cabral e Paula Sales, na sua Colação de grau| Foto: Acervo pessoal.



Felipe concluiu a faculdade sentindo-se preparado. No Curso aprendeu a botar a “mão na massa”. Sua experiência lhe abriu as portas do primeiro (e atual) emprego na emissora *NSC*, filiada da *Rede Globo* em Santa Catarina. Desde 6 de março de 2019, trabalha como editor de imagens dos jornais da *NSC TV*. Ao avaliar o caminho percorrido até aqui, sente-se “feliz por ter conquistado coisas grandes e importantes em pouco tempo”, porém, não esconde que quer ir além dentro da emissora, almeja ainda trabalhar como repórter ou editor de texto.



**FLÁVIA
GUIDOTTI**

SOFIA, JORNALISMO E FEMINISMO: OS TRÊS PILARES DE FLÁVIA GUIDOTTI

Gabriela Pineda

É uma quinta-feira à tarde. A chuva torrencial – típica da primavera do sul brasileiro – bate fervorosamente no teto do Laboratório de Fotojornalismo do Curso de Jornalismo da UFSC. Estou sozinha, trabalhando em uma reportagem sobre a ponte Hercílio Luz. Repentinamente, reclamando, claro, da chuva, adentra ao local uma professora magra, pequena, estilosa – como toda leonina que se preze – e jovial. Cumprimenta-me com um “oi” e se senta à mesa de computador ao meu lado.

Agora que está em seu habitat natural, a professora Flávia Garcia Guidotti pega uma xícara de café, como se não estivesse acelerada o suficiente, e se acomoda em meio a papéis e e-mails. Falando pelos cotovelos, tenta organizar a mente para resolver mil coisas ao mesmo tempo.

Enquanto planeja aulas e corrige atividades, Flávia está, como sempre faz sem nem perceber, falando sobre o grande amor de sua vida: a filha Sofia. Neste dia, a história não era das melhores. Sofia havia baixado, sem querer, um vírus no seu computador. A professora de Fotojornalismo não negava o sentimento de raiva, mas muito gentilmente relatava o ocorrido – quase que gargalhando.

Escutando o desabafo, em poucos minutos percebi que Flávia não olha somente para o “lado vazio do copo”. Busca o lado bom das coisas. Talvez não por acaso a vida tenha se encarregado de fazê-la registrar esta perspectiva positiva do mundo. Não por coincidência, decidiu ensinar outras pessoas a olhar tudo com bons olhos. Ou lentes. Continuei observando-a.

“Não repare, eu falo sozinha mesmo”. Ainda presa nas obrigações que toda professora de universidade tem, Flávia solta pensamentos altos e vagos, como quem se esforça para controlar vários cachorros agitados ao mesmo tempo. Determinada que só, uma hora consegue.

O talento, combinado com uma boa dose de coincidências, trouxe Flávia à Ilha da Magia – ou Florianópolis, como preferir. Isto porque, ao contrário do que muitos pensam, dar aula de Fotojornalismo não era o seu maior sonho. Antes disso, ela queria ser uma jornalista do dia a dia.

Antes de se formar em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, na Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), já havia conquistado diploma no curso de Desenho Industrial (atual curso de Design) na antiga Escola Técnica Federal de Pelotas que, hoje, é um Instituto Federal (IF). Ela trabalhou durante sete anos na área, como designer: “eu comecei fazendo um estágio na editora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e depois fui efetivada por uma fundação da universidade. Eu fazia planejamento gráfico de livros e revistas”. Também cursou Publicidade e Propaganda, mas não concluiu.

Formada, enfim, em Comunicação Social, mesmo sem planejar, ingressou rapidamente naquela que seria uma de suas paixões – a docência. Como ela conta, foi uma área que surgiu meio sem querer: “Logo que eu me formei na faculdade, abriu uma vaga para Design Gráfico e Editorial no Departamento de Artes da UFPel. Como eu tinha muita experiência, resolvi fazer o concurso e passei em primeiro lugar”. Dali para a UFSC seria uma empreitada profissional de dez anos. Nessa década, trabalhou como professora e como jornalista, iniciou o mestrado e, no meio do caminho, teve uma – a melhor – surpresa: Sofia.

Por volta de 2006, Flávia estava em Porto Alegre, cursando o segundo semestre do mestrado em Ciências da Comunicação na Unisinos. Sua pesquisa batia à porta. Mas quem tocava a campainha era a sua filha. Sozinha na cidade (o companheiro havia ficado em Pelotas, RS, onde trabalhava), descobriu que estava grávida. Mesmo com a surpresa, continuou os estudos. Qualificou a dissertação em 08 de março, Sofia nasceu 20 dias depois. “Foi uma experiência bem intensa, porque o mestrado já é uma experiência intensa e tu passar por esse período com uma gestação no meio... Foi bem difícil”.

Flávia agarrou Sofia e foi. A menina foi crescendo enquanto acompanhava o aperfeiçoamento da formação da mãe. A jornalista iniciou o doutorado em 2009, pela UFPel, enquanto ministrava aulas na Unisinos. Como parte de sua pesquisa, fez estágio sanduíche durante um ano, em Barcelona, na Espanha. Nesse período, Sofia foi matriculada em uma escola espanhola e alfabetizada em catalão.

A tese foi defendida em 2013 e, no mesmo ano, Flávia iniciou seu Pós-Doutorado também na UFPel. Em 2014, prestou concurso público: estava entre a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a UFSC – tentou

primeiro a instituição catarinense e foi aprovada. Chegou a Florianópolis com Sofia, que na época tinha oito anos. Talvez esta seja a mais clara intersecção da vida de Flávia – não se sabe onde termina a mãe e começa a professora e jornalista.

“Não tem ninguém para me ajudar aqui, eu não tenho um familiar em Florianópolis. Somos só eu e ela”. Em meio a tantas andanças, Flávia se separou. O pai de Sofia, que tentou transferência para a UFSC durante certo tempo, teve de voltar a Pelotas para trabalhar. Ele continuou presente, mas com a dificuldade de 740 quilômetros de distância. A professora estava, mais uma vez, com a carreira em uma mão e a filha de sete anos na outra.

Paradoxalmente, este foi o período em que a fotojornalista mais evoluiu enquanto mulher: não só enfrentou as dificuldades de criar uma garota, como também apoiou as alunas do Curso de Jornalismo da UFSC a fundarem o Coletivo Jornalismo Sem Machismo. Na época, as estudantes tiveram problemas com alguns professores homens e procuraram nos currículos das professoras mulheres referências no campo dos estudos de gênero. Flávia era a única que possuía: o TCC dela, em Jornalismo, por volta dos anos 2000, foi uma análise feminista do jornal de esquerda *Pasquim 21*.

Ouçá o áudio de Flávia falando sobre a formação do Coletivo Jornalismo Sem Machismo.



Assim, Flávia começou a fazer história na UFSC. Tanto pelo seu trabalho como professora; como por suas características pessoais: acessível, consciente e comprometida com a formação dos futuros jornalistas. Por se posicionar e não se calar enquanto mulher. No Aquário, a professora é vista pelos alunos como uma das profissionais mais simpáticas e competentes. E olha que a “rádio corredor” – os boatos do pessoal que por ali circula – nunca mente. Um de seus alunos no segundo semestre de 2019, Alan Cavaliere, descreve a fotojornalista como “uma professora muito culta, com muitas referências” e afirma que ela é “bem sensível. Do jeitinho dela, tenta passar as diferenças do mundo, as pluralidades”.

Durante as manifestações a favor da Educação, ocorridas em 2019, Flávia Guidótti fez coberturas para o Instagram do Laboratório de Fotojornalismo da UFSC. As fotos acima são do dia 13 de agosto, na manifestação nomeada "Tsunami da Educação" | Foto: Flávia Guidótti



Mais gratificante do que todo o enredo sobre Flávia, é saber que Sofia, que hoje tem 15 anos, acompanha tudo isso de perto. A jornalista conta que faz questão de inserir a filha nos debates sociais.

Sofia, Jornalismo e Feminismo: estes três pilares tornam Flávia um ser humano ímpar. Com o Fotojornalismo, registra as lutas das minorias e reivindica direitos para as mulheres. Na maternidade, encontra a força para lutar. Como professora, transmite seu comprometimento por um Jornalismo de qualidade. Explicando tudo nos mínimos detalhes e dialogando com os outros (às vezes, sozinha), Flávia conta suas histórias, dá suas aulas e cria sua filha. Para ela, nada é insignificante.



Flávia e Sofia | Foto: Acervo pessoal



**FRANCISCO
KARAM**

O MESTRE

Pâmella Andressa

Desde o início do Curso de Jornalismo temos várias disciplinas teóricas, e cá entre nós, quem nunca leu um texto e se pegou discutindo mentalmente com o autor, ou ficou cheio de dúvidas e pesquisou sobre quem o escreveu. Foi o que me aconteceu com *Jornalismo, ética e liberdade* (1997). Inicialmente, o autor me parecia um ser distante, mas descobri que por trás do denso conteúdo estava um professor que deu aula durante muitos anos e que tem uma trajetória dentro do Curso em que estudo. Foi assim que conheci, à distância, Francisco Karam.

Passei dois anos mergulhada na graduação até que, em 2019, a *Rádio Ponto UFSC*, onde trabalho, completou, 20 anos. A equipe começou a organizar a programação especial sob a coordenação da professora Valci Zuculoto. Entre as ações tínhamos que buscar depoimentos de pessoas que fizeram parte da história da Web emissora e do Curso de Jornalismo, e lá estava novamente o nome do professor de Ética Jornalística. O ano estava no fim, eu já conhecia a sua voz, seus textos e sentada com a professora Melina Ayres para escolher a “Estrela do Aquário” a perfilar não tive dúvidas, prontamente optei por conhecer a história do professor Francisco José Castilhos Karam. O famoso e tão falado!

Karam nasceu em 10 de abril de 1952, na cidade de Bagé, no interior do Rio Grande do Sul. Sua formação acadêmica ele iniciou em Porto Alegre, onde cursou a Graduação em Comunicação Social-habilitação em Jornalismo, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1974.

Na sua escolha pelo Jornalismo havia muitas dúvidas “Pensei em Jornalismo, Veterinária, História, Geografia. Eu escutava muita rádio, quando eu era pequeno. Na minha cidade não tinha televisão, internet, telefone, eu passava o dia ouvindo música e notícias”. Após a formatura, trabalhou como revisor de textos na *Companhia Jornalística Caldas Júnior*, editora dos jornais *Correio do Povo* e *Folha da Tarde*. Como jornalista, passou por vários meios, dentre eles a *Rádio Guaíba*, jornal *Diário do Sul*, as revistas *Veja*, *Nova Escola*, *IstoÉ* e *Cláudia*. Também foi correspondente da *Rádio Musical Nacional*, de Cuba, entre 1988 e 1989.

Se bem que ele não se imaginava na docência quando ingressou na faculdade, mas acabou se tornando professor de Jornalismo. Em 1984, passou a integrar o corpo docente da Universidade Federal de Santa Catarina, no Curso de Comunicação - habilitação em Jornalismo, ministrando disciplinas de Publicidade Propaganda e Comunicação. Dois anos depois, assumiu como Chefe de Departamento. “Eu fiz concurso aqui [em Florianópolis], trabalhei aqui antes da universidade, em jornais alternativos. A cidade influenciou na minha escolha, as referências, tinham alguns expoentes do Jornalismo e em defesa da democracia que haviam vindo para cá, como Daniel Herz, Adelmo Genro Filho, Ayrton Kanitz, Luiz Lanzetta e Carlos Müller e autores como Nilson Lage”, relembra.



Francisco Karam quando Chefe do Departamento de Jornalismo | Foto: Ivan Giacomelli

Em 1989, fez mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo (USP), onde defendeu a dissertação *A especificidade ética do jornalismo na universalidade humana*. Entre 1996 e 1999, se licenciou da UFSC para cursar o doutorado no Progra-

ma de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Da pesquisa resultou a tese *Retórica e cinismo ético em discursos empresariais jornalísticos*.

Além de sua trajetória nos debates éticos, Karam nutre inúmeros interesses e atuou em diversos campos. “Uma vida é muito pouco para a gente conhecer e atuar em tudo que a gente quer, ainda que o Jornalismo seja algo muito amplo”, avalia. Nesse caminho participou do Programa Nacional de Estímulo e Qualidade da Formação em Jornalismo e participou da Comissão Nacional de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ).

O professor Samuel Lima, quem me apresentou os textos de Karam na disciplina de Ética, lembra que conheceu Karam em 1985, quando ingressou no Curso como aluno. “Ele foi meu professor já no primeiro semestre, trabalhando a disciplina Técnica de Entrevista e Reportagem. Daí desenvolvemos uma relação de amizade extra sala”. Samuel e Karam tinham como elo de ligação o também professor Adelmo Genro Filho, “muitas vezes nos encontrávamos para estudar textos de filosofia e política, ou para conversar sobre as coisas da vida, tomar uma cerveja, fazer um churrasco, uma amizade que se estende nos últimos 35 anos”. Entre os amigos, Karam é chamado de “Mestre”. “É um ser humano de uma generosidade ímpar, muito rara, uma pessoa afetuosa, que tem o cuidado com seus amigos”, destaca Samuel.

Em 2007, junto com outros professores do Departamento, ajudou a fundar o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, o primeiro do país a oferecer um mestrado específico para a área. Em 2008, voltou a se afastar da UFSC para realizar sua pesquisa de pós-doutorado na Universidade Nacional de Quilmes, na Argentina. No programa, além de ministrar disciplina e orientar várias pesquisas, foi coordenador na gestão 2014-2016.

Em 2016 se aposentou após a obtenção do título de professor titular na UFSC. Sua ideia inicial não era afastar-se totalmente, entretanto, a vida o surpreendeu. “Me aposentei em maio, pensei em dar aula como professor voluntário, mas aí sofri um infarto em julho, tive que colocar quatro stents. Dois meses depois entupiram e apareceu algo mais grave e tive que fazer uma cirurgia para colocar três pontes de safena e uma ponte de mamária. O tempo foi passando e acabei ficando totalmente fora das universidades”.

Em sua trajetória, Karam acumula publicações que se tornaram referências na área. Além do *Jornalismo, ética e liberdade* (1997) através do

qual o conheci, lançou *A ética jornalística e o interesse público* (2004); organizou, em coautoria com o professor Rogério Christofolletti, *Jornalismo investigativo e pesquisa científica – fronteiras* (2004), e *Jornalismo, crítica e ética* (2016), em parceria com o professor Samuel Lima. Produziu um grande número de artigos e desenvolveu uma produção científica utilizada nos estudos em Jornalismo no Brasil, principalmente nos campos da Ética, Moral e Deontologia, Retórica e Dialética. Foi co-líder do grupo de pesquisa ObjETHOS, observatório da Ética Jornalística, com o qual ainda mantém contato. “Ano passado minha grande colaboração foi o churrasco do ObjETHOS, tenho algumas participações ainda, mas hoje estou mais ligado à família, que durante a carreira acabei deixando um pouco de lado”.

Marcela Lin, formada no Curso, foi sua orientanda e conta que teve aula com o professor ao longo de toda a graduação e pós-graduação. “Ele é um excelente profissional. Aparentemente sério, ele tinha um humor que tornava os momentos com ele – seja em aula ou nos intervalos – leves e agradáveis”.

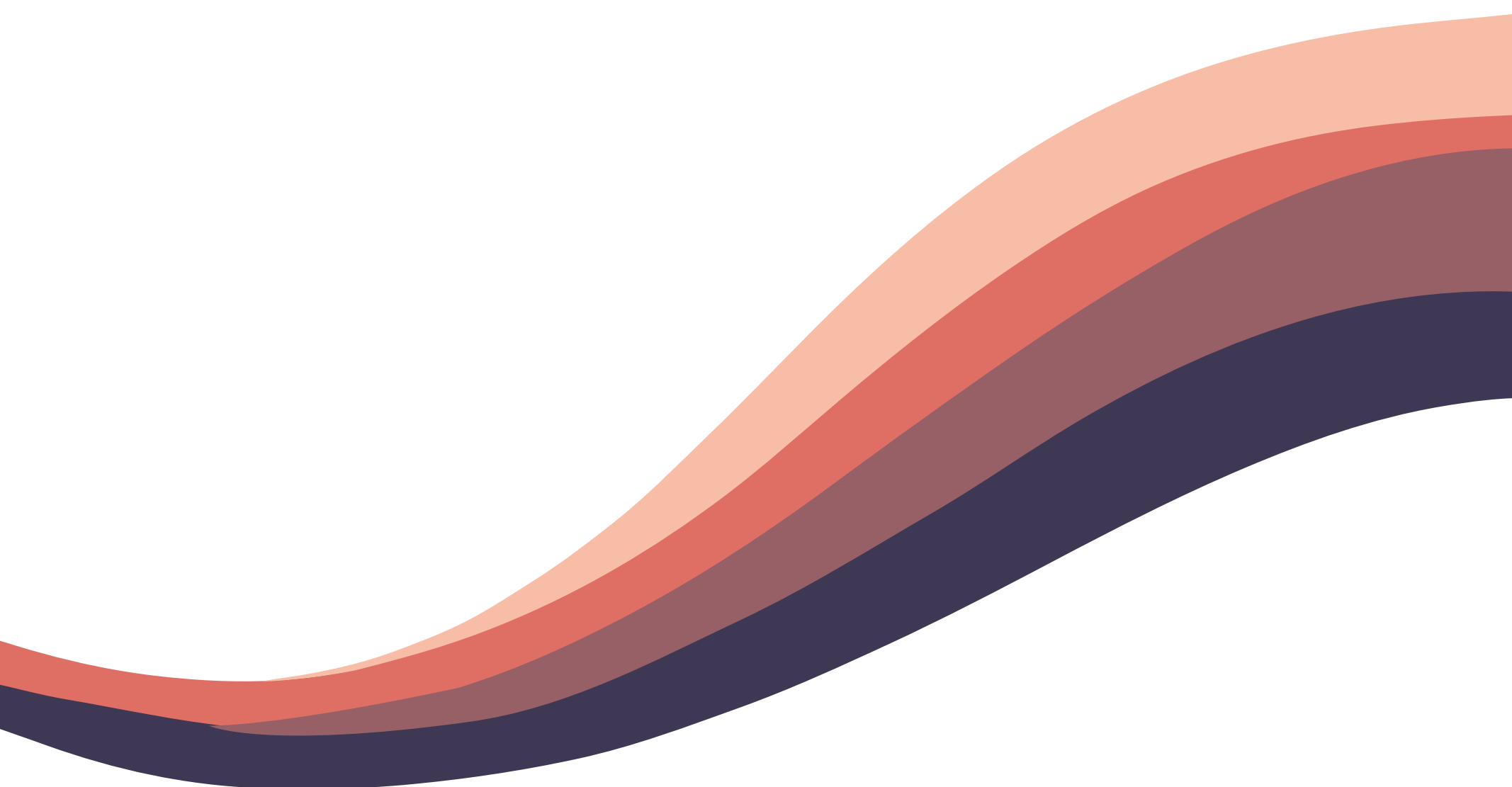
Karam era conhecido por ser um professor exigente, mas não daquele tipo que os alunos temem, pelo contrário, havia grande carinho por ele. “Ele sabia se impor com muito respeito, era sempre humilde e elegante na hora de compartilhar todo o seu imenso conhecimento em forma de aula. Nos cativava, na forma de nos tratar sem ser arrogante e pelo seu bom humor discreto”, relembra Marcela.

Eu já havia pesquisado e conversado sobre ele com várias pessoas, até que chegou a hora de marcar a entrevista, em um local de sua preferência. No dia, fui até a sanduicheria Berinjela, que fica dentro pequeno Shopping Center, próximo à UFSC. Pedi uma média pura bem forte e um casadinho. Escolhi uma mesa perto da janela, com uma bonita vista dos prédios. Conferi a bateria do celular para gravar, testei a câmera do aparelho e falhou, “Não.. Não pode ser, pensei”, mas não havia o que fazer a não ser manter a calma. Terminei o café e preparei algumas anotações enquanto o esperava.

Em passos calmos, Karam chegou colocando a mão acima dos óculos de grau, como quem procura alguém. No rosto, um sorriso meigo e gentil de quem encontra um amigo em um café. Levantei, chamei por seu nome e cumprimentei com um abraço, perguntei se podia gravar nossa conversa. Ele abriu um sorriso e respondeu, “sem problemas”. Começamos uma conversa e aquele ser distante, cheio de títulos e grandes feitos se tornou real.

Filho de um bancário aposentado, que hoje tem 104 anos e se dedica

a escrever livros. Pai de Helena, uma menina de 12 anos, com quem divide seus dias e a quem quer acompanhar por muito tempo. “Hoje estou dedicado a assuntos literários e familiares”, disse com seu sotaque gaúcho e um tom de voz tranquilo, de alguém que já não precisa demonstrar ao mundo a que veio.





LAINÉ VALGAS

LUZ, CÂMERA E EMOÇÃO

Letícia Coutinho

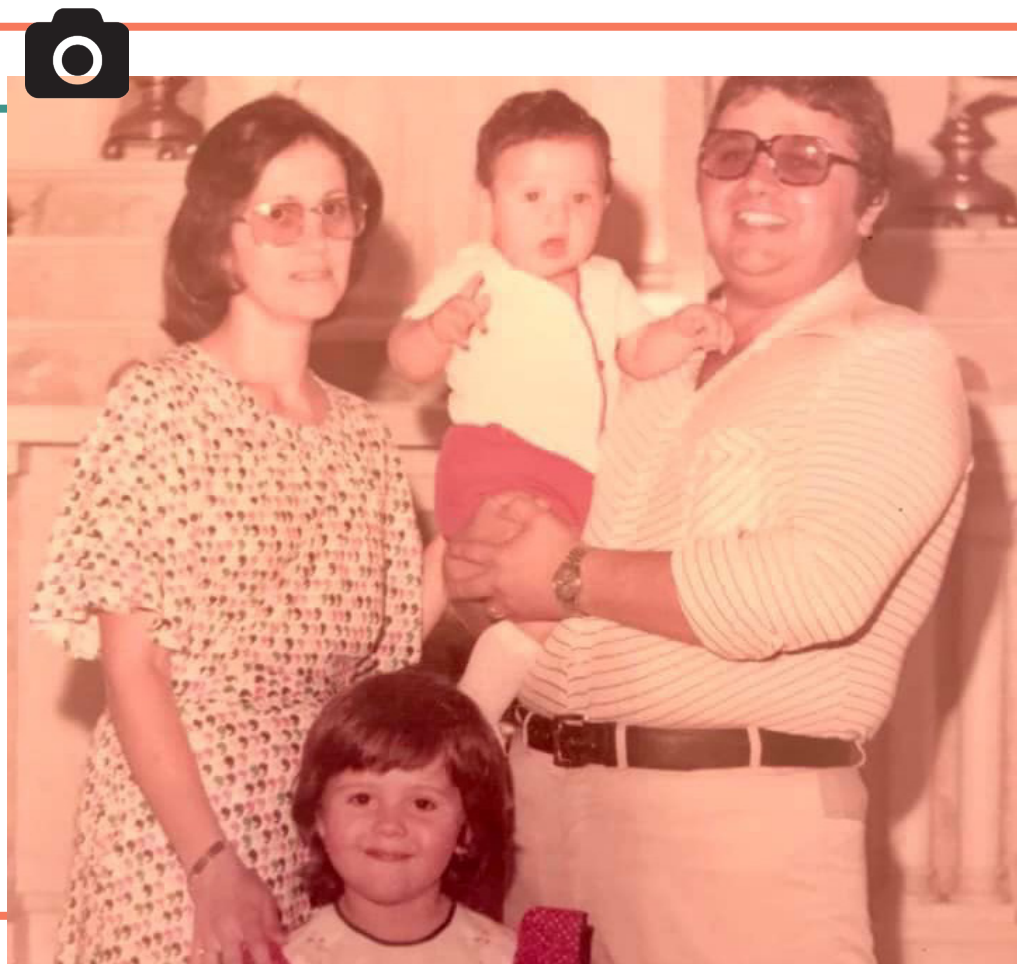
Cantar, dançar, apresentar. Comunicar. Fazer arte, no melhor sentido da expressão, é a essência de Laine Valgas desde a infância. Sendo fruto de uma família que “fala por todos os poros”, entendeu desde cedo a importância de dar atenção às pessoas, e garante que as avós, dona Dilma e dona Benta, brilharam nessa hora. Delas, herdou a habilidade de se aproximar das pessoas, principalmente de Benta, com quem convivia mais. Para Dineide Valgas, mãe de Laine, esse carinho com o próximo, ainda que especial, por vezes a preocupava. “Ela sempre foi uma menina que conversava com todo mundo, sempre carismática. Eu tinha até medo que alguém carregasse ela, de tão atenciosa que ela era com todo mundo”.

Ainda na infância, Laine teve seu primeiro contato com o microfone. Seus pais, Dineide e Moacir Valgas, eram músicos na época. Encantou-se pela arte de se comunicar. Logo, veio a ideia: pegou a embalagem do seu “pega-varetas”, um jogo clássico das décadas de 1980, e com seu pega-varetas/microfone empunhado, chegava a hora de brincar de entrevistar. Nessa imaginação despreziosa, não tinha convidado ruim, até a estante de casa entrava na onda para bater um papo. Em meio a risadas, Laine afirma “se eu não tivesse vocação, eu ia acabar tendo”.

Entre as histórias de infância, uma chama atenção. Quem vê Laine Valgas e Mário Motta dividindo as telas da *NSC TV*, não imagina que o caminho de ambos se cruzou anos antes. Mário, formado em Educação Física, veio para Florianópolis em 1986. Na capital catarinense, foi trabalhar na Secretaria de Educação, onde conheceu a professora Dineide, mãe de Laine. Com a convivência, vez ou outra notava algo diferente no ambiente profissional: “Naquela época, uma menina bastante esperta corria pelos corredores da Secretaria, de vez em quando. Essa é a primeira lembrança que tenho da Laine”, conta o apresentador do *Jornal do Almoço*. Este primeiro encontro com o colega e amigo Mário Motta aconteceu quando Laine tinha treze anos.

Ainda que muito comunicativa, um carisma natural, e alguns acasos, a escolha pelo Jornalismo não foi iminente. O pai incentivava a filha a seguir para a área das Ciências Exatas, queria que ela cursasse Processamento

de Dados, dentro da área de Tecnologia de Informação/Computação, por conta da valorização financeira da profissão à época.



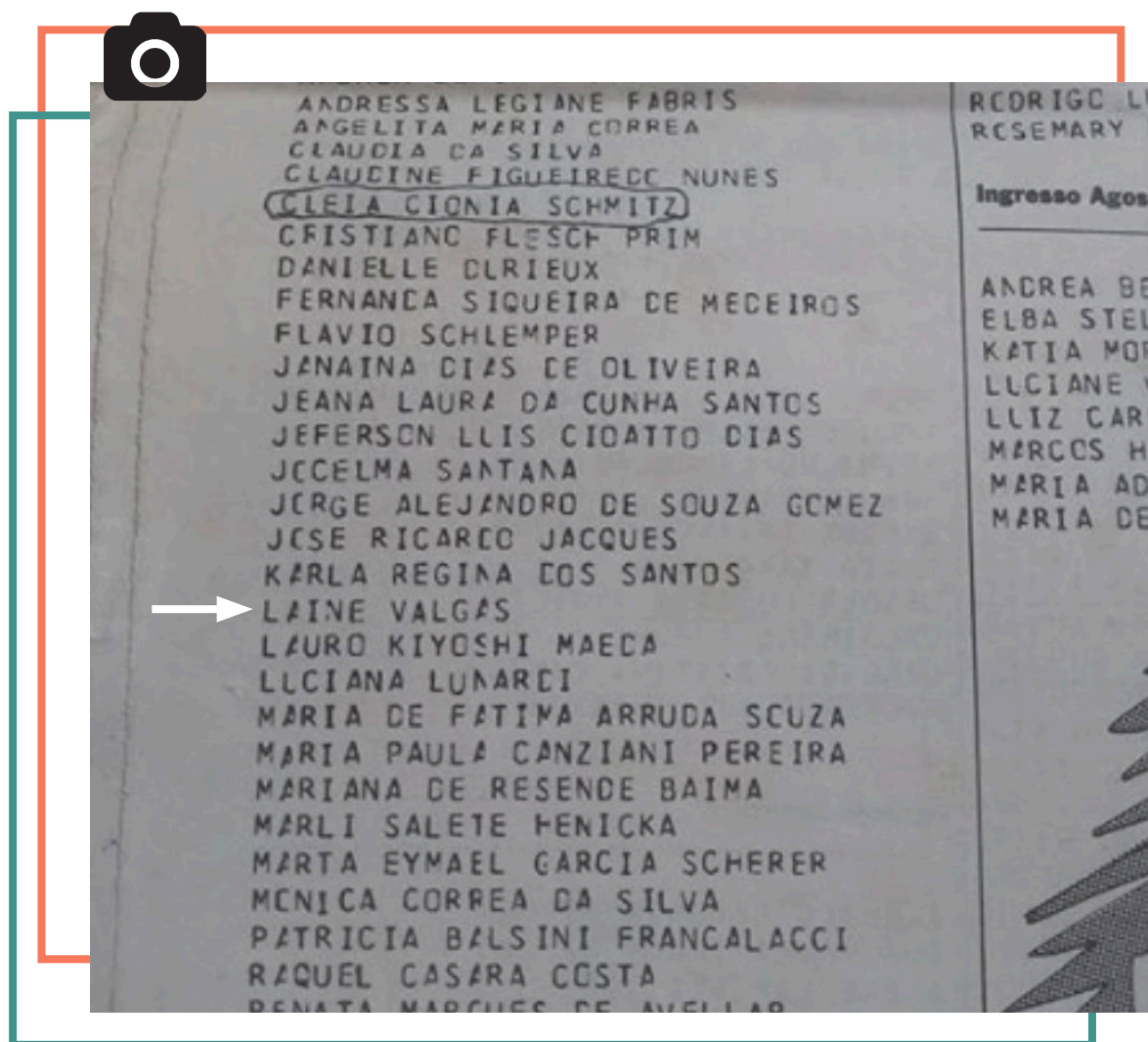
Laine (no chão) com os pais, Dineide Valgas e Moacir Valgas, e o irmão (no colo), Dêivid Valgas. | Foto: Acervo pessoal.

Já Laine tinha outros planos: “Na verdade, eu queria ser Chacrete, porque eu amo dançar e eu amo cantar! A expressão corporal sempre fez parte de mim”. Mas ela sabia que acabaria indo para a área tecnológica. Até que, numa sexta-feira, ainda na oitava série do colégio Nossa Senhora de Fátima, em Florianópolis, ela foi em direção ao compromisso semanal, as confissões com o padre da escola. “Naquela confissão, eu falei, falei, falei e falei”. Quando respirou, o padre perguntou:

- Espera aí, o que você vai querer fazer quando crescer?
- Processamento de Dados, ela disse.
- Não, minha filha, quem sabe você pensa em Comunicação?, ele disse.
- Então tá, vou ser jornalista!

Naquele dia, Laine decidiu que queria cursar Jornalismo. “Não pensei em nada diferente depois disso”. Aos 16 anos, prestou o vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina, “ela não piscou nem o olho, logo se

inscreveu para Jornalismo. Nós, os pais, sempre apoiamos, mas mesmo que a família não quisesse, a Laine teria feito a mesma escolha”, conta Di-
neide. Com a divulgação da lista de aprovados pelo rádio, o momento de
euforia teve direito a ovos e farinha no tradicional trote, promovido pelos
familiares e amigos.



No verão de 1990, foi divulgado o “listão” dos aprovados. Laine foi aprovada em primeira chamada. | Foto: Cléia Schmitz

Em março de 1990, o primeiro dia de aula chegou. A adolescente se sentia uma estranha no ninho, “eu cheguei de meia soquete, tênis branquinho, bermuda e suspensório. Só faltou a maria-chiquinha nos cabelos. Eu era uma criança”. Mesmo com as diferenças entre a turma de calouros e os veteranos, não houve desrespeito ou exclusão, “foi tão bacana saber que todas as tribos podem se unir”. O acolhimento foi crucial para a experiência no Curso, e Laine teve trânsito livre por todos os grupos.

Nos corredores e salas do JorUFSC, a turma de 1990.1 se aproximou, e grandes amizades surgiram. Ao falar do amigo e hoje jornalista Walfried Neto, Laine relembra, “éramos muito próximos. Era a dupla ValFried e

LaineEd. A gente tinha uma sintonia muito boa”. Walfried era seu parceiro dentro e fora da UFSC, juntos iniciaram a trajetória nas ondas da rádio universitária, comandados pela professora Valci Zuculoto. “Eu sempre quis TV. Ponto. Mas não tinha laboratório de ‘tele’, então o rádio foi minha opção paralela, e foi o que mais me movimentou no Curso. Rádio é a base para qualquer comunicação”. A vivência de Laine no sonhado LabTele, vários anos após a formatura, em 2017, quando já era uma jornalista reconhecida em todo o estado.



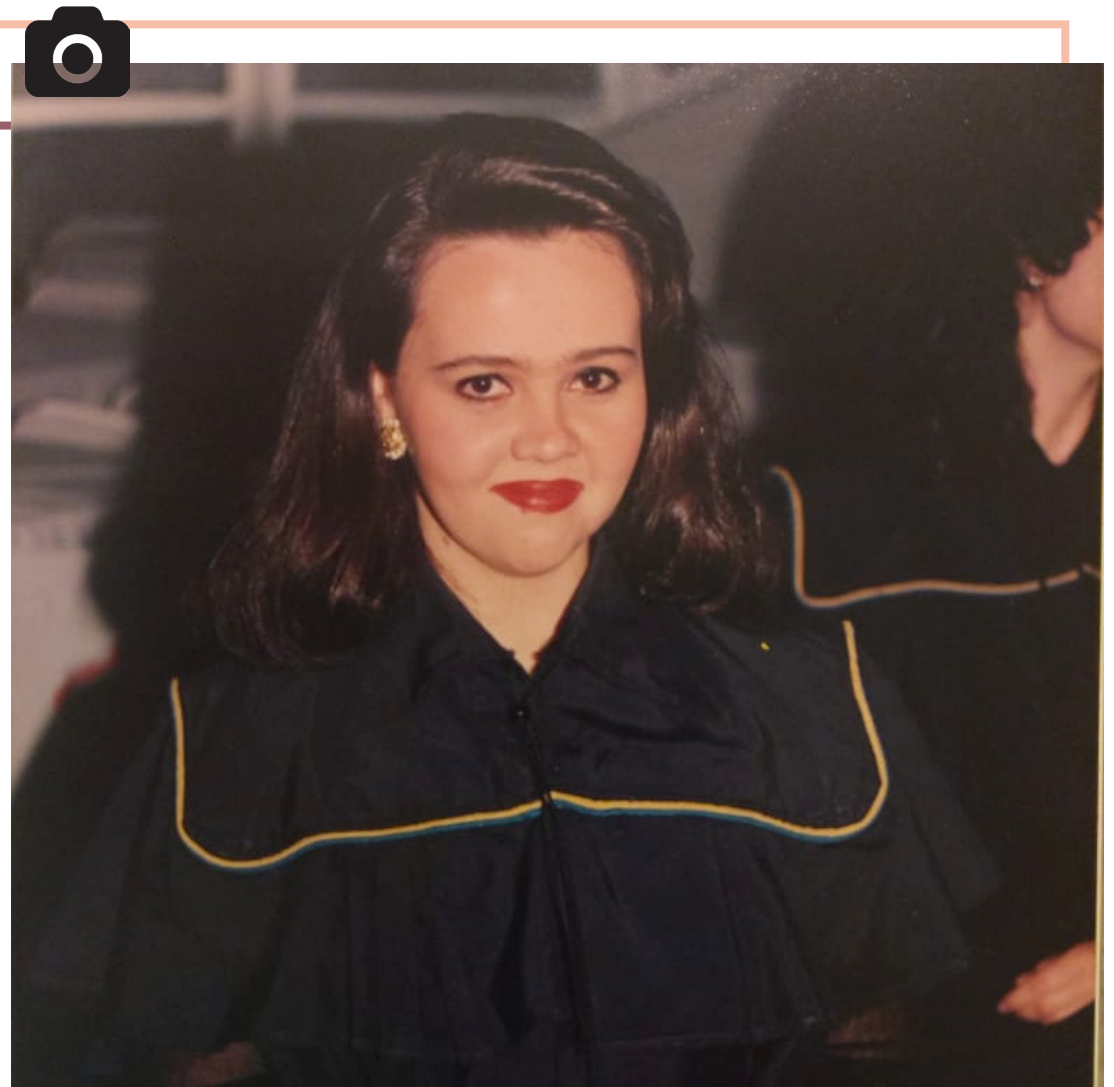
Assista ao vídeo de Laine apresentando a chamada para o TJ UFSC. | Vídeo: Arquivo TJUFSC

No laboratório de Rádio, Laine foi monitora e integrou a primeira equipe do programa Universidade Aberta (UnAberta), que teve início em 1991. O projeto dos professores Eduardo Meditsch e Valci Zuculoto divulgava as notícias da universidade e do Brasil. Laine revela que um momento marcante foi a cobertura ao vivo da eleição para reitor da UFSC, em 1992, vencida por Antônio Diomário de Queiroz, que ocupou o cargo até 1996.

Dos professores, diz ter gostado de todos, mas ressalta o trabalho da professora da área de rádio. “A Valci é uma que eu guardo no coração. A Valci me marcou muito, ela é uma mãe”; entre outros, cita a professora Gilka Girardello, da disciplina de Redação, quem lhe mostrou um lado mais humano do Jornalismo. Lembra, também, do professor Luiz Alberto Scotto

que, à medida em que questionava seus textos, a desafiava. Foi ele quem lhe deu o primeiro empurrão para o mercado de trabalho, quando a indicou para um estágio na CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina). Por fim, relembra o professor Sérgio Ferreira de Mattos, o Serginho, por ser um revolucionário da TV e do rádio. Sobre a relação com os docentes, a amiga e colega de Curso, Cléia Schmitz, conta: “Era ótima. Ela sempre foi boa aluna e tomava a frente nos trabalhos das matérias de rádio e TV, além de participar dos projetos do Curso nestas áreas, como o Universidade Aberta”.

Os momentos fora da sala de aula também marcaram o coração de Laine, como o tradicional almoço de segunda-feira entre ela e Cléia. “Era como se fosse uma tradição: toda segunda-feira tinha o nosso suco de manga com pão-de-queijo”. Das delícias da UFSC, Laine conta que nunca comeu no Restaurante Universitário (RU), já que conseguia almoçar em casa nos outros dias da semana.



Laine iniciou o Curso em 1990 e colou grau no ano de 1994. | Foto: Lauro Maeda.

No mesmo ano em que se formou, Laine seguiu para a *TV Barriga Verde*, onde trabalhou por seis anos. Dali, chegou à *NSC* (na época, *RBS TV*), onde permanece até hoje. No meio do percurso, se tornou colunista do *NSC Total* e apresentadora, repórter, produtora e editora, no *Jornal do Almoço*. Também comanda a própria empresa de comunicação, pondo em prática aquilo que buscou nas suas formações paralelas em coach, neurocoach, gestão de pessoas.

O que Laine Valgas mantém do Curso, além da formação completa e o diploma, conquistado em 1994, é a crença num Jornalismo que evoluiu, mas que tem espaço para mais. “Às vezes somos técnicos demais e menos humanos”. Acredita que a profissão mexe muito com o ego, e que a importância dela está no casamento entre o Jornalismo e a Comunicação, no sentido de atingir positivamente o seu interlocutor: “o valor do Jornalismo está em conseguir fazer parte da vida das pessoas, de alguma forma”.



No ar com o *Jornal do Almoço*, Laine divide a apresentação do programa com os colegas Mário Motta e Edsoul. | Foto: Letícia Coutinho.



**LÚCIA
HELENA VIEIRA**

NADA MELHOR QUE O TEMPO

João Scheller

A imprensa universitária funcionava a todo vapor. Os linotipos pintavam o papel, o barulho constante das engrenagens e válvulas acompanhava a impressão. Era nesse ambiente que as primeiras turmas do Curso de Jornalismo da UFSC tinham suas aulas, em uma sala ao lado do maquinário. Era possível sentir o cheiro dos pistões trabalhando enquanto os professores passavam as explicações no quadro negro. Os alunos se revezavam para utilizar as 10 máquinas de escrever que haviam sido arrecadadas pelo campus para serem utilizadas no recém-inaugurado Curso. Câmeras fotográficas eram só cinco. Os alunos saíam em grupo para fotografar, por conta do número insuficiente de equipamentos. Tudo ainda estava no começo.

Foi nesse ambiente em que Lúcia Helena Vieira estudou. Ela foi aluna da primeira turma do Curso de Jornalismo da UFSC, inaugurado em 1979. Um ano antes, Moacir Pereira, então professor de Direito na universidade e jornalista já atuante no estado, articulou junto com outras pessoas a fundação de um Curso em Santa Catarina, algo inédito até então. Ao mesmo tempo em que Moacir planejava a criação do que viria a ser o Jornalismo da UFSC, Lúcia estava saindo do ensino médio e ainda não havia decidido qual profissão seguiria. Tinha o sonho de se mudar para o Rio de Janeiro e estudar artes plásticas, mas ainda vivia com os pais e tinha que convencer a mãe coruja dos seus planos aventureiros. “Só hoje que eu percebo que minha mãe na verdade não queria que eu fosse para o Rio. Ela arranjou a desculpa de que meu pai teria dificuldades de me sustentar lá e eu, na época, não percebi. Não queria trazer esse peso para os meus pais, então decidi ficar em Florianópolis”.

Se o Rio e as Artes Plásticas não eram possíveis, uma versão mais realista do que fazer depois do colégio surgiu para Lúcia. Quando ficou sabendo que a UFSC iria abrir vagas para Jornalismo, logo se inscreveu e foi aprovada na primeira turma do Curso. “Era uma turma muito heterogênea. Com muitas opiniões e muito politizada, o que era - e ainda é - uma marca do Curso”, conta Aglair Bernardo, que foi colega de classe de Lúcia e hoje ministra aulas no departamento de Cinema da UFSC.

Todos com quem conversei descreveram os primeiros anos do Jornalismo na UFSC de forma muito parecida. Era uma espécie de experimento, onde um grupo de professores de diferentes áreas tentava passar seus conhecimentos para alunos genuinamente interessados por Jornalismo. “Era um negócio extraordinário, uma turma muito inquietante”, descreve Moacir Pereira, o primeiro coordenador. Como a quantidade de alunos e a equipe de professores eram pequenas, a relação entre eles era muito próxima. Havia discussões políticas e discordância de ideias. Tudo isso, segundo Moacir, engrandecia as relações dentro do Curso.



Lúcia (com a mão no cabelo) junto com os colegas, Cida Garcia (de touca), Jarson Frank (de cachecol) e Sérgio Murilo (atrás de Jarson), caminham pelo campus. | Foto: Acervo pessoal.

Eram outros tempos. A ditadura militar se encaminhava para o fim e as discussões dentro do ambiente acadêmico afluíam. De acordo com Lúcia, quando os alunos entravam na universidade, havia uma sensação de desconhecimento da história do Brasil. Eram assuntos que não eram abordados nas escolas, discussões trazidas por conta do ambiente universitário. No primeiro ano do Curso, inclusive, era comum que os alunos se matriculassem em disciplinas de outras graduações com o consentimento da coordenação, na tentativa de compreender melhor tópicos que não eram abordados pelas matérias oferecidas na grade curricular do Jornalismo.

Esses ajustes extra oficiais feitos pelos alunos refletem também o quão único era esse primeiro grupo. Como até então não existiam opções pa-

recidas no estado, eles eram diferentes das turmas que ingressam na universidade atualmente, “formada metade por pessoas da minha idade e outra metade era gente mais velha”, conta Lúcia. Haviam desde adolescentes recém-egressos do então ginásio até jornalistas que já atuavam na área e buscavam na universidade uma forma de se especializar.

Paulo Brito, que lecionou na universidade desde a abertura do Curso até o final dos anos 1990, diz que nos primeiros semestres as disciplinas de Jornalismo eram mais generalistas, se tornando mais específicas com o passar dos anos. Além disso, a falta de professores especializados fazia com que muitos ficassem responsáveis por áreas das quais não tinham total conhecimento. “Quem é que trabalhou em rádio? Ah, o Paulo Brito? Então vai, lá! Quem é que sabe fotografia? Ah, o Paulo Brito?”, lembra o antigo professor do departamento.

Assim como o Curso em si, o mercado de trabalho jornalístico era muito diferente naquela época. Os jornais precisavam de jovens jornalistas para preencher as vagas ociosas em suas redações e, de fato, era comum que antes de se graduar, muitos dos estudantes do Curso já estivessem atuando como repórteres em veículos locais. Entre as poucas coisas que Lúcia lembra da época, destaca-se o fato de que a demanda de profissionais do Jornalismo era maior do que a oferta. “Já na segunda fase tinha empresas buscando a gente lá dentro para ir e começar a trabalhar”, relembra Lúcia.

As memórias daqueles que vivenciaram os primeiros anos do Jornalismo na UFSC são distantes e, por vezes, se perdem nos mais de 40 anos que separam a criação do Curso dos dias de hoje. No entanto, Lúcia é uma das pessoas que deixou sua marca nesta história. Quando perguntado sobre o desempenho da então aluna, Paulo Brito brinca “ela foi uma das alunas brilhantes do Curso. Inclusive a gente se perguntava por que ela foi fazer Jornalismo”. Esta opinião é compartilhada por Moacir Pereira. “Era uma aluna aplicada”, diz acrescentando que “sempre foi muito participativa”.

Mesmo tendo se apaixonado pelo Jornalismo e feito estágio na área de televisão, o início da vida profissional de Lúcia não caminhou para a Comunicação. Quando ainda estava na faculdade, o pai sugeriu que ela fizesse um concurso para o Tribunal de Justiça. Antes de se formar ela já estava trabalhando num fórum. “Apesar de terem surgido outras propostas, inclusive da televisão, eu não saí porque nessa altura do campeonato eu já era noiva e meu noivo tinha muito ciúme. ‘Vais sair para ganhar menos?’,

ele dizia. Daí eu fui ficando porque era mais cômodo”, comenta ao lembrar que teve o primeiro filho logo depois de se casar e que conciliar a vida de mãe com a rotina intensa do Jornalismo não era uma opção à época.



Da esquerda para a direita, Lúcia Helena, Aglair Bernardo, Beatriz Porto, Bento Silvério, Maria da Graça Silva, Zenon Bonassis e Joedna, no dia da formatura da primeira turma, em 1983. | Foto: Acervo pessoal.

Mesmo não trabalhando em jornal, Lúcia se manteve ligada à comunicação. Passou a atuar na assessoria de imprensa do Tribunal de Justiça e depois na assessoria do Governo do Estado, durante o mandato do governador Pedro Ivo. Foi nesse momento que começou a compreender como funcionavam as dinâmicas de tomada de decisão, os bastidores do mundo político, o que lhe seria útil alguns anos mais tarde.

Foi só em 1992 que aproveitou uma oportunidade de demissão incentivada para sair da carreira no governo. “Eu já tinha 12 anos de serviço público, sem nunca ter colocado o pé numa redação. Eu pensei: ‘é agora ou nunca, senão vou começar a pensar na aposentadoria’”. Saindo do serviço público, ela ainda se aventurou no comércio, abrindo uma loja de confecções, antes de finalmente seguir para o Jornalismo.

Lúcia entrou em contato com Carlos Damião, então editor-chefe do jornal *O Estado*, e perguntou se as ofertas de emprego que ele sempre fazia a ela na época em que trabalhava para o governo do estado ainda estavam de pé. “Ele disse: começa amanhã”. Ela completa: “Eu adorava, eu me encontrei totalmente”. Começou cobrindo assuntos diversos, como é comum

para iniciantes da profissão. Porém, poucos meses depois, por conta da experiência na área política, passou a cobrir o governo do Estado, área que a acompanharia pelo resto da carreira.

Menos de um ano na cobertura política do jornal *O Estado* foram necessários para que Lúcia se destacasse como repórter. Assim chegou o convite para integrar a redação do *Diário Catarinense*. “Fiquei oito anos no *Diário* e foi a melhor fase da minha vida. Eu amava trabalhar lá”. No jornal ela era responsável pela cobertura da Assembleia Legislativa do Estado (Alesc) e lá conheceu o deputado Júlio Garcia que viria a se tornar, segunda ela, uma de suas melhores fontes.

Ouça o trecho da entrevista de Lúcia, onde comenta o início do seu trabalho no *Diário Catarinense*.



Problemas com mudanças na direção do *Diário Catarinense* levaram à sua saída em 2002. Lúcia passou então a trabalhar na sucursal do jornal *A Notícia* na capital, tendo de recomeçar como repórter júnior. “Aí foi outra crise”, diz. “O que eu vou fazer da minha vida a essa altura do campeonato, eu já tinha 40 anos”, acrescentou.

Lúcia em reunião com o presidente da Associação Catarinense de Emissoras de Rádio e Televisão, Silvano Silva (à dir.), juntamente com o deputado Júlio Garcia. | Foto: Acervo pessoal.



Foi então que veio o convite de Júlio Garcia para trabalhar no setor de comunicação da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (ALESC). Trabalhar “do outro lado do balcão”, suprimindo os jornais com informações, foi uma grande mudança em sua a carreira jornalística. Esta nova fase é vista positivamente por Lúcia. “Eu me sinto hoje uma pessoa realizada, eu tive experiências que eu achei que nunca teria”. Trabalhou como Diretora de Comunicação Social na ALESC primeiro de 2005 até 2011, durante o mandato do deputado Júlio Garcia, e voltou à função em 2019. Hoje ela comanda a maior redação do estado. É responsável pela supervisão de 102 pessoas que produzem conteúdo multiplataforma para os diversos veículos da ALESC.

Ao avaliar sua trajetória, ela é enfática ao afirmar que o Curso foi essencial para a sua formação teórica, enquanto suas experiências na assessoria de imprensa lhe ensinaram sobre como o mundo político funciona. “Acho que [essas experiências] foram fundamentais, uma coisa não pode existir sem a outra”, afirma. “Acho que nada é cem por cento bom e cem por cento ruim”.



MAYARA VIEIRA

SEMPRE FOI O SEU LUGAR


Júlia Matos

O Jornalismo lida diariamente com o imprevisível, e acompanhar a rotina de Mayara Vieira como jornalista provou que essa profissão está longe de oferecer alguma monotonia. Ela se divide entre a reportagem e a apresentação. “Eu vivo essas duas experiências. Na apresentação, há menos imprevistos. Costumo brincar que estamos em condições normais de pressão e temperatura. Já na rua, o repórter lida com chuva, frio, trânsito, mas, por outro lado, te permite estar conectada diretamente com as pessoas e com o que acontece de fato. Já a correria, ah!, essa acompanha o jornalista sempre, dentro e fora da redação”. Assim, Mayara explica como é sua rotina atualmente na rede de televisão *NSC TV*, afiliada da *Rede Globo* em Santa Catarina.



Em 2020, Mayara pronta para apresentar o *NSC Notícias*, substituindo Fabian Londero - âncora titular. | Foto: Acervo pessoal.

“Você desistiria da profissão”, brinca referindo-se às demandas do glamour associado aos profissionais da TV. A rotina parece ser uma constante corrida contra o tempo. No carro, entre uma localização e outra, Mayara costuma escrever o texto da reportagem. “Sendo o tempo amigo e inimigo do Jornalismo, saber como usá-lo pode salvar grandes matérias”,




reconhece. O cinegrafista Rudinei Pires é quase sempre seu companheiro de reportagens e conta as “chatices” de Mayara a que está acostumado. Disse que escrever suas matérias enquanto estão no carro é típico da jornalista e reclama que ela, mesmo parecendo se concentrar na produção do texto, fala do trânsito frequentemente, além de dar “palpites” a respeito do trajeto. “Ela é ligada em tudo. O tempo todo”, diz ele.

A busca pelo controle é uma das características que Mayara mantém desde a época em que estudava Jornalismo na UFSC. Sempre engajada e dedicada às disciplinas do Curso, a futura jornalista mantinha seu planejamento em dia. Júnior Monteiro, ex-aluno de Jornalismo e amigo de Mayara desde a faculdade, relata o caráter responsável da colega que estava sempre um passo à frente. “Não lembro dela se atrasar em nada. Em trabalhos de grupo ela sabia perfeitamente sua parte e a dos outros, era a primeira a comprar os livros pedidos pelos professores e tomava a frente de qualquer atividade. Sempre teve uma postura profissional quanto ao Jornalismo, como se já tivesse entendido que esse era seu lugar”.

Mayara fala de forma muito carinhosa da sua escolha pelo Jornalismo. Segundo ela, o interesse surgiu na quinta série, quando as características ligadas à profissão ficaram mais claras. Além de gostar de ler e escrever – característica clássica de todo jornalista – ela sempre foi movida pela busca de conhecimento; acima de tudo, gosta de aprender. A comunicação era algo que pontuava sua personalidade. Com a voz delicada de uma pessoa discreta, Mayara admite ter tomado essa personalidade para si com o tempo, pois sua infância foi marcada pelo contrário. Era a primeira a se oferecer para ser oradora da turma e era do tipo “conversadeira”, como era chamada pelos professores.

Tentar se encaixar em alguma “caixinha” faz parte da juventude e para ela foi muito fácil inserir-se no grupo de “CDF’s” da escola, ocupando o lugar da menina proativa. A televisão também teve grande influência em sua infância. Ela se encantava com os repórteres que apareciam nos programas e sabiam sobre diversos assuntos. Acompanhar aqueles jornalistas era sedutor. Hoje ela vive o papel daqueles que admirava.

Para a família de Mayara, a escolha dela não foi uma surpresa. “Ainda bem pequena, eu lembro dela chamar uma amiga para brincar de apresentar o *Jornal Nacional*. Aquela vontade já estava nela”, conta seu pai, Luiz Vieira. Mayara cresceu em Campinas, São José, em um lar que, segundo



seu pai, sempre buscou dar valor ao respeito e à religião. “Ensinei meus filhos a sempre pedirem a bênção e até hoje eles fazem isso”.

Como irmã do meio, Mayara mantém uma relação de carinho e parceria com o mais velho, Bruno, e a caçula, Mariana. “Eu e meus irmãos somos muito próximos. Por uma questão de gênero, eu e minha irmã convivemos mais, mas eu e meu irmão também nos damos muito bem. Claro que na infância nós tínhamos aquelas briguinhas quando ele pegava meus brinquedos. Era atentado, meu irmão! Mas nunca brigamos sério depois de adultos. Somos todos parceiros”, conta. A admiração pelo mais velho existe desde criança, quando Mayara começou a torcer pelo Palmeiras e a gostar dos Beatles ao descobrir que seu irmão também gostava, já a amizade com a mais nova permanece até hoje nas viagens que fazem juntas.

A educação dada por seus pais contribuiu com seu senso de responsabilidade e valorização do trabalho na vida adulta. “Sou muito voltada para o trabalho por causa dos meus pais, principalmente por causa do meu pai. Eu cresci com esse tipo de conversa em casa, essa ideia de que o trabalho enobrece o homem, que o trabalho é muito importante. Acho que eu queria inclusive colocar um pé no freio às vezes. Tenho consciência dessa influência sobre mim”.

Essa extrema dedicação à sua profissão também rendeu alguns obstáculos. No início da relação com o marido Leandro, conhecido como Teco, foi difícil para ele entender que o Jornalismo, muitas vezes, viria antes da relação. O namoro começou alguns meses antes de Mayara entrar na universidade e sua dedicação ao Jornalismo gerou ciúmes. “Com mais de doze anos juntos, isso não é mais um problema e o ciúmes deu lugar ao orgulho”, afirma ela.

O ingresso de Mayara na UFSC ocorreu no primeiro semestre de 2007, depois de fazer seis meses de cursinho no Colégio Energia. Não ter conseguido ingressar em uma faculdade logo após se formar no ensino médio é uma marca importante em sua vida. Sempre houve certa pressão da escola, dos pais e conhecidos para que ela passasse no vestibular, a decepção de não ver seu nome na lista de aprovados na primeira tentativa a fez entender que nada seria fácil. “Existia essa expectativa de todo mundo, e às vezes o que mais pesa não é a tua expectativa, mas a do outros. Apesar da tristeza inicial, não ter passado foi muito legal!”, conta Mayara. Ao longo do ano de cursinho, tornou-se mais independente, começou a andar de

ônibus pela cidade, fez novas amizades e percebeu que era capaz de se organizar sozinha. Para quem estudou a vida inteira no próprio bairro, esse “bater de asas” foi um incentivo.

Já na universidade, Mayara nunca escondeu seu desejo de um dia trabalhar na televisão. Sarah Westphal, ex estudante de Jornalismo na UFSC, conheceu Mayara no início do Curso e logo fizeram amizade. “Foi a primeira coisa que ela me disse. Quando perguntei o que ela queria fazer no Jornalismo, ela me respondeu: âncora de jornal. Achei surpreendente porque não era qualquer um que já tinha seu objetivo firmado. E esse era o dela”, conta Sarah. Apesar de boa comunicadora, a amiga de Mayara ressalta a habilidade da jornalista como ouvinte e sua gentileza no papel de amiga. “São dez anos de amizade e ela consegue ser a mesma Mayara, mesmo com a correria na qual vive. Um exemplo disso foi uma vez em que a Mayara me mandou um cartão de aniversário mesmo eu estando em outro país. Quem lembra de mandar cartões? E ela não vai reclamar se você não responder, ela é do tipo de pessoa que vai mandar outro”, relembra Sarah.



Em 2009, Mayara gravando para aula de Telejornalismo. | Foto: Acervo pessoal.

Focada na prática jornalística, Mayara começou seu primeiro estágio durante o terceiro semestre do Curso. A Agecom - Agência de Comunicação da UFSC - foi uma de suas primeiras experiências na produção de matérias para o jornal impresso e para o site. Permaneceu por um ano na

agência e logo depois entrou para a *TV UFSC*, trabalhando com televisão, espaço que nunca mais deixaria. Na época, também trabalhou como cerimonialista no grupo de eventos da universidade.

O período mais exaustivo durante o curso foi o último ano, quando Mayara precisava começar seu Trabalho de Conclusão (TCC). O tema chegou em uma conversa com o professor de Telejornalismo, Fernando Crocomo, que sugeriu a produção de um documentário sobre os 50 anos da universidade. Durante esse ano, dentro da estrutura da *TV UFSC*, ela produziu uma série de entrevistas que foram transmitidas pela TV e compiladas para a produção do documentário. Crocomo, orientador de seu TCC, lembra da dedicação que ela investia em todos os seus trabalhos. Ressalta sua proatividade, o estudo e a iniciativa como características predominantes, principalmente na disciplina de telejornalismo. “Nas aulas ela sempre procurava fazer o melhor texto e a melhor edição. Isso sem contar as apresentações de telejornais. Na disciplina optativa “*Cotidiano*”, ela pensava em tudo, até na montagem do cenário. Não só pensava como também executava junto com a turma”.

Em 2010, a participação de Mayara foi essencial para a comemoração e homenagem à universidade, assim, junto ao jornalista Alexandre Mendonça, ela apresentou o especial “*Encontro de Reitores*”, realizado no Teatro Álvaro de Carvalho. Um momento histórico para a universidade. Crocomo diz que sua participação como orientador de Mayara foi feita de um professor para, em suas palavras, uma jornalista profissional. Segundo ele, vê-la fazendo reportagens de qualidade e ótimas entradas ao vivo são gratificantes. “O que mais um professor pode querer?”, finalizou.

Formatura no Centro de
Eventos da UFSC, em 2011. |
Foto: Acervo pessoal.



Além de seu TCC, Mayara afirma ter tido experiências que a fizeram crescer como pessoa e, principalmente, como profissional. Depois de formada, a jornalista, que trabalhava como *freelancer*, escolheu viver por cinco meses fora do Brasil para aperfeiçoar-se em outro idioma e ampliar seus conhecimentos no Jornalismo. Tinha acabado de finalizar seu curso de francês e viu na Universidade McGill, em Montreal, no Canadá, uma oportunidade. “Melhor período da minha vida”, lembra animada.

No país norte-americano, criou uma rotina voltada inteiramente para si. Mantinha um blog onde escrevia suas experiências em português, inglês e francês, o que a fez pôr em prática seus conhecimentos. Nesse período estudou sobre a TV pública canadense, tema de seu trabalho acadêmico na universidade em Montreal. “Foi um momento inteiramente meu. Eu acordava, tomava café da manhã, ia para a aula que era das nove às três da tarde, eram cinco minutos a pé do meu apartamento, almoçava com o pessoas, às vezes fazia piquenique no campus, assistia o resto da aula e depois ia para casa. Eu lembro de comprar bolacha recheada na volta e via série o resto dia. Eu queria muito fazer isso de novo!”.



Em 2011, Intercâmbio na McGill University - Canadá | Foto: Acervo pessoal.

Trabalhando há mais de oito anos na NSC, Mayara não sabe exatamente quais seus planos para a profissão. A transformação dos meios de comunicação com a chegada da internet e a competição com outros canais de distribuição de conteúdo geram incertezas e trazem enormes desafios. “No Brasil, esse contexto ainda não tirou da televisão sua liderança e alcance, mas aumenta o tamanho do nosso desafio, porque o bolo da audiência foi fatiado em muitos pedaços. Quem antes só assistia à televisão para buscar informação ou entretenimento, passou a ter à disposição diversas telas e produtos. Isso nos exige muito mais”. O trabalho aos finais de semana e feriado é outro ponto que ajuda a pensar na rotina. “No começo nem me importava, mas hoje valorizo mais o tempo livre para lazer, descanso e estar com a família e amigos. Eu amo o que faço, mas toda profissão tem o seu lado positivo e negativo, né? O importante é que aquilo faça sentido para ti, gere realização”.

Assista à entrevista com Mayara Vieira realizada pela estudante de jornalismo Dana Serafim para o *TJ UFSC*, telejornal diário da universidade. |
Fonte: TJ UFSC



A certeza de Mayara quanto à importância do Jornalismo como um meio de informação para a sociedade é clara. Todos os dias, quando acorda e se arruma para o trabalho, é nisso que ela pensa: no seu dever profissional para com as pessoas que têm o direito de estar informadas. “Porque a população não vai compreender se não for a mídia para traduzir, para dar acesso, dizer quem é citado, quem é investigado. Quem trabalha oito horas por dia no escritório, ou na rua como um pedreiro, lojista, qualquer um que chega em casa não vai ter tempo para ir atrás, para pesquisar e saber o que é aquilo. Se não for o Jornalismo para fazer essa curadoria do que acontece e essa vigilância sobre os poderes, quem faria? Então, dá trabalho, mas quando eu olho na TV eu penso no quão recompensadora é essa profissão”.

E a recompensa é um dos fragmentos que compõem sua vida profissional. Um dos mais importantes foi o projeto de checagem desenvolvido em 2018 - ano eleitoral- por Mayara e a jornalista Talita Rosa. Esse projeto ganhou alguns prêmios dentro da empresa NSC. A proposta do “Prova Real” era, junto de um grupo de colegas selecionados, checar discursos e verificar conteúdos duvidosos produzidos durante entrevistas e debates. “Esse é um projeto do qual eu me orgulho porque aqui no Brasil, quando começou a ganhar mais importância, tínhamos alguns em escala nacional, checando declaração e *fake news* nacionais. Mas em escala estadual

não existia. Eu e a Talita fizemos um curso de *fact checking* e trocamos figurinhas. Daí pensamos: por que não fazer aqui?" Neste mesmo ano, Mayara foi indicada pelo Comitê Editorial entre os dez profissionais destaques do ano e foi a vencedora do Prêmio de Jornalismo Ambiental do Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina, na categoria telejornalismo.

Hoje, aos 32 anos, uma de suas últimas conquistas foi a ancoragem do programa *Nossa Santa Catarina*, o qual apresenta há mais de oito meses, um presente especial à sua carreira. "A proposta desse programa é muito legal, porque em um jornal normal nós acabamos trazendo muitas notícias pesadas ou tristes, e no *Nossa Santa Catarina* isso não entra. São só matérias positivas e, ainda bem, nosso estado está cheio delas!".



Assista à chamada do programa *Nossa Santa Catarina* | Fonte: NSC TV

Mayara quer se envolver ainda mais com o programa que, segundo ela, conquistou-a desde o início. Além do programa que apresenta, ela também continua como repórter e atende os telejornais diários e, assim, torna-se mais difícil conseguir espaço para fazer matérias dentro do *Nossa Santa Catarina*. "Eu consegui fazer isso algumas vezes e foi muito legal, trazer conteúdo exclusivo pro programa dentro dessa proposta de descobrir ações solidárias dos catarinenses e iniciativas legais. Mas eu espero poder me envolver mais porque esse programa dá um fresco pra gente", admite.



Durante a gravação
da reportagem sobre
a iluminação da ponte
Hercílio Luz, 2020. |
Fotógrafo: Matheus Nunes.



MOACIR PEREIRA

O PRECURSOR

Eduardo Vargas

Entre uma frase e outra, dificilmente o celular não toca ou deixa de receber mensagens que empilham uma volumosa caixa de entrada.

- Moacir?, perguntam do outro lado do aparelho.

- Ele, responde.

De tom efusivo e bem humorado, pronuncia frases quase sempre em ordem direta, algo que ele atribui à sua descendência açoriana. O dialeto de “manezinho” é perceptível em poucos minutos de conversa, assim como o orgulho que sustenta em ser catarinense. Com os fios de cabelo completamente brancos, veste usualmente calça de bolso faca, sapatos de couro e camisa de algodão. A formalidade moderada leva à impressão de que ele é um advogado, ou alguém da área jurídica. E, de fato, sua formação acadêmica e boa parte de sua carreira coincidem com essa percepção. No entanto, a imagem muda quando ele, calmamente, retira seu bloco de notas do bolso.

Moacir formou-se em Direito na Universidade Federal de Santa Catarina durante a década de 1970. De lá ingressou na advocacia privada, sucedida por outras funções, até sua aposentadoria como Procurador do Estado do Tribunal de Contas de Santa Catarina (TCE/SC), em 1995. Ainda novo, alimentou o desejo de trabalhar como jornalista. Iniciou a carreira com rádioescuta, contratado por saber datilografar com os dez dedos. A missão de mensageiro, de quem divulga algo e gera visibilidade lhe era de grande afeição, e assim permaneceu em contato com o Jornalismo ao longo da vida. Conciliou essa paixão com outros trabalhos e tarefas, algo que deixa alguns de seus colegas admirados, pois, segundo ele, nunca teve vida boêmia. Com o apreço pelo ofício, sentiu falta de algo dentro do Jornalismo catarinense que também lhe encantava: o ambiente acadêmico.

Cerimônia de posse de Moacir Pereira como presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina. Entidade vital para a criação do Curso de Jornalismo da UFSC, segundo o próprio. Foto: Acervo pessoal



Dos estados da Bahia para baixo, somente Santa Catarina não possuía uma cátedra com o Curso de Jornalismo, e Moacir, já atuando como profissional na área, resolveu entrar na empreitada de fundar o Curso na UFSC. Era 1979, ano em que Figueiredo foi empossado como último presidente da ditadura militar. Embora a abertura já tivesse sido iniciada por Geisel, as restrições e intervenções ainda eram praticadas pelo Estado. Os militares vetavam a fundação de Cursos de Jornalismo e Arquitetura, sob a tese de que o primeiro “dava muito problema” e o segundo “tinha muito viado”. Na época, o reitor da UFSC era Caspar Erich Stemmer, um alemão alto e de fala séria vinculado às engenharias. Apesar dos obstáculos, o Curso foi efetivamente fundado, calcado no tripé de formação humanística, consciência crítica e habilitação técnica. Além do reitor, os professores César Valente, Paulo Brito e demais colegas ajudaram no processo. Contudo, Moacir desempenhou um papel fundamental.

Grupo de trabalho presidido por Moacir é recebido por Caspar Erich Stemmer, Reitor da UFSC de 1976 a 1980. Na ocasião, o Reitor recebeu o projeto de criação do Curso de Jornalismo. | Foto: Acervo pessoal.



Em um dia de trabalho comum, Moacir acena em cumprimento uma série de vezes, dialoga com figuras distintas e de todos os campos. Essa característica de sua personalidade foi crucial para o processo de fundação do Curso. Era necessária certa habilidade em articular, mas, apesar dos impasses, a façanha foi feita, e o Curso começou a funcionar em 1979.

A primeira grade curricular exibia quatro semestres puramente teóricos. Eram várias disciplinas de Filosofia e Ciências Sociais, ministradas por docentes da UFSC que lecionavam nessas áreas. Assim, enquanto a primeira turma permanecia debruçada sobre textos, a coordenação ganhava fôlego para estruturar o departamento. Dentro do currículo havia a cadeira de Deontologia, que sofreu alterações, passou a chamar-se Legislação do Jornalismo, e na grade curricular atual é lecionada na terceira fase, nomeada de “Ética e Deontologia”. Moacir, que empunhava um canudo de formação jurídica, assumiu a disciplina. Não possuía uma formação robusta no campo filosófico, então mantinha o conteúdo alinhado à legislação e a tópicos do curso de Direito, atestando que “tinha colega que ia para a imprensa escrever e não sabia a diferença entre mandato e mandado, ou de lei e decreto-lei”. Passado o tempo em que o departamento estava sendo estruturado, as adversidades seguiram.

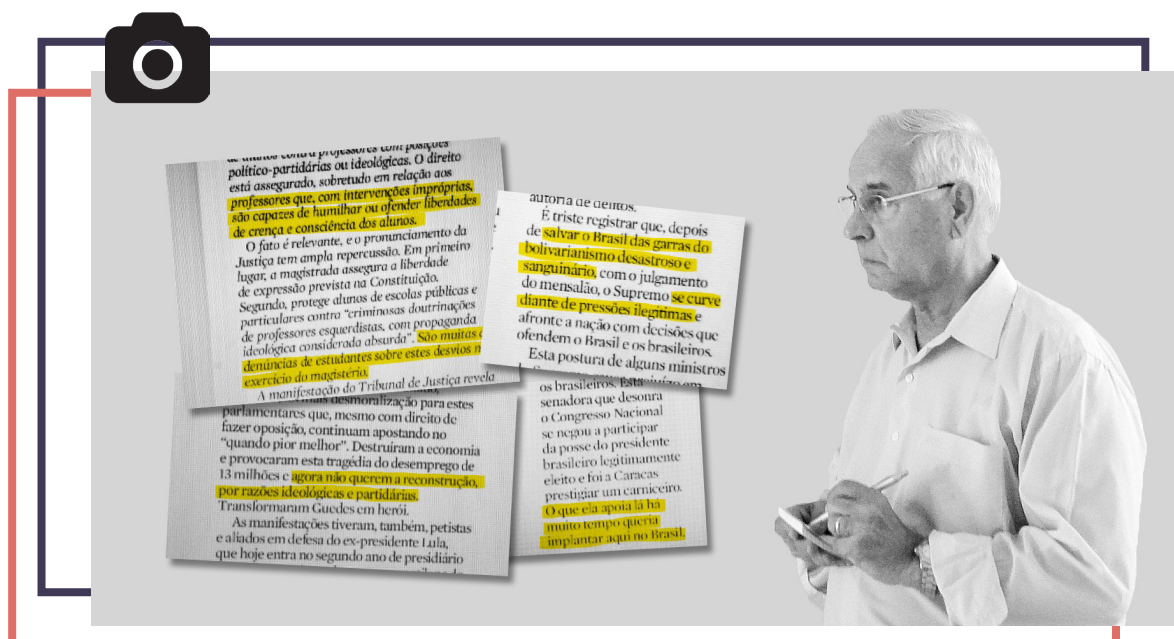
Em certa ocasião, compraram máquinas de escrever da Alemanha comunista, pois era mais simples do que comprá-las aqui durante o regi-

me militar. Careceram de equipamento e de salas no início, porém, com o tempo o Curso tomou rumo. Moacir apoiava veementemente as reivindicações dos estudantes e a ida a congressos acadêmicos e eventos de teor semelhante. Em pouco tempo de existência, houve o primeiro resultado. Devido à grande presença dos alunos em eventos da área, o nome do Curso circulou entre jornalistas do eixo Rio-São Paulo, e apareceu, ironicamente, bem ranqueado em uma lista de melhores Cursos de Jornalismo da revista *Playboy*.

Moacir permaneceu poucos anos no departamento, exercendo primeiro a função de coordenador do Curso, e depois exclusivamente a de professor. Enquanto era coordenador teve a isenção questionada por parte dos alunos, pois trabalhava no ramo jornalístico enquanto também era Procurador do TCE, cargo que era ocupado através de nomeação do governador. Lúcia Helena, aluna da primeira turma, lembra das discussões a respeito, e de como Moacir atestou integridade e disse que aquilo seria intromissão em sua vida pessoal.

Apesar da discussão ampla no departamento, Moacir era visto com bons olhos. “Era um bom professor. Combativo, mas sem tendências autoritárias”, relembra Lúcia. “Debatia com os alunos de igual pra igual”, acrescenta. As características mais memoráveis eram as de exaltação de valores como liberdade e pluralidade, o semblante agitado e a eloquência em falar sobre os mais diversos temas. Sobre sua carreira, Lúcia atesta que sempre o acompanhou, embora tenha algumas discordâncias. “Ele sempre foi e ainda é o melhor comentarista político do estado”.

Em texto intitulado “Precisamos falar sobre Moacir”, César Valente tece algumas considerações sobre suas colunas e sua posição, demonstrado divergência e admiração. | Foto: César Valente.



Essa função é a que Moacir exerce hoje como colunista do *Jornal Diário Catarinense* (*NSC Total*, na versão digital), e que também é o maior imã de polêmicas. Egresso do Centro de Ciências Jurídicas, com tradição mais à direita, nunca escondeu que não simpatizava com a esquerda universitária de veia gramsciana e foucaultiana. Entretanto, nunca viu problemas em conviver com colegas acadêmicos marxistas, como Adelmo Genro Filho, teórico da comunicação que é frequentemente citado pelos professores do Curso. Até hoje se envolve com a escrita de livros e possui uma bibliografia extensa (53 livros, no total), da qual boa parte disserta sobre liberdade de imprensa, assunto que unia muitos democratas da época. Dentre esses, Moacir considera-se um liberal, que sustenta valores como a religiosidade, o patriotismo e a valorização da família tradicional. Entretanto, ao questionar alguns docentes que lecionam no Curso, todos classificaram Moacir como um conservador, ou alguém que abraçou uma direita mais radical que despontou com o impeachment em 2016.

Justamente nesse período, suas colunas publicadas diariamente tornaram-se mais fervorosas, segundo colegas. “Contraponto de valores eu não dou mesmo. Honestidade para mim não tem contraponto”, rebate Moacir. Com isso, boa parte de quem se encontra à esquerda no espectro ideológico passou a nutrir um certo desgosto por seus textos. As teses são em suma as mesmas: “O Moacir ouve muito quem ele quer”; “Ele é muito opinativo, podia ser mais analítico”. Para além da firme defesa de seus valores, defende-se dizendo que quem folheia o jornal para lê-lo, o faz porque quer ter contato com suas opiniões. Apesar de toda a controvérsia, quem lhe conhece e acompanha fez questão de frisar o sujeito respeitável que é.

Em matéria da TV *Catarinense* (afiliada da *RBS*), Moacir concede a primeira entrevista do Curso de Jornalismo da UFSC, em 1979. | Foto: Acervo pessoal.



Hoje Moacir não possui relação estreita com membros do departamento de Jornalismo, grande parte dos atuais alunos esboçam surpresa ao saber que ele foi um personagem essencial para a existência do Curso. Ainda assim, bastam alguns estímulos, para que Moacir volte a falar dos tempos de fundação com brilho nos olhos. Em meio a tantas citações e nomes de colegas, fala pouco de si mesmo. Entretanto, conversando com César Valente, um antigo colega, fica claro o papel dele durante os anos 1980. “Ele circulava por muitos ambientes, foi uma figura essencial. Digo categoricamente: sem ele, não existiria Curso de Jornalismo na UFSC”.



PETER LOBO

"ESSE JORNALISMO NÃO ME LARGA!"

Juliana Jacinto Teixeira

Para os estudantes de Jornalismo da UFSC, a *Rádio Ponto* representa o início de uma nova fase. Assim que ingressam no Curso, os calouros têm seu primeiro contato com as disciplinas de Áudio e Radiojornalismo e acabam passando boa parte do primeiro ano no Laboratório de Rádio. Ali gravam, editam e produzem programas que vão ao ar toda semana.

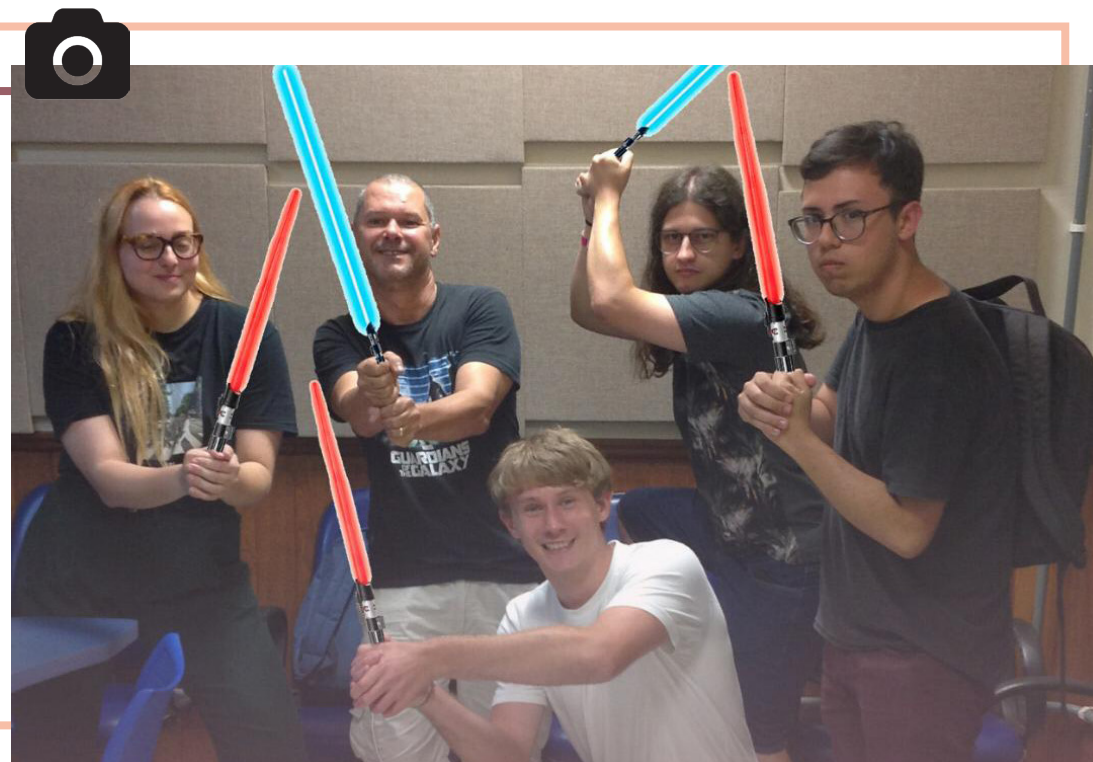
O curioso, porém, é que mesmo após as fases iniciais eles continuam frequentando o espaço e são raros os dias em que a sala está vazia. Alguns acreditam que seja pelo fresquinho do ar-condicionado – sempre ligado para oferecer alívio nos dias mais quentes – mas, para Peter Lobo, técnico em audiovisual e atual coordenador do Lab Rádio, o motivo é bem mais profundo: “Eles se sentem em casa aqui”. Com o vozeirão característico e seu típico sotaque manezinho, ele acrescenta: “Nos primeiros semestres, os alunos criam a confiança de que estão realmente no Curso, conseguindo se manter e indo para frente. A Rádio é o símbolo disso. Então, quando eles têm dificuldade, acabam voltando para cá”.

Quando aceitou a função no departamento, em 2014, Peter logo sentiu o apego dos alunos àquele lugar e sua busca por conforto ao permanecerem ali. Decidiu, então, fazer o possível para tornar o ambiente mais acolhedor: além de sempre estar disposto a oferecer um ombro amigo e ajudar os estudantes com seus dramas universitários, também trouxe mais mesas e cadeiras para a sala, instalou uma cafeteira próxima à técnica e ainda se dispõe a consertar os computadores de quem precisar sem cobrar nada por isso, ficando satisfeito apenas em saber que fez o dia de alguém melhor.

“Costumo chamá-lo de domador de computadores”, brinca Leslie Chavez, atual Chefe do departamento de Jornalismo da UFSC. Ela conta que conheceu Peter em 2017, quando começou a trabalhar na universidade. À princípio, pensou que o técnico era muito reservado, mesmo tratando-a e aos outros sempre com muita educação. Hoje, pode dizer que construiu uma ótima relação com o colega de trabalho. “Com a convivência ele começou a ficar mais solto e damos boas risadas das piadas dele”. Para ela, o técnico é uma peça importante para o funcionamento do Curso. “Ele atende

muito bem aos alunos e está sempre disposto a ajudar, mas ainda é o guardião do Laboratório. Se alguém resolver quebrar as regras, ele fica uma fera”.

Sempre que pode, Peter participa dos programas de rádio elaborados pelos alunos. Segundo Leslie, sua participação “muitas vezes rende momentos hilários”, como este na gravação da edição do *CinePonto* dedicada ao lançamento do último filme da franquia *Star Wars* | Foto: Acervo Pessoal



Entre brincadeiras, conselhos e eventuais broncas – que se fazem necessárias mais vezes do que gostaria –, a personalidade forte de Peter divide opiniões entre os estudantes. Enquanto alguns podem achá-lo meio seco e sisudo por suas decisões firmes quando se trata da manutenção e bom uso da Rádio, outros adoram conversar com o técnico e têm um carinho imenso por ele. Mas afinal, como pode uma mesma pessoa passar impressões tão diferentes? Daniela Müller, monitora do Labo Rádio por dois anos e hoje estudante da 8ª fase do Jornalismo, acredita que essa fama de durão não faz jus à pessoa que ele realmente é. “Eu acho que pode ser uma defesa das crenças dele, pode ser uma forma individualista. É o perfil dele. É essa a primeira impressão que ele passa para todo mundo, por mais que ele seja muito gentil”.

Peter se identifica como ufólogo espiritualista. Ao longo de sua vida, descobriu-se sensitivo às energias de outras dimensões e passou anos estudando para entendê-las. Entretanto, tal forma de ver e entender o universo pode assustar pessoas que não são abertas a escutar e nutrem preconceitos sobre o assunto. O técnico, então, se resguarda a conversar apenas

com quem tem interesse em falar com ele. “Ele tenta ao máximo não ser invasivo e tem esse jeito de: ‘Eu vou ser receptivo com quem é aberto comigo, com quem me dá liberdade de ser assim’”, explica Daniela.

Entre uma gravação e outra, estudantes vêm e vão à salinha da técnica, onde Peter passa a maior parte de seu tempo. O pequeno espaço é palco das conversas mais inusitadas. Basta uma afirmação fora do senso comum para iniciar uma discussão profunda sobre o sentido da vida. Muitos alunos chegam tendo em mente exatamente o que querem saber: “Peter, dá para ir para o futuro em uma projeção astral?”, pergunta uma aluna. A explicação vem de forma simples e direta, por mais complexa que seja. Outras conversas surgem por acaso, de assuntos cotidianos que atormentam a vida do jovem graduando e fazem do coordenador do Lab Rádio um conselheiro ocasional e uma enciclopédia ambulante.

Poucas pessoas conseguem falar com tamanha propriedade sobre tantos assuntos como Peter. Seja sobre informática, ufologia, mecânica, espiritualidade ou o porquê das coisas, ele sempre tem uma resposta lógica e plausível para oferecer. “Só não me venha com português”, brinca ele, tendo sua maior dificuldade no domínio da norma culta da nossa língua.



Viciado em mecânica e corridas automotivas desde sua adolescência, Peter exibe feliz a caixa de ferramentas que ganhou no último aniversário | Foto: Acervo Pessoal.

Sua imensa bagagem cultural é resultado das vivências, conhecimentos e experiência adquiridas em seus 48 anos de vida. Antes de trabalhar na mesa de áudio do Lab Rádio, Peter foi mecânico, editor de vídeo, produziu formaturas e até mesmo atuou como fotógrafo submarino. Apaixonado por videogames e informática desde sua infância, acredita que a velhice está na cabeça e que não precisa deixar de amar as coisas que o faziam feliz quando mais novo. Para ele, aquilo de que mais gosta em si é sua alegria. “Ser alegre, engraçado, é uma maneira de elevar o espírito da pessoa. Eu sempre fiz isso naturalmente. Descobri que isso é bom, contagia as pessoas de uma forma boa. Eu sempre procurei não perder isso, apesar de tudo que a vida nos dá”.



Uma das fases mais marcantes de sua vida foi quando trabalhou no Projeto Larus tirando fotos submarinas da costa de Florianópolis. Na foto, ele aparece ao centro, se preparando para um mergulho, ao lado de Teco Padaratz e Fernando Scherer. | Foto: Acervo Pessoal

Sem nenhum curso ou formação, passou em primeiro lugar no concurso para técnico em audiovisual da UFSC, 25 anos atrás. Hoje, a vaga foi extinta e subdividida em pelo menos outras três funções, visto que não se formam mais profissionais especializados em tantas áreas. “Eu olho para as coisas e sei mais ou menos como elas funcionam. Se eu sei como funcionam, eu sei como consertar”, explica.

Alocado há cinco anos no Lab Rádio, Peter relutou em aceitar o cargo durante muito tempo. “Eu não queria vir para cá, mas esse Jornalismo parecia não largar do meu pé”, brinca com um sorriso no rosto. Sempre

que precisava trocar de função, se deparava com a mesma frase: “Estão precisando de gente lá no Jornalismo”. Após passar por outros quatro cargos dentro da universidade, executando funções completamente diferentes em outros centros, finalmente se viu sem escolhas a não ser dar uma chance ao trabalho no Aquário. Acabou por gostar do lugar do qual tanto fugiu, e decidiu ficar.

Sua esposa, melhor amiga e companheira, Jussara Mafei, acredita que trabalhar no Jornalismo UFSC tornou Peter uma pessoa mais leve e feliz profissionalmente. Casados há 14 anos, pode acompanhar toda a sua trajetória no Curso e para ela não restam dúvidas: “Ele ama o que faz. É uma relação de muita responsabilidade, competência e paixão”. Peter revela que não se vê mais trabalhando em outro lugar e que pretende se aposentar na atual função. Afinal, como ele gosta de firmar em tom solene, “Não existem coincidências”.



**ROGÉRIO
CHRISTOFOLETTI**

A GENTE EVOLUI AGORA

Marcos Andrade

Os alunos vão entrando na sala e o ambiente fica vivo. Conversas e sorrisos espantam o ar frio e esquentam o lugar. Frente ao quadro negro, ele contempla tudo aquilo como se fosse a primeira vez. Inspira, dá um gole em seu café, ajeita os óculos e começa a aula. Rogério Chistofolletti nunca imaginou que estaria ali, mas quando percebeu já haviam se passados 10 anos. “Eu já quis ser muita coisa. Eu já quis ser astronauta, biólogo, escritor, mágico e, por fim, jornalista. Era o máximo que se aproximava de ser escritor e tinha uma coisa que eu também gostava no jornalista, que era entrar nos lugares. Para mim o jornalista era o cara que entrava nos lugares”.

Desde sua infância, Christofolletti, como é mais conhecido por todos, teve influências, mesmo que indiretas, que o levaram a escolher Jornalismo. Filho de uma professora e um tipógrafo, cresceu em um ambiente rodeado por textos. “Lembro de mim, muito pequeno, correndo no meio da gráfica, ele [seu pai] montando frases com tipos móveis. Não era um universo estranho, era um universo próximo”.

As enciclopédias compradas pela mãe também estimularam seu interesse pela leitura e pelo desenho. Ele, o mais velho dos quatro irmãos, deixava o texto de lado e juntos rabiscavam sobre as gravuras. Além disso, personagens como o Repórter Tintim, da série de quadrinhos *As aventuras de Tintim*, despertavam sua atenção.

Quando iniciou os estudos, Christofolletti era considerado um aluno exemplar, pelo menos até a oitava série. Com a troca de um colégio público para um particular, percebeu que as coisas não eram tão fáceis assim. Foi de aluno número um para um aluno mediano. Apesar da baixa nas notas, reconhece que a mudança lhe deu ritmo de estudo. A rotina regrada foi importante quando teve que conciliar o trabalho e estudo em casa, no ano em que se preparou para entrar na faculdade. Além do curso de Jornalismo, Christofolletti prestou vestibular para Engenharia de Materiais. “Eu achava que era legal pesquisar materiais novos, mas era uma loucura... acho que no final eu não queria nem passar”. Em 1991 ingressou no Curso de Jornalismo na Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Como no ensino médio, na faculdade se manteve na média. Mesmo assim não abandonou seu ritmo e sua dedicação aos estudos. Desde o primeiro ano do curso trabalhava com Jornalismo, como corretor de textos e redator de um jornal do colégio Preve Objetivo. O trabalho durou três anos, até surgir uma vaga como revisor do jornal *Cidade*, um dos principais jornais de Bauru, São Paulo. “Era o melhor emprego do mundo. Eu entrava às seis da tarde, saía meia-noite e ia pros bares com os jornalistas. E no outro dia eu podia dormir o dia todo. Mas isso durou pouco tempo”. No jornal, passou pelas seções de cultura, polícia e política, até surgir a oportunidade de trabalhar na assessoria de imprensa da Câmara Municipal de Bauru. Mesmo com um bom salário e um certo status na cidade, depois de alguns anos sentia que faltava alguma coisa. “Eu estava um pouco acomodado. Percebia que não tinha muito desafio”.

Com o desejo de sair da zona de conforto, se mudou para Florianópolis para cursar mestrado em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nesse meio tempo, trabalhou no jornal *A Notícia* e como *freelancer* em revistas do Paraná sobre logística e economia. Uma semana após o término de seu mestrado, surgiu a oportunidade de se tornar professor na UNIVALI. Aprovado no teste de ingresso, Christofolletti começou lecionando Legislação e Ética em Jornalismo, sua matéria favorita. O então professor conseguiu conciliar o Jornalismo e as aulas, até receber uma proposta para aumentar sua carga horária na universidade. “Então eu virei só professor e aí eu não consegui mais sair”.



Para o professor, quem ensina Jornalismo precisa se manter sempre atualizado, isso é o que o motiva a continuar lecionando. Foto: André Lacasi


UM QUARTO DE APRENDIZADOS

A aula flui e aos poucos ele envolve os alunos com sua maneira descontraída de lecionar. Seus exemplos atuais e seus questionamentos instigam a turma a participar. A aula foge da monotonia, onde apenas um fala e os outros escutam. Nesse momento ele não só ensina mas aprende. Tudo parece passar tão rápido que logo já está na hora do intervalo. Os alunos saem, ele inspira, ajeita os óculos e os acompanha. “Eu converso com os alunos e ganho ideias, isso também me alimenta. Daí a gente percebe uma inteligência coletiva. Poxa, eu vou no lugar, eu divido as coisas, não saio mais pobre porque eu dividi e ainda ganho deles e os caras me pagam. Acho que vem daí meu entusiasmo”.

Com dez anos de docência, Christofolletti decidiu novamente mudar e, em junho de 2009, realizou o concurso para lecionar na UFSC. “Eu já conhecia professores aqui, já admirava muitos aqui. Resolvi fazer porque gostava da turma e da ênfase pedagógica”. Nessa década fazendo parte da história do Jornalismo na UFSC, lecionou mais de dez matérias para mais de 1.000 alunos. Através do Curso construiu amizades com professores e alunos que vão além do ambiente universitário. Ajudou a fundar, juntamente com professor Francisco José Castilhos Karam, o ObjETHOS, projeto de extensão que realiza estudos e pesquisas sobre a ética jornalística.

Debate entre Christofolletti, Sylvia Moretzsohn (Universidade Federal Fluminense/Universidade do Minho, de Portugal) e Samuel Lima (ObjETHOS), sobre Jornalismo e democracia durante evento de comemoração aos 10 anos do ObjETHOS. | Foto: Youtube.





Os bons e maus momentos ficaram diluídos em sua memória, e contribuíram para esses dez anos de história que compartilhou no Curso, passassem muito rápido. Para ele não há grandes momentos, são gestos, elogios, conversas e tantos outros detalhes que fazem essa trajetória valer a pena. “Eu sou muito orgulhoso de trabalhar aqui, acho que é uma instituição muito peculiar. De gente muito honesta, de gente que ajudou a moldar o estado e a cidade. Eu me sinto bem, hoje eu me sinto muito em casa”. Christofolletti destaca que sua importância na construção do Jornalismo na UFSC não existe no singular, mas, sim, no plural, juntamente com professores, alunos e todos os outros funcionários que compõem o Curso.

Outra característica marcante do professor é a sua relação com os alunos. Na sala, ele tenta analisar todos os alunos e molda a aula conforme as diferenças de cada um. Além disso, “Fofolleti”, como é carinhosamente apelidado por alunos, coloca a classe no seu nível, não há diferenças entre professor e aluno. As discussões fazem com que todos aprendam juntos e com o passar dos anos surgem diferentes respostas, revelando novas formas de ver o mundo. As dúvidas são atenciosamente resolvidas na hora. Há momentos em que Christofolletti admite que não tem uma resposta, adota a postura de estudante e logo se prontifica a pesquisar para sanar a dúvida dos alunos e, inclusive, as dele. “Conduzir uma classe é um desafio, como fazer uma grande reportagem. Você tenta conhecer as pessoas, tenta entender um pouco das pessoas sem ser muito invasivo. Isso eu acho fascinante, ir descobrindo pessoas”.

Existem situações em que os problemas da vida acadêmica interferem na vida pessoal e vice-versa. Um dos momentos que mais marcaram a UFSC em 2019 foi a greve dos alunos motivada pelo contingenciamento das verbas destinadas para a universidade. Os estudantes de Jornalismo aderiram à paralisação que durou mais de um mês, fato que divergiu opiniões entre os discentes. Nesse momento o professor foi além, por vezes passou a ser um mentor para os alunos, esclareceu muitas dúvidas, propôs novas alternativas e acalmou ânimos. “Eu também já fui aluno, já fiz greve, já estive do outro lado. Eu sei que é angustiante”, destaca. Christofolletti trouxe a greve para sala, mas sem paralisar a sua disciplina ao mesclar a situação da UFSC com sua matéria.

Sempre preocupado com questões relacionadas à UFSC, Christofolletti moderou debate sobre a intervenção de Temer na EBC e os impactos no Curso, junto com Aderbal Filho, então Presidente do Sindicato dos Jornalistas, e Itamar Aguiar (professor do departamento de Sociologia da UFSC) | Foto: SJSC.



Fazer parte de um quarto da história do Curso de Jornalismo é vê-la sendo construída todos os dias. Para Christofolletti, foi uma década de mudanças, avanços e conquistas. Ele se impressiona ao ver as oportunidades que surgiram para pessoas que, na época em que era estudante, nem sequer ocupavam as universidades. Orgulha-se de poder dar aulas para pessoas negras, indígenas, pessoas com deficiência, trans, e também de poder ajudá-las. Suas atitudes demonstram o seu empenho para mudar as estatísticas para melhor. “Isso me realiza, porque eu me sinto servidor público, servindo para sociedade. Tudo isso é pouco ainda, olha o quanto que a gente tem para evoluir, mas a gente evolui quando?” Pergunta e já emenda a resposta: “Agora. Botando esse pessoal para estudar, e eles se formando. Aí eu sinto que é importante. Eu me sinto importante de estar participando disso, desse momento”.

Além da oportunidade nas universidades, Christofolleti destaca a importância do acesso à informação para todos. | Foto: Lucas Feitosa e Ananda Torres.





**STEFANIE
CARLAN DA
SILVEIRA**

MUDANDO O MUNDO EM PEQUENAS PARCELAS

Mariana Machado

Que as crianças têm sonhos, todo mundo concorda. Agora, há algumas que sonham em mudar o mundo. Como fazer do planeta um lugar melhor? Como impactar a vida das pessoas? São questões um tanto quanto epopeicas, mas que podem chegar a influenciar as decisões que elas tomam na vida adulta. Nascida em Santa Maria, Rio Grande do Sul, Stefanie Carlan da Silveira passou por uma longa jornada perseguindo esse sonho. Durante sua fase de vestibulanda, pensou em fazer Música ou Ciências da Computação, contudo, encontrou no Jornalismo sua paixão e um caminho para mudar o mundo.

Cursou Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e, como qualquer universitário, muitas vezes se perguntou se era isso mesmo o que queria, no entanto, foi até o fim. “Eu gostava muito da cachaca. Porque o Jornalismo é uma cachaca, a gente fica viciado nele, porque quando começamos a trabalhar é tudo muito emocionante. Tem aquela sensação de ‘estou fazendo um trabalho’, de ‘estou fazendo alguma coisa importante’”, lembra Stefanie.



Stefanie formou-se em 2007 e não tinha o objetivo de lecionar. O que mais pesou em sua decisão de fazer Jornalismo foi o desejo de mudar o mundo, gerar um impacto positivo na vida das pessoas. | Foto: Acervo Pessoal.

Depois que se formou, em 2007, trabalhou por um ano em sua cidade, porém, queria expandir os horizontes. Passou no mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e se mudou para Porto Alegre. Lá, trabalhou no *ClicRBS* e no jornal *Zero Hora*, depois se dedicou apenas ao mestrado. Em 2010, quando concluiu, voltou para Santa Maria para trabalhar como locutora na rádio *Itapema*, já que não tinha nenhuma vaga em vista na capital do estado.

No segundo semestre desse ano surgiu a oportunidade de lecionar na Universidade de Santa Cruz (UNISC), a 140 quilômetros de Santa Maria. “Simplesmente aconteceu. As pessoas acham que quando a gente faz mestrado e doutorado é porque a gente quer ser professor. Eu queria continuar estudando. Se eu der aula, legal, se não der tudo bem. Não era um plano fixo”. Logo em seguida, começou a dar aula na Universidade Franciscana (UNIFRA), em sua cidade natal. No começo do ano seguinte, saiu da rádio e aumentou o número de disciplinas que lecionava em cada instituição.

Nesse mesmo período, começou a dar aula na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em São Leopoldo, cidade próxima a Porto Alegre e distante da sua em 280 quilômetros. Chegou a rodar 840 quilômetros por semana nessa época. Era uma rotina muito intensa, já que as universidades eram em cidades diferentes, a pelo menos duas horas de distância uma da outra.

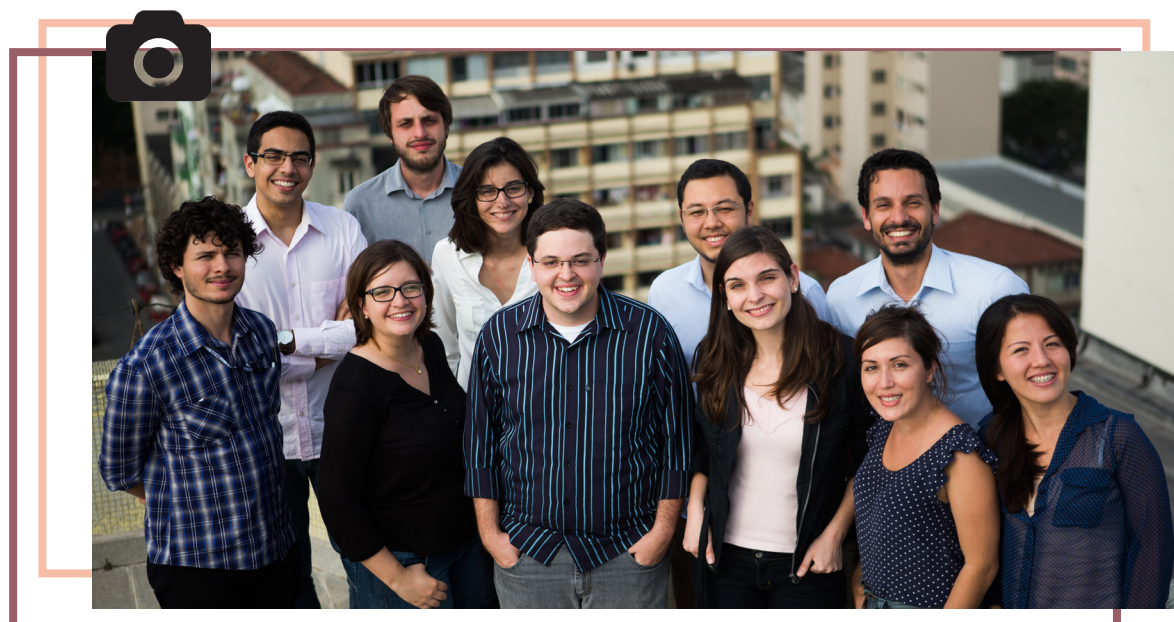
Seus amigos percebiam como ela estava sobrecarregada e a alertavam. “A Fani [apelido dado pelos amigos] sempre foi trabalhadora, sempre esteve com mil coisas. Essa época, trabalhando em três lugares foi muito louco, eu falava ‘meu deus, guria, como você aguenta?’”, conta a amiga de faculdade Patrícia luva.

Stefanie e Patrícia tiveram aulas juntas nos primeiros anos do Curso de Comunicação Social, porém, Stefanie seguiu para o Jornalismo e Patrícia para a Publicidade. | Foto: Acervo Pessoal.



No final de 2012, decidiu buscar um novo caminho. Seu projeto de doutorado não foi aprovado na UNISINOS e, assim, decidiu tentar o doutorado na Universidade de São Paulo (USP) e foi aprovada. Além disso, foi selecionada para o Programa de Treinamento da *Folha de S. Paulo*, onde trabalhou até 2015. Escreveu para as editorias de Tecnologia, Cotidiano, Comida e Turismo e fez parte da equipe do Ranking Universitário *Folha*. Em 2015, decidiu sair já que muitos desses cadernos estavam sendo fechados e precisava qualificar o doutorado.

Stefanie (segunda, da esquerda para a direita) fez grandes amigos no período em que trabalhou na *Folha de S. Paulo*. Ingrid Fagundez (quarta, da esquerda para a direita) conta que essa turma de trainees de 2013 foi muito unida, por um motivo excepcional: uma viagem ao Reino Unido promovida pelo Consulado Britânico. | Foto: Acervo Pessoal.



Afastando-se cada vez mais de Santa Maria, em 2016 Stefanie saiu do país. “Eu qualifiquei o doutorado e em 2016 foi a primeira vez que eu fui sozinha para apresentar um trabalho no exterior. Era para minha orientadora ir comigo, ela não pôde, acabei indo sozinha de última hora e foi incrível”. Na viagem ela fez várias entrevistas para a tese, visitou o *NY Times* e o *The Guardian*, em Nova Iorque. Tempo depois, foi para a Universidade de Navarra em Pamplona, na Espanha, fazer uma parte do doutorado, onde teve a oportunidade de conhecer a redação do jornal *El País*.

Assista ao vídeo de Stefanie produzido para a *Folha de S. Paulo*, retratando a paralisação dos motoristas e cobradores de ônibus na capital paulista. | Vídeo: Reprodução/TV Folha.



Em maio de 2017, defendeu sua tese e ficou em São Paulo por um tempo, dando aulas em cursos de especialização e trabalhando como *freelancer*. Em outubro do mesmo ano, o concurso para lecionar na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) abriu e Stefanie decidiu tentar. Estava nessa fase de prestar concursos, fez várias entrevistas em São Paulo. Nada deu certo, talvez porque houvesse um motivo maior que ela ainda desconhecia.

Ela fez a prova escrita do concurso da UFSC em um sexta-feira, ficou 12 horas em um ônibus para voltar a São Paulo e dar uma palestra no sábado. Na segunda-feira, já estava de volta a Florianópolis para a prova didática. Na quarta-feira da semana seguinte, recebeu a notícia de que tinha sido aprovada. Frente a mais uma mudança de ares, Stefanie teve que abandonar o ritmo acelerado da terra da garoa e se adaptar a ficar longe dos amigos. Foi apenas uma questão de tempo até se acostumar com o ritmo da Ilha da Magia e se apaixonar pela cidade e pela universidade.

A professora ministra duas disciplinas na graduação (Planejamento de TCC e Inovação, Empreendedorismo e Gerenciamento de Projetos em Jornalismo) e uma na Pós-graduação (Estudos Avançados em Tecnologia do Jornalismo). Além das disciplinas, ela coordena o projeto de extensão *Cotidiano UFSC* desde 2019, a convite da criadora do projeto professora Maria José Baldessar. “Os primeiros meses foram de adaptação. Enfrentamos algumas dificuldades com a greve, mas também crescemos muito nesse período, pois conseguimos cobrir os temas e nos posicionar na defesa da educação pública como pauta”, relata.

Novos amigos, novos alunos, novas experiências, em um novo lugar. “Quando eu cheguei aqui, foi tudo novo e diferente, porque as políticas de cotas aqui têm um resultado visível. Foi a primeira vez que eu tive alunos indígenas, com deficiência. A primeira vez que eu vi muitas pessoas diferentes em uma sala de aula, de muitas origens”. Avaliando sua chegada à UFSC, relembra: “foi surpreendente no começo, não imaginava porque eu não tinha essa experiência de uma universidade pública com política de cotas”. Além da diversidade, Stefanie também foi feliz com a sua decisão pelo local de trabalho. Seu entusiasmo e dedicação foram bem-recebidos pelos colegas de profissão e não teve de lutar incessantemente por um espaço para ser ouvida.

Seu melhor amigo, Daniel Petry, vê que ela se tornou cada vez mais apaixonada pelo que faz quando entrou no Curso. “O que eu vejo é que em outros lugares ela trabalhava sempre com incertezas. Aí [na UFSC], ela tem a possibilidade de usar a paixão que tem por Jornalismo e pesquisa de forma livre”. O espaço encontrado para essa paixão se ampliou com seu credenciamento no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR), em 2018. Na pós, ela ampliou seu espectro de atuação, dedicando-se também à pesquisa e atuando como vice-coordenadora do grupo de pesquisa HiperMídia e Linguagem - NephiJor.



Stefanie (quarta, da esquerda para a direita) encontrou sua verdadeira vocação dentro da sala de aula, mas não dispensa voltar ao mercado jornalístico caso precise. | Foto: Reprodução Instagram.

A jovem vestibulanda que sonhava em mudar o mundo continuou com seu ideal, mesmo após perceber que essa tarefa não era nada fácil. “Eu volto lá para aquela pessoa que queria mudar o mundo quando entrou na faculdade. A gente percebe ao longo do Curso, e trabalhando, que esse sonho megalomaniaco de mudar o mundo é impossível, mas que a gente muda pequenas coisas. A gente impacta a vida das pessoas que vão ser jornalistas e vão gerar esses pequenos impactos. Cheguei aqui e agora é assim”.



Desde criança, Stefanie brincava de ser professora. “Eu tinha um quadro e giz que meu pai me deu, aí eu dava aula para minhas bonecas. É engraçado porque eu penso que já tinha alguma coisa me guiando”, conta. | Foto: Acervo pessoal.

The image features a series of curved, overlapping bands in shades of orange, red, and dark blue, creating a sense of depth and movement. The bands curve from the top left towards the bottom right. The text 'UPIARA BOSCHI' is positioned in the upper right quadrant, rendered in a bold, red, sans-serif font.

UPIARA BOSCHI

NÃO DEVO NADA A NINGUÉM

Júlia Matos

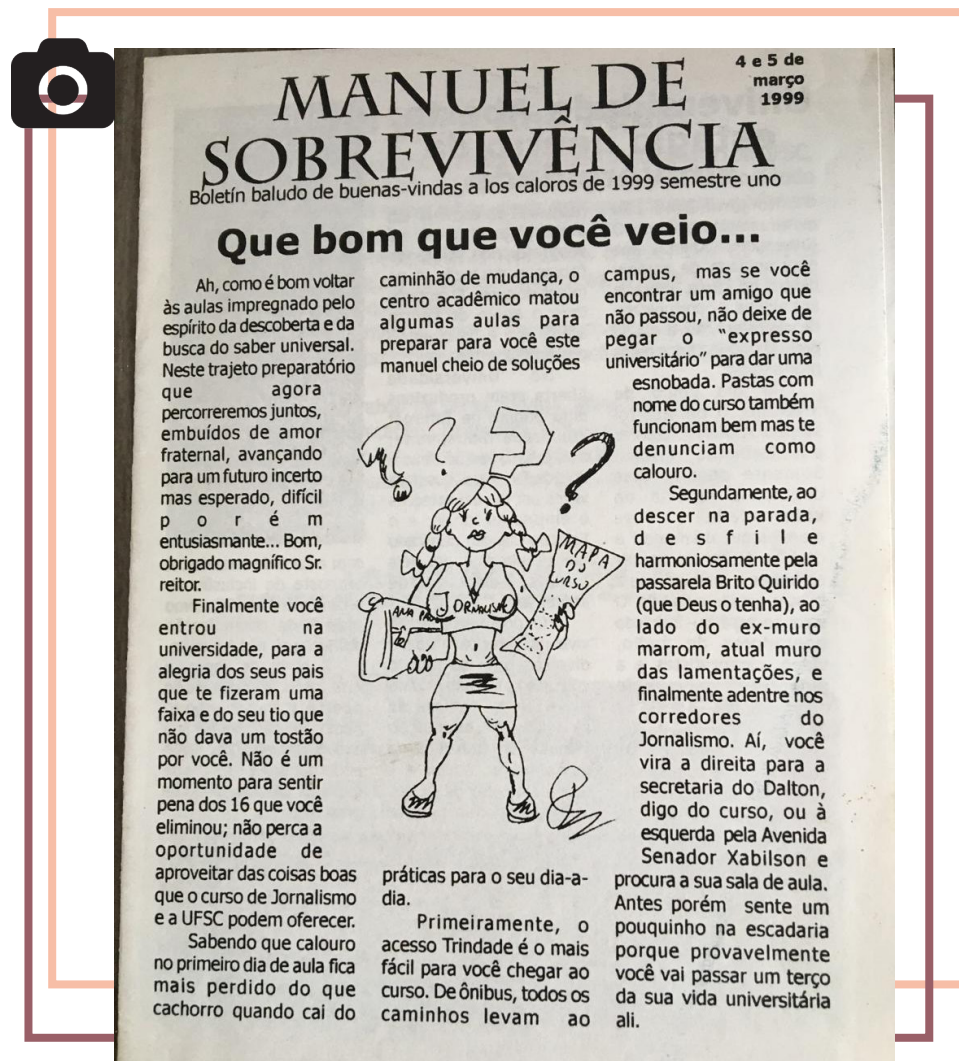
“Eu me especializei em uma coisa muito focada, na política do estado. Logo no começo da carreira, botei a meta de ser a principal referência nos meios políticos de Santa Catarina e eu ainda trabalho nessa meta”. Assim Upiara Boschi descreve sua própria trajetória como jornalista. Upiara possui grande destaque como colunista político do estado, posição que vem conquistando ao longo de seus 16 anos de atuação.

A construção da sua carreira profissional dentro do jornalismo político não foi fácil, mas, sem dúvidas, foi algo até natural. Ainda criança, acompanhar a conversa de adultos sobre candidatos ao governo, suas alianças e desavenças, já instigava sua curiosidade. Buenos Aires, a capital argentina, uma cidade em que a politização dos moradores sempre foi muito presente, acabou sendo um dos primeiros palcos para a observação e os primeiros passos do pequeno Upiara no convívio com a política. “Eu era aquela criança que assistia os programas de política, decorava as músicas e os jingles, adorava acompanhar os debates na televisão e os de dentro de casa”. Precoce, Upiara tinha então apenas cinco anos e havia acabado de se mudar para a capital da Argentina junto com a família. O romance entre sua mãe e um *porteño*, razão pela qual deixaram seu país, durou três anos. Em 1990, com oito anos, Upiara retornou ao Brasil. No país vizinho, aprendeu a ler e escrever em espanhol.

A facilidade dele de memorizar falas de governantes em campanhas, prática treinada como uma brincadeira de infância, acabou se mostrando útil no futuro, tornando-se uma característica do jornalista especializado em política. “A intimidade gera filhos ou aborrecimentos”: esse é um dos muitos bordões repetidos por ele quase que diariamente. O provérbio árabe, muito usado pelo ex-presidente Jânio Quadros, foi repetido por Esperidião Amin, ex-governador de Santa Catarina, em uma entrevista concedida a Upiara, entre o primeiro e o segundo turno da campanha eleitoral de 2006. Segundo Nara Cordeiro, ex-estudante de Jornalismo da UFSC e amiga de sala dele durante o Curso, Upiara é um homem de bordões. Seu hábito de extrair frases e comentários de suas entrevistas sempre rendeu boas risadas aos seus colegas de Curso e, posteriormente, de trabalho.

Assim que retornou ao Brasil, ainda pré-adolescente, Upiara passou um tempo com seu pai em Vacaria, no Rio Grande do Sul, sua cidade natal. Só voltaria a Florianópolis em 1994, a fim de estudar e se preparar para o vestibular que o colocaria na Universidade Federal de Santa Catarina, em abril de 1999.

Manual distribuído pelos veteranos a todos os calouros do Curso, em 1999. Uma das “reliquias” guardadas por Upiara da época de estudante universitário | Foto: Acervo pessoal.



Ter entrado na universidade aos 16 anos foi, sem dúvidas, um desafio. Na época, mesmo que o ambiente de estudos fosse fascinante aos seus olhos, não soube administrar seu tempo e prioridades. “Eu era jovem, eu queria tudo mas nunca me aplicava em nada. Me matriculava em muitas disciplinas e reprovava por falta naquelas que não me interessavam”. Só nos últimos anos da faculdade, mais maduro, acabou conseguindo recuperar essas matérias.

Suas amizades, muitas criadas na época da vida universitária, descrevem Upiara como uma pessoa tímida. E esse foi exatamente um de seus desafios como estudante de Jornalismo: vencer essa sua característica pessoal.

Após o terceiro semestre de Jornalismo, Upiara mudou-se para uma república de estudantes próxima à universidade. Seus dias, incluindo os finais de semana, ele passava no campus, o que fez da UFSC um de seus lugares favoritos. “O dia que me senti mais pertencente à UFSC aconteceu em uma quarta-feira em que resolvi faltar à aula, pois lembrei de uma tarefa que não havia feito. Diferente de muitos adolescentes da época, o único lugar que eu podia ir era a biblioteca universitária, então passei aquela tarde lendo *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. Isso é ser da UFSC”.

Apesar de muito dedicado aos estudos, Upiara não esconde seu hábito de deixar tudo para última hora. Graças a esse seu “dom de procrastinar”, característica que ainda hoje reconhece ser um empecilho, concluiu os estudos em cinco anos e meio, e não em quatro, como está previsto. Admite que na faculdade e ainda hoje, no trabalho, um de seus “atributos” nunca mudou. “Continuo muito desorganizado, sempre fui. A única coisa em que sou organizado é com minha estante de livros”.

Em 2004, Upiara durante a Colação de Grau, recebe o certificado cumprimentando o professor Luis Alberto Scotti. | Foto: Acervo pessoal.



Durante a graduação, ele acreditava que absorver o máximo de experiências no campus acrescentaria muito à sua vida, tanto pessoal quanto profissionalmente. As festas e os bares universitários não ficavam de fora. Nara, amiga de sala da época e, posteriormente, colega de trabalho na Assembléia Legislativa de Santa Catarina, afirma não haver outro estudante de Jornalismo que aproveitasse mais as festas. “No início ele era muito na dele, parecia ainda uma criança de tão pequeno. Aos poucos, foi

acolhido e criou amizades. Todos os finais de semana íamos para os bares, voltávamos de madrugada e passávamos o dia seguinte na minha casa assistindo programas de música”.



(Da esquerda à direita)
Nara Cordeiro, Upiara
e Valéria Noieto,
respectivamente, em
uma festa da UFSC. |
Foto: Acervo pessoal.

Upiara desfrutava do Curso e adorava especialmente os projetos que envolvessem a escrita. Como esperado, as aulas de redação eram as mais aguardadas, às quais mais se dedicava. Adorava falar sobre esporte, cultura e, claro, política. A redação do *Zero*, jornal-laboratório periódico desenvolvido então voluntariamente por estudantes do Curso, tornou-se sua segunda casa. “Eu adorava o *Zero*. Foi nele que acompanhei a repercussão da política local e me apaixonei ainda mais pela rotina e pela criação de um jornal”. No *Zero*, o professor Ricardo Barreto, que coordenava o projeto, simulava a rotina de uma redação real, com o intuito de preparar os jovens para o mercado de trabalho. Upiara foi o único estudante que participou voluntariamente durante três anos. “Ele escrevia muito bem. Texto focado e irônico, sem perder a seriedade. Apesar da pouca idade, era muito arguto. Se todos enxergavam 10 metros à frente, Upiara enxergava 100”, relembra Barreto. O *Zero* ganhou tanta relevância na grade curricular do Curso que hoje é uma disciplina obrigatória.

Os aprendizados do *Zero* são aplicados hoje em sua coluna no *NSC Total*, onde analisa e discute o contexto político de Santa Catarina. Apesar de sua “desorganização”, assegura nunca ter deixado de entregar seu texto no fim do dia de trabalho. “Se eu fosse organizado, eu teria dez textos de gaveta, mas nunca consegui. Sempre deixo para cima da hora. Historicamente dá certo”.

A experiência profissional de Upiara vai além das colunas. Ele já foi repórter do jornal *Diário Catarinense* (DC), e tem diversos trabalhos reconhecidos. Entre eles, uma série de reportagens sobre o noivado de duas famílias influentes na política catarinense na década de 20: as famílias Konder e Ramos, que ele produziu junto com a colega de DC e ex-colega de Curso, Mayara Rinaldi. Dividida em sete capítulos, a matéria foi publicada em 2014 e concorreu a diversos prêmios. “Em termos de esmero e qualidade de trabalho esse foi meu ponto alto”, destaca.

Outro trabalho que rendeu não apenas indicações mas vitórias foi a reportagem intitulada “Surto de aposentadorias por invalidez na Assembleia Legislativa”, publicada no *Diário Catarinense* em 2011. Por esse trabalho ele foi reconhecido com o Prêmio RBS de Jornalismo e Entretenimento, na categoria Cobertura, e com o Trófeu Jaime Sirotsky, prêmio em homenagem ao presidente emérito do grupo da RBS, consagrando-se como o melhor trabalho do ano em todas as categorias.

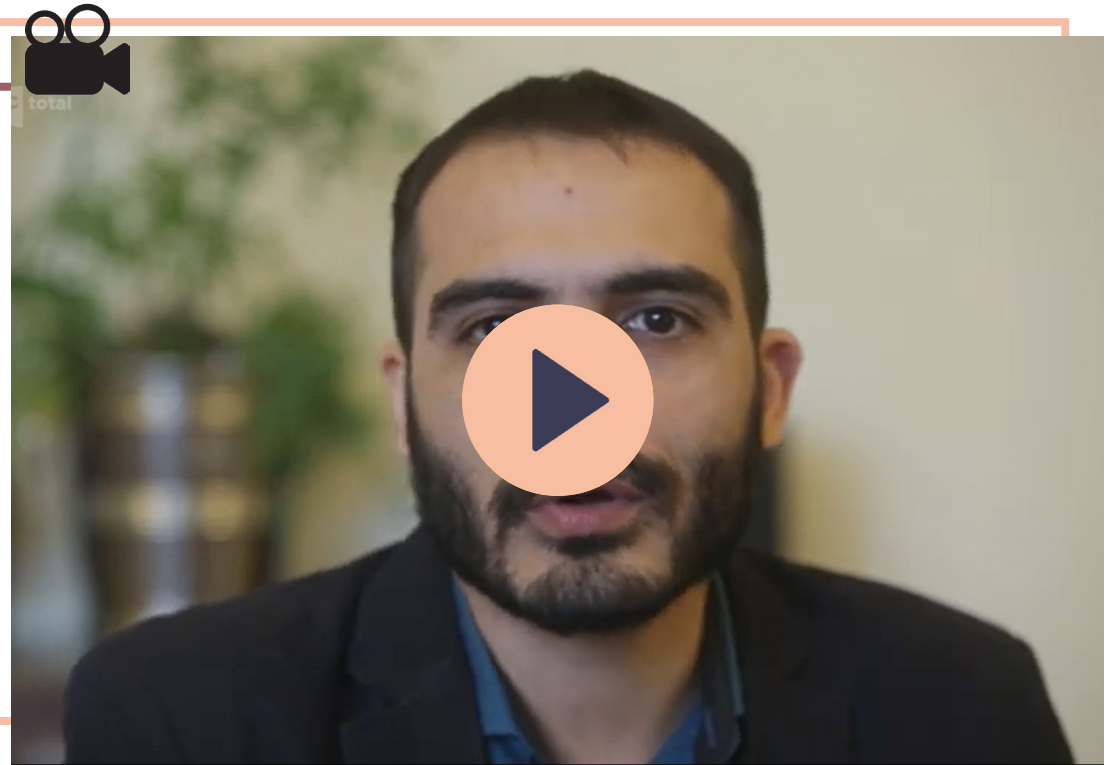
Apesar das conquistas e reconhecimentos de seu currículo, não há somente vitórias. Em 2004, recém-formado, Upiara decidiu partir para São Paulo em busca de emprego. Durante seis meses procurou por oportunidades de trabalho, sem êxito. Ao fim desse período, voltou para Santa Catarina. Mais tarde, já na *NSC*, pensou em mudar completamente de carreira, pois não via avanços profissionais e lhe faltava incentivo na empresa. “Sonhei o sonho errado”, desabafou, desta vez citando o ex-deputado federal Fernando Gabeira. Era exatamente o que Upiara sentia na época. Mas para sua satisfação, houve mudança no comando editorial do jornal, o que lhe proporcionou ter sua coluna fixa e diária no jornal *Diário Catarinense*, trabalho pelo qual é muito reconhecido.

Assista ao vídeo do quadro
Vamos Conversar? Onde
Upiara responde a perguntas
de seus leitores do *NSC Total* |
Fonte: *NSC Total*.



Hoje, além de sua coluna no *DC*, Upiara tem seu programa de entrevistas em vídeo, o *Cabeça de Político*, na *NSC Total*, disponível também no *YouTube*. Na área de podcast, realiza conversas sobre esporte, cultura e política em conjunto com os jornalistas Chico Lins e Mariana da Ávila, o *Fora do Tom*. Além disso, gosta de manter contato direto com seu público através das redes sociais. Na contramão dessas atividades, o jornalista mantém um blog, Upiara Lado B, de poemas e reflexões que brotam “bêbado e durante a madrugada”, brinca.

Assista ao vídeo do programa *Cabeça de Político*, em que Upiara entrevista o governador (afastado em outubro de 2020) Carlos Moisés da Silva.



O sucesso de Upiara deve-se também ao conjunto de fontes conquistadas ao longo dos anos, uma importante rede de contatos que o faz ouvir as pessoas certas na hora certa, e que se soma à responsabilidade que sempre teve e demonstrou para com seus entrevistados e público. “Posso elogiar e posso criticar, é meu trabalho, há sempre um porquê. E se eu fizer uma crítica pesada, essa crítica é minha, eu explico e assino por ela”. O jornalista reforça, com essa afirmação, a liberdade profissional de que dispõe como jornalista que lida quase que exclusivamente com a cobertura política, um território nem sempre tranquilo e fácil de transitar por todos os lados. Mas não para ele. “Não devo nada a ninguém”, orgulha-se.

REALIZAÇÃO

AS ORGANIZADORAS

Melina de la Barrera Ayres: Formou-se em Jornalismo na Universidade Católica do Uruguai. Em Montevideu, trabalhou como repórter de TV e assessora de imprensa em diversas organizações. Veio de “mala e cuia” - como dizem os gaúchos - para Florianópolis em 2007, perseguindo o sonho de continuar sua formação. Naquele ano ingressou na primeira turma do Mestrado em Jornalismo da UFSC, logo fez o Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, também na instituição. Em 2016 voltou ao JOR UFSC como pós-doutoranda e dali não saiu mais. Docente do Curso de Jornalismo desde 2017, ano em que iniciou o trabalho como substituta, foi efetivada na UFSC em 2018. Tem se dedicado às disciplinas da área de Apuração, Redação e Edição. Nesse percurso, a escrita de perfis, na disciplina da terceira fase, tem sido uma experiência riquíssima, que oportuniza a produção jornalística voltada às histórias de vida.

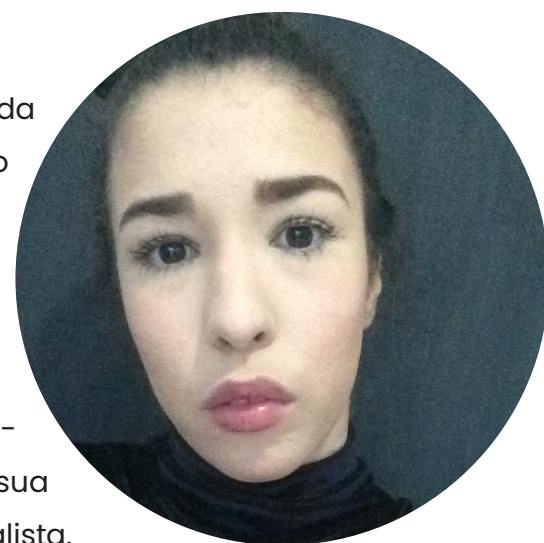


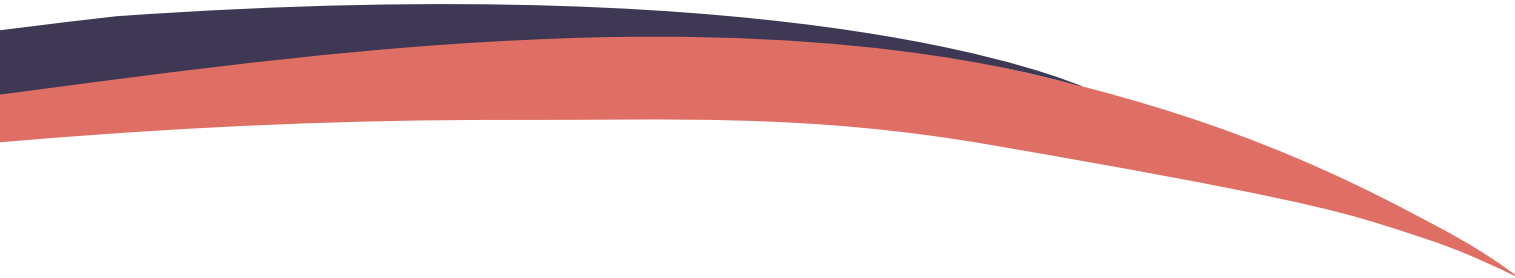
Valentina da Silva Nunes: Egressa do curso de Jornalismo da UFSC, hoje é professora no mesmo departamento em que se formou em 1985, sob a batuta dos docentes que primeiro lhe mostraram o papel transformador do Jornalismo: mestres como Adelmo Genro Filho, Daniel Herz, Sergio Mattos e Eduardo Meditsch (homenageados no primeiro volume de *Estrelas do Aquário*) e Francisco José Castilhos Karam (perfilado neste segundo volume). Doutora em Literatura, depois de ouvir muitas histórias e escrever outras tantas em jornais e revistas de Santa Catarina e de São Paulo, em 2017 deixou o mercado de livros, onde trabalhou por 15 anos, decidida a contribuir com a tradição de um curso lembrado sempre por formar jornalistas cidadãos.



OS REPÓRTERES

Caroline Amarante Maié: Estudante da quinta fase de Jornalismo. Escolheu o Curso por ter interesse na escrita e por desejar usá-la como forma de se expressar, quando não se sente segura em falar. Escolheu o Felipe Sales como perfilado porque admira seu amor pelo telejornalismo e a sua perseverança na carreira como jornalista.





Eduardo Vargas: Aluno da quinta fase do curso, possui afinidade com redação e telejornalismo, especialmente em áreas mais tradicionais, como política e economia. Possui apreço por tudo que envolve palavras e não nega sua atração por cultura e tecnologia. Optou por perfilar Moacir Pereira, pois o mesmo trabalhou com as áreas nas quais ele tem interesse e por ter sido uma figura relevante para a fundação, e consequentemente, para a existência do Curso.



Gabriela Franco Pineda: Escolheu o Jornalismo pela paixão por esporte, em especial o futebol. Porém, em três semestres de Curso, desenvolveu grande apreço pela área política. Simpatiza com o radiojornalismo e a escrita. Escolheu perfilar a professora de fotojornalismo Flávia Guidotti pelo comum interesse em coberturas jornalísticas de abrangência social, como questões feministas e antirracistas.

Isabela Freire Braga: Aluna da quinta fase, gosta de todas as disciplinas do Curso de Jornalismo, porém, tem preferência e facilidade com redação. Escolheu perfilar a professora Daiane Bertasso devido à grande admiração que possui em relação a sua postura em sala de aula e como pessoa.



João Scheller: Aluno da quinta fase de Jornalismo. Tem interesse por diversas áreas, com foco na cobertura política e internacional, além do jornalismo literário. Decidiu contar a história de Lúcia Helena Vieira por achar importante reviver os primeiros anos do Curso e mostrar a imprevisibilidade do futuro frente aos nossos planos.



Júlia Matos : Inspirada pelos incontáveis caminhos oferecidos pelo Jornalismo, Neste volume de *Estrelas do Aquário*, Júlia decidiu se aventurar a produzir dois perfis de profissionais extremamente competentes e admiráveis: Mayara Vieira e Upiara Boschi. A estudante possui um carinho especial por este gênero jornalístico devido à possibilidade de conhecer a fundo a história de uma pessoa, suas lutas, fracassos e vitórias.

Juliana Jacinto: Apreciadora de boas histórias. Acredita que as melhores venham dos lugares mais inesperados, só é preciso paciência para achar e cuidado para ouvir. Escolheu o Jornalismo para ser livre e se libertar através das palavras. Perfilou o técnico em audiovisual Peter Lobo pela profunda admiração que tem por seus princípios e a crença de que ele faz do Jornalismo UFSC um lugar melhor.





Leticia Silva: Na quinta fase do Curso de Jornalismo da UFSC, Leticia decidiu perfilar a jornalista Laine Valgas, devido à admiração pela comunicadora desde a adolescência. Apesar do desejo em seguir o caminho do Jornalismo esportivo, soube reconhecer e aproveitar a grande oportunidade de escrever sobre uma das melhores profissionais do Brasil.

Luana Pillmann: Aluna da quinta fase que sempre gostou de fotografia — o que, inclusive, a motivou a entrar no Jornalismo. Ao longo da graduação, essa afinidade se consolidou e, justamente por isso, escolheu perfilar a professora substituta e ex-aluna do Curso, Cristiane Fontinha. Nas suas aulas, se identificava com as histórias e gostava da ideia de atuar como fotojornalista. Acredita, sobretudo, no poder da informação compartilhada.





Luana Santos: Aluna da quinta fase, gosta das letras e das artes, assim como seu perfilado, Emerson Gasperin. Acredita que histórias mudam quem conta, quem lê e quem escreve. Este foi um dos muitos motivos pelo qual escolheu o Jornalismo. O processo deste perfil trouxe um crescimento muito grande para a estudante.

Marcos Andrade: Cursou quatro semestres de Administração Pública na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), mas resolveu sair do curso por querer trabalhar com áreas que explorassem mais o seu interesse por escrita e leitura. Optou por Jornalismo, em vez de Direito, e ingressou na UFSC no segundo semestre de 2019. Também cursa Letras Português na universidade Estácio de Sá. Conheceu o professor Rogério Christofolletti através das aulas de Ética e Deontologia. O professor chamou sua atenção pelo entusiasmo e o jeito descontraído de dar aula.





Mariana Cerdeira Machado: Aluna da quinta fase, apaixonada por Jornalismo esportivo, rádio e TV. Acredita que o Jornalismo é uma forma de dar voz às histórias das pessoas. Escolheu perfilar a professora Stefanie Carlan da Silveira pela afinidade e admiração que adquiriu ao longo de uma disciplina e de uma monitoria no *Cotidiano*, na qual a professora era sua coordenadora.

Pâmella Andressa: Estudante de Jornalismo, falante e apaixonada por música, rádio e telejornalismo, escolheu fazer o perfil de Francisco José Castilhos Karam por curiosidade. Queria conhecer mais da pessoa por trás do autor de tantas obras estudadas no decorrer de seus dois anos de Curso.





Vitória de Moraes Horn: Escolheu o Jornalismo desde criança e a cada dia se apaixona mais pela profissão. Aluna da terceira fase, sonha alto para conseguir alcançar seu objetivo de ser uma grande repórter. Simpatizou com a produção gráfica e o telejornalismo. Escolheu perfilar a ex-aluna Raquel Camila Brandalise, porque queria conhecer a história de uma mulher que já passou por diferentes redações conhecidas por jornalistas e, hoje, vive seu grande sonho.



Florianópolis, 2021.